



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- PPGH

Aves de arribação – o processo de “importação” de jogadores na cidade do Recife: conquistando glórias a preço de ouro. (1915- 1920)

RODRIGO CARRAPATOSO DE LIMA

Recife

Agosto /2013

RODRIGO CARRAPATOSO DE LIMA

Aves de arribação – o processo de “importação” de jogadores na cidade do Recife: conquistando glórias a preço de ouro. (1915- 1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria do Socorro Abreu e Lima

Recife/2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

L732a Lima, Rodrigo Carrapatoso de.
Aves de arribação : o processo de "importação" de jogadores na cidade do Recife : conquistando glórias a preço de ouro (1915-1920) / Rodrigo Carrapatoso de Lima. – Recife: O autor, 2013.
197 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Abreu e Lima.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em História, 2013.
Inclui referências.

1. História. 2. História social. 3. Futebol. 4. Jogadores de futebol. 5. Profissionalismo nos esportes. I. Lima, Maria do Socorro Abreu e (Orientadora). II. Título.

900 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2013-117)



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO RODRIGO CARRAPATOSO DE LIMA

Às 9h do dia 23 (vinte e três) de agosto de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Rodrigo Carrapatoso de Lima** intitulada "**Aves de arribação – o processo de "importação" de jogadores na cidade do Recife: conquistando glórias a preço de ouro. (1915-1920)**", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Maria do Socorro de Abreu e Lima (orientadora), José Bento Rosa da Silva e Luiz Anastácio Momesso. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. George Felix Cabral de Souza, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 23 de agosto de 2013.

Profª. Drª. Maria do Socorro de Abreu e Lima

Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva

Prof. Dr. Luiz Anastácio Momesso

Prof. Dr. George Felix Cabral de Souza

Sandra Regina Albuquerque

Aos mestres de minha vida: a minha mãe Amélia, ao
meu avô Jaime e minha avó Joaquina.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida.

Às Professoras Socorro Ferraz e Ana Catarina, o reconhecimento de quem se sente muito grato pelo apoio dado à realização da pesquisa.

Aos meus amigos e colegas de trabalhos, Edilson, Gilca, e Marcos, que colaboraram para que eu pudesse trilhar no exame das fontes.

Ao Departamento de História desta Universidade, pela minha formação acadêmica. Em especial, à Professora Socorro Abreu que me aceitou nesta empreitada. Deixo aqui registrado o meu respeito e admiração por ela.

Ainda, à Sandra Albuquerque, dedicada secretária do Programa de Pós Graduação em História, pela aplicação e eficiência como servidora pública.

Agradeço aos professores Momesso e Bento, minha banca de qualificação, por suas sugestões e comentários essenciais para que esta dissertação pudesse ser concluída com êxito.

Estendo minha gratidão a Rinaldo e João, pela camaradagem responsável também pela concretização deste trabalho.

Pelo acolhimento sem o qual essa dissertação não se efetivaria, aos servidores da Fundação Joaquim Nabuco, aqui representados pela bibliotecária Virgínia Barbosa.

À Federação Pernambucana de Futebol, em especial ao funcionário da Alexandre pela atenção dedicada.

Aos meus amigos e amigas pelo companheirismo e cumplicidade essenciais no meu dia-a-dia. Não cito nomes, para não correr o risco de esquecer algum, mas sem vocês o aprendizado diário não seria possível.

Agradeço acima de tudo à minha família. Os meus irmãos, Alexandre e Jaime e a minha companheira Marcela, meu maior tesouro. Amo vocês!

Por último, dedico esta dissertação aos mestres de minha vida: a minha mãe Amélia, ao meu avô Jaime e minha avó Joaquina. Eles que, com amor e carinho, sempre estão presentes em minha vida.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o processo histórico que teve no par conceitual amadorismo e profissionalismo sua configuração principal. O período estudado inicia-se em 1915 com a criação da Liga Sportiva Pernambucana (LSP) e finda no ano de 1920, no momento em que acontece grande embate em torno do possível profissionalismo que acontecia no seio da agora Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT). Na concepção de uma imaginada civilidade, a assimilação do hábito e costume europeu de praticar o futebol por parte da elite foi essencial. No entendimento do ideal amador os jogadores de futebol eram símbolos de desenvolvimento moral e físico. Visto como entretenimento da ociosidade, a prática do futebol não era compatível com o lucro. O amadorismo, tido com o ato de não receber qualquer tipo de provento para exercer a atividade futebolística, era tratada com uma premissa fundamental a ser seguida. E foi já no seu segundo ano de existência que a Liga se viu diante de uma transformação: a chegada de jogadores para reforçar uma equipe. A “importação” de jogadores de Estados como Rio de Janeiro e São Paulo era vista como a implantação do profissionalismo na Liga, pois havia a suspeita de que esses tinham suas despesas pagas pelos grandes coronéis que estavam a frente dos clubes aos quais jogavam. Estava desencadeada uma tensão no meio esportivo pernambucano em geral irrompendo uma campanha anti-profissionalista por parte de alguns membros da Liga. Na tensa discussão frente à legalidade desse advento de jogadores “importados”, ficou claro o temor de que o profissionalismo pudesse corromper os valores educativos e morais que foram implantados pelos ideais amadores. Essa argumentação frente à funcionalidade do futebol deu indícios de que se tratava de uma tentativa de barrar a sua popularização. Dessa forma a “importação” deveria ser estagnada e as “aves de arribações”, como eram chamados os jogadores que mudavam de equipes, eliminadas do meio desportivo pernambucano. A pesquisa e a reflexão aqui exposta nesta dissertação que ora se apresenta se constitui num esforço de desenvolver estudo num objeto de investigação ainda pouco trabalhado em Pernambuco.

Palavras-chave: história do futebol – profissionalismo – amadorismo.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the historical process that had the conceptual pair of amateurism and professionalism its main configuration. The analyzed period begins in 1915 with the creation of the Liga Sportiva Pernambucana (LSP) and ends in 1920, when it is happening great discussion around the possible professionalism occurred within the now called Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT) In the conception of an imagined civility, the assimilation of habit and praxis of European football practice on the side of the elite was essential. In understanding of the amateur's ideal, football players were symbols of moral and physical. Seen as idle entertainment, football practice was not consistent with profit. The amateurism, seen as the act of not receiving any incomes to play football, was treated as a fundamental premise to be followed. In its second year of existence the League had already faced a transformation: the arrival of players to reinforce a team. The "importation" of players from States like Rio de Janeiro and São Paulo was seen as the introduction of professionalism in the league, because there was a suspicion that these players had their expenses paid by powerful colonels who were ahead of the clubs they were playing. This fact triggered a tension in the field of sports in Pernambuco, breaking an anti-professionalism campaign by some members of the League. In the tense discussion on the subject of whether the advent of "imported" players was legal or illegal, it was clear the fear that professionalism could corrupt the moral and educational values that were deployed by the amateur ideal. This argument against the functionality of football gave evidence that it was an attempt to stop its popularization. Thus the "importation" should be stopped and the "flitting birds", as the players who changed from team to team were called, eliminated from Pernambuco sports atmosphere. The research and reflection here exposed in this presented thesis consist in an effort to develop a study in a subject still not very much researched in Pernambuco.

Keywords: football history - professionalism - amateur

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Diretor Thomé Gibson.....	21
IMAGEM 2 – Time do America Foot-ball Club – Rio de Janeiro.....	53
IMAGEM 3 - O <i>team</i> pernambucano.....	67
IMAGEM 4 – Troféu de bronze.....	68
IMAGEM 5 - Família vai ao jogo.....	91
IMAGEM 6 – O team do Botafogo (RJ).....	93
IMAGEM 7 - Propaganda da venda de ingressos.....	94
IMAGEM 8 – Venda de material esportivo.....	103
IMAGEM 9 - Síntese que levou gradativamente ao profissionalismo dos jogadores de futebol em Pernambuco.....	118

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Composição tática e ocupações profissionais dos jogadores do America Foot-ball Club – Rio de Janeiro.....54

TABELA 2 – Os campeões do período.....117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.F.C – America Foot-ball Club

D.P - Diário de Pernambuco

F.P.F – Federação Pernambucana de Futebol

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

I.A.H.G.P – Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano

L.P.D.T – Liga Pernambucana de Desportos Terrestres

L.S.P – Liga Sportiva Pernambucana

R.J – Rio de Janeiro

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
I.I – O futebol como objeto da História.....	12
I.II - Referencial teórico.....	16
I.III – Metodologia da pesquisa.....	20
CAPÍTULO 1	24
A chegada do século XX.....	24
<i>Football</i> , símbolo de elegância e sofisticação.....	30
O tão interessante e agradável futebol: a criação da Liga.....	39
O Recife vai enveredando pelo caminho reto da.....	52
civilização: a chegada do America (RJ).....	52
CAPÍTULO 2	61
O início da bifurcação amadorismo/ profissionalismo.....	61
As brechas vão aumentando.....	65
As aves de arribação.....	73
A secca no sertão sportivo – as aves de arribação.....	75
O caso do Allemãosinho.....	80
O que já é foot-ball em nossa terra.....	83
As instalações físicas.....	87
Contra a importação de jogadores.....	89
Quem vencerá: o rubro-negro ou o alvi-verde?.....	90
CAPÍTULO 3	93
CAPÍTULO 3	93
O epílogo de uma campanha.....	93
1920 – Um ano agitado.....	103

CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

I.I – O futebol como objeto da História

Que se pode concluir do facto de um tipo de passatempo inglês chamado “desporto” ter determinado, principalmente no século XIX e XX, o padrão de um movimento de lazer de dimensão mundial? (BOURDIE, 1985, p. 191)

No início do século XX um novo esporte emergiu na sociedade brasileira. O *football*, grafado ainda em inglês, alcançou difusão e popularização impensada para a época, chegando aos dias de hoje a diferentes brasileiros das mais diversas origens e posições sociais.

Na atualidade parece natural que qualquer brasileiro possa jogar futebol, mas na realidade este processo foi resultado de décadas de tensão e embate dentro e fora do campo. As disputas em torno de uma bola eram muito mais que um jogo, sendo um campo próprio de articulação e expressão de conflitos.

A escolha do futebol como um tema de pesquisa histórica levou a certas dificuldades. Tratando-se de um novo tema de investigação, o futebol é tratado com um assunto frívolo e sem relevância por alguns.

Apesar do sucesso alcançado pelo esporte, essa é a uma questão que só recentemente começa a merecer por parte de pesquisadores e estudiosos maiores atenções. No caso brasileiro, esse descaso reflete-se na desimportância que o tema assumiu na historiografia. Por mais que o jogo seja vivido como um fenômeno nacional, poucos são os trabalhos que tem procurado formar sobre ele uma compreensão histórica mais aprofundada (PEREIRA, 2000, p.15).

Esta dissertação tem como objetivo analisar o processo histórico em Pernambuco que teve no par conceitual amadorismo e profissionalismo sua configuração principal. O período estudado inicia-se com a criação da Liga Sportiva Pernambucana (LSP) em 1915¹ e finda no ano de 1920, no momento em que acontece

¹ Neste mesmo ano, em agosto, ocorre também a criação da Liga Sportiva Recifense. Embora a intenção deste trabalho seja acompanhar os feitos da Liga Sportiva Pernambucana, cabe aqui um adendo. Diversos

grande embate em torno do possível profissionalismo que acontecia no seio da agora Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT).

Foi já no seu segundo ano de existência que a Liga se viu diante de uma transformação: a chegada de jogadores para reforçar uma equipe. Começou aí uma tensão no meio esportivo pernambucano em geral desencadeando uma campanha anti-profissionalista por parte de alguns membros da Liga.

A disputa entre clubes pernambucanos para a formação de equipes mais competitivas com jogadores mais experientes e preparados, advindos principalmente de centros esportivos do sudeste do Brasil, ameaçava romper com o amadorismo. A “importação” de jogadores de Estados como Rio de Janeiro e São Paulo era vista com a implantação do profissionalismo na Liga.

Segundo o ideal amador, os jogadores de futebol eram símbolos de desenvolvimento moral e físico de uma elite urbano-industrial. Seus principais objetivos eram o prazer e o divertimento, tendo a prática futebolística uma perspectiva de lazer. Justifica-se a prática de exercícios físicos como extremamente importantes para o desenvolvimento de “uma nação sadia e forte, valorizando os princípios de um axioma repetido à exaustão no período: *“mens sana in corpore sano”*” (Pereira, 2000, p.44).

Espírito de disciplina, decisão, iniciativa, solidariedade e abnegação. Mais do que dá forma a corpos mais fortes e robustos, o futebol geraria [...] a formação de indivíduos com um maior desenvolvimento moral. Tratava-se da tradução perfeita do espírito das teorias higiênicas, que fazia do físico e do intelecto duas esferas indissociáveis. [...] De foot-ballers, os praticantes do jogo de bola, apoiados nos ditames da higiene, tornavam-se verdadeiros sportmen- fazendo da causa nobre do esporte a justificativa primeira de sua defesa da nova modalidade esportiva (PEREIRA, 2000, p. 52-53)

As disputas entre os clubes, as rivalidades e as paixões seriam, ou pelo menos deveriam ser, secundárias frente ao “desenvolvimento da raça”. O discurso amadorista era pautado na máxima “o importante é competir”.

eram os grupos sociais que praticavam o futebol. Do mesmo modo que os clubes da elite dominante organizaram e montaram seus jogos e campeonatos, os chamados clubes de várzea também proliferaram. Porém os jornais consultados deste período trazem poucas informações de jogos não organizados pela Liga Sportiva Pernambucana, o que dificultaria deveras uma pesquisa em relação a esse futebol “não oficial”.

Esse cenário, diante da organização de campeonatos oficializados, direcionava-se para mudança. A busca pela vitória emerge a necessidade de jogadores cada vez mais qualificados. Assim, as disputas ficavam cada vez mais acirradas, o que despertava maior interesse do público criando um efeito cíclico.

O campo futebolístico alcançava uma dinâmica marcada pela tensão entre amadorismo e profissionalismo com a crescente seriedade com que eram vistas os embates. Com o aumento do nível técnico das equipes no Recife, com a chegada de jogadores “importados”, se iniciava

um período econômico no futebol, que a historiografia denominou profissionalismo marrom (ou semiprofissionalismo), perdurando, aproximadamente, até o início da década de 1930, quando efetivamente se deu a profissionalização do jogador de futebol (CAPRARO, 2012, p.534)

O amadorismo, tido com o ato de não receber qualquer tipo de provento para exercer a atividade futebolística afastava (ou pretendia afastar) grupos mais pobres, freando assim a popularização do futebol e mantendo as barreiras de distinção social e de espaço de *status*. Visto como entretenimento da ociosidade, o futebol não era compatível com o lucro. Cabia aos estatutos manter afastadas essas pessoas indesejáveis que não compreendiam essa nobre finalidade do jogo.

Cada vez mais, a necessidade de vitórias era questão de sobrevivência para os clubs, que se pegavam obrigados a atrair os melhores jogadores para seus quadros. [...] Isso não apenas implicou o estreecimento de barreiras econômicas, sociais e raciais que definiam um “perfil ideal” para os atletas, como disseminou por praticamente todos os clubs como a oferta de dinheiro e outras vantagens para aqueles que viessem a vestir sua camisa. A suposta essência do esporte, o amadorismo, era solapada pela realidade [...] (FRANZINI, 2003, p. 60-61)

Admitindo-se que o profissionalismo colocava em jogo o ideal educativo e moral que pretendia elevar o valor da raça brasileira. O interesse pecuniário era questionado frente aos interesses civilizatórios do futebol.

A desconfiança sobre a moralidade deste interesse era nítida, pois o homem que luta por dinheiro podia ser corrompido. Há um temor explícito de que o

profissionalismo possa corromper os valores educativos e morais que foram implantados pelos ideais amadores. Dessa forma o combate à “importação” de jogadores foi objeto de intensa campanha organizada no período estudado.

A restrição à entrada de aves de arribação, como eram chamados os jogadores que “voavam” de um clube para outro, foi uma preocupação recorrente na Liga durante o período estudado.

Apesar de que, de modo demagógico, algumas ligas e clubes sustentassem que o futebol ainda se tratava de uma prática amadora, pois, entre outras características fundamentais, os seus estatutos proibiam a presença de jogadores que recebessem qualquer benefício que configurasse uma remuneração para jogar. Entretanto, não raro, estas mesmas agremiações e entidades burlavam tais restrições, contando até mesmo com o aparecimento de ganhos extras, tais como recompensas, popularmente conhecidas como *bichos* (CAPRARO, 2012, p.542).

I.II - Referencial teórico

[...] o futebol foi introduzido sob o signo do novo, pois, mais do que um simples "jogo", estava na lista das coisas moderníssimas: era um "esporte". Ou seja, uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo - esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização (DA MATTA, 1994, p. 1).

Como objeto de estudo, o futebol passa pela interdisciplinaridade. A opção para a linha de análise desta pesquisa constituiu na teoria elisiana com a tentativa de alinhar um caráter sociológico e histórico simultâneo.

“A busca da excitação” foi uma obra essencial nesta pesquisa histórica, pois a mesma desenvolve alguns conceitos específicos sobre o esporte, especialmente o futebol. Nobert Elias e Eric Dunning centrados, principalmente, na sociedade europeia, analisam, a partir do desporto, o processo de civilização.

Essa abordagem apresenta argumentação no sentido de mostrar que o esporte surge como elemento de um processo cultural mais vasto, o processo civilizador dos costumes.

No desenvolvimento do processo civilizatório, para Nobert Elias, o esporte moderno foi uma forma de polir os instintos humanos, tal qual a violência e a agressividade, pois o fortalecimento do autocontrole era necessário para a vida em sociedade. A disputa esportiva desta forma seria, portanto, um confronto físico sem conflito direto, ou seja, uma luta sem causar ferimentos, uma batalha sem derramamento de sangue.

Dentre as transformações dos hábitos e costumes das sociedades ocidentais, Nobert Elias analisa o surgimento do esporte moderno associando-o ao que chamou de “processo civilizador”.

No curso da história ocidental, o esporte passou de atividade de lazer a um ramo em que a lógica basilar é o acúmulo de capital, surgindo a possibilidade do profissional esportivo. Antes considerado um meio de entretenimento, uma forma de se praticar atividade física para as populações sedentárias, o futebol como se conhece atualmente, é fruto das sociedades competitivas instauradas com a revolução industrial. A propagação

a partir da Inglaterra de padrões de produção industrial, de organização, de trabalho e das formas de ocupação do tempo livre através do desporto foi notável.

À medida que os esportes se propagavam, os seus significados iam se ampliando e se diversificando. Nas sociedades capitalistas, a maioria das práticas esportivas tomou uma nova dimensão, assumindo feições mercantis, deixando de ser uma atividade recreativa das elites e se transformando num produto a ser comercializado.

Dentro deste processo tivemos a tensão entre o carácter amador e o profissional da prática futebolística. Para Nobert Elias a crescente tendência da seriedade e a presença de espectadores fez com que o desporto “*jogo*” se transformar-se em “*espetáculo*”.

Num desporto, é mais provável que o elemento jogo seja seriamente ameaçado quando os jogadores se tornam *dependentes* dos espectadores — ou de ações externas, tais como interesses comerciais de grupos ou do Estado —, de recompensas financeiras e de outras. (ELIAS, 1992, p. 315).

Utilizamos nessa dissertação a definição de amadorismo encontrada na obra elisiana correspondente a realidade britânica e que é apresentada como o “*ethos amador*”.

O *ethos* amador é a ideologia desportiva dominante na Grã-Bretanha moderna e penso que estarei certo ao afirmar que é a dos grupos dirigentes do desporto em todo o mundo, por exemplo, os do Comitê Olímpico Internacional e das suas várias delegações nacionais. O componente principal deste *ethos* é o ideal da prática de desportos «por divertimento». Outros aspectos, como o *fairplay*, a aderência voluntária as regras e a participação desprovida de qualquer interesse pecuniário são, no essencial, aspectos subordinados, designados no sentido de facilitar a concretização desse fim — fazer das provas desportivas «combates simulados», através dos quais se pode dinamizar a excitação. (ELIAS, 1992, p.312)

Nobert Elias sugere que a ameaça de dissolução do *ethos* amador pela embrionária profissionalização na Grã-Bretanha no final do século XIX deixou nítida “*hostilidades de classe*”. A incipiente profissionalização atraiu para o âmbito do desporto “*os grupos de baixo estatuto da classe média e das classes de trabalhadores*”

e fez com que o *ethos* amador cristaliza-se como uma “*ideologia elaborada e articulada*”.

Isto é, constituía uma representação coletiva, desenvolvida pelos membros de uma coletividade em oposição aos membros de outra que consideravam uma ameaça, quer em relação à sua proeminência organizativa e de jogo quer quanto as formas de desporto, tal como entendiam que devia ser praticado. Em resumo, estou a sugerir que, embora a *elite* das escolas públicas tentasse manifestar a sua afirmação de acordo com os termos específicos do desporto, pretendendo que estaria apenas interessada em preservar aquilo que considerava como essencial, ou seja, o carácter do desporto «orientado para o divertimento», hostilidades de classe e regionais e o ressentimento quanto a perda do seu antigo domínio desempenharam um papel importante na sua articulação da moral amadora como uma ideologia explícita. (ELIAS, 1992, p. 315)

Em “Os Estabelecidos e os *Outsiders*” (2000), em co-autoria com J. Scotson, Nobert Elias apresenta um estudo de uma pequena cidade ao sul da Inglaterra, de nome fictício Winston Parva, analisando as relações entre moradores dos bairros desta cidade.

Nota-se que, por detrás da aparente semelhança existente entre os residentes de duas das áreas da cidade, profundas disparidades foram verificadas entre seus grupos, uma vez que os habitantes de um território mais antigo consideravam-se superiores aos demais pelo simples fato de habitarem o local há mais tempo.

Não havia diferenças étnicas, de desenvolvimento econômico ou educacional, nem mesmo de atividade profissional entre esses sujeitos, mas, mesmo assim, os habitantes da “aldeia” (chamada assim por eles próprios), negavam-se a manter contato com os recém-chegados da outra localidade, o “loteamento”, exatamente pelo fato de serem recém-chegados, de serem *outsiders* na terra daqueles estabelecidos.

Há nesta obra elisiana, portanto, uma crítica aos métodos quantitativos que isolam variáveis e indicadores. A partir de indicadores sociais, como renda e ocupação, estas duas localidades eram homogêneas entre si, mas não era essa percepção que os moradores tinham.

Essa análise nos fornece elementos significativos para a diferenciação que havia entre os jogadores de futebol na Liga pernambucana. De um lado estavam as “crias da casa” e do outro os “importados”. Ao estigmatizar os “importados” (“outsiders”), os

estabelecidos pretendiam reforçar a imagem de superioridade, sua identificação e integração dentro do grupo.

De forma contraditória, aqueles que defendiam o amadorismo fomentavam o profissionalismo, pois à medida que ajustavam equipes mais competitivas, estes atraíam cada vez mais espectadores, o que gerava receita através das bilheterias.

A evolução do futebol profissional no Brasil é um exemplo clássico da gravitação inevitável de uma trajetória que está ligada ao jogo como espetáculo de massa. Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas tomaram-se as vitrinas dos clubes, que, como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores. (ROSENFELD, A. op. cit., p. 84.)

Embora o profissionalismo em Pernambuco só tenha vindo oficialmente no ano de 1937, através da inscrição do jogador Luiz Zago (ALVES, 2000, p.243), do Central de Caruaru, o pagamento disfarçado parece ter sido usado em anos anteriores.

No período estudado apareceram denúncias de que jogadores recebiam algum tipo de remuneração para defender determinado clube de futebol. Dessa forma, estes não eram considerados efetivamente amadores.

Esse "modelo elitista" tinha como princípio básico que a prática de futebol fosse originalmente recreativa e que de nenhuma forma houvesse retribuição financeira, pois assim estaria maculado o caráter amadorístico que defendiam.

Essa querela em relação à legitimidade/finalidade da prática esportiva, concretizada na confrontação entre amadorismo e profissionalismo é denominada por Bourdieu como uma "disputa ideológica".

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo- de elite- contra esporte popular de massa- etc. (BOURDIEU, P. "Como é possível ser esportivo?", in: *Questões de Sociologia*. Marco Zero, 1983, p. 141).

I.III – Metodologia da pesquisa

Para realizarmos essa pesquisa histórica e documental, foram consultados os periódicos pernambucanos de circulação na época e disponíveis no setor de microfilmagem na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), a saber: Diário de Pernambuco, Jornal do Recife e Jornal Pequeno. Este último foi mais intensamente utilizado por se tratar de um jornal vespertino e, portanto, ter mais informações em relação aos acontecimentos do dia anterior.

Ao utilizar este tipo de fonte histórica, estivemos atentos ao artigo da Professora Tânia Luca. Em a “História dos, nos e por meio de periódicos” (In: Pinsky, 2008), Tânia Regina de Luca faz um estudo dos periódicos como fontes de pesquisa. Segundo a professora, “*até a década de 70 eram raros os trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da História no Brasil.*” (p.111).

Tânia Luca nos traz que a prática historiográfica no início do século XX tinha como ideal a “*busca pela verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos*”. Estabeleceu-se que o historiador “*deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo*”. Dessa forma, os jornais não seriam fontes de pesquisa, pois deles somente se conseguia “*imagens parciais, distorcidas e subjetivas*” (p.112).

Essa visão em relação aos jornais passou a ser questionada a partir dos anos 30, mas o reconhecimento da imprensa como fonte de pesquisa só veio a ser concretizado na 3ª geração da Escola de *Annales* e a partir da década de 1970 o jornal se tornou fonte de pesquisa histórica. Nas palavras de Tânia Luca a renovação temática nas décadas finais do século XX fora um “*vendaval causado pela História Nova*” (p.113).

Ao utilizar o jornal como fonte histórica, devemos estar vigilantes aos interesses de quem o produz. É preciso identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, pois esta atende determinadas classes sociais, através de sua ideologia.

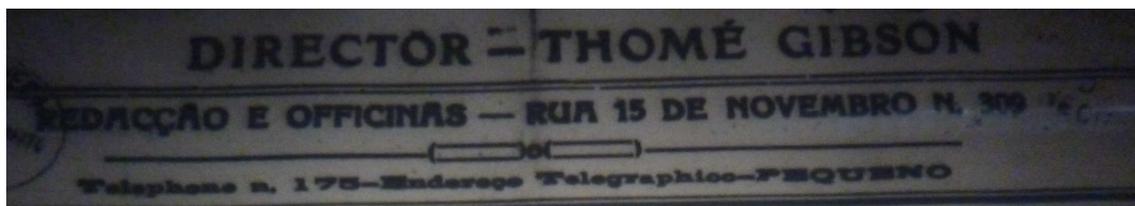
O vespertino recifense Jornal Pequeno teve seu primeiro exemplar datado a 24 de junho de 1899. Já em fevereiro do ano de 1900 foram admitidos “*Thomé Gibson e Domingos Magarinos de Sousa Leão passando o jornal a ser “propriedade de uma empresa”, esta constituída dos dois novos redactores e dos antigos Júlio Falcão e Paulo de Arruda*”.

Tentando demonstrar uma suposta imparcialidade, assim foi definida a nova direção do Jornal Pequeno:

Republicana por consciência e por coração, abjura toda a influencia de partido; não fara coro com a grita apaixonada dos oposicionistas ao governo nem tão pouco deixar a passar em silencio os atos do poder carecedores de censura. Não se quedara diante das violências da autoridade; e, tendo o amor por principio e a ordem por base, **empenhar-se- a na luta pela consolidação da estrutura politica e social**, com as garantias que Ihe facultam o Dever e a Lei. Sem animo de vinditas e sem calculo de garantir interesses nas desgraçadas flutuações partidárias, saber aclamar contra a decretação de leis vexatórias e empregar os meios eficazes na defesa dos direitos postergados, mas com toda a decência da frase, com todo o respeito à moral e não com a insolência e injuria que viciam e corroem o amago mesmo do jornalismo e profanam o santuário da nossa teologia republicana [grifo meu]. (NASCIMENTO, 1966, p. 378)

Goçando de grande prestígio na alta sociedade, na trajetória do Jornal Pequeno, um nome ficou a frente de sua direção conforme figurava em seu cabeçalho: Thomé Gibson.

IMAGEM 01 - Diretor Thomé Gibson



Fonte: Jornal Pequeno, 16 jan.1919 – Capa.

Thomé Joaquim de Barros Gibson, um dos dez filhos de Alfred Gibson e Francisca Adelaide do Rego Barros². Nascido em 1872, o bacharel em Direito Thomé Gibson começou a se dedicar ao jornalismo ainda quando era acadêmico e ocupou posteriormente uma das cadeiras do Senado estadual em Pernambuco.

²Álbum de Pernambuco – Autor: Monteiro, M. Officinas Typographicas do Anuario Commercial , página 233, ano 1913. Acervo Digital da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=228 – acesso em 05/8/2013 às 00h30.

No governo do Sr. Dr. Sergio Loreto, convidado, Thomé Gibson consentiu na indicação de seu nome para uma das cadeiras do Senado estadual, sendo eleito, então, com geral symphatia de todas as classes do Estado. (Página da Saudade da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco)

Não se pretende construir a história desse jornal, mas avaliá-lo enquanto um formador de opinião. Utilizando-o como exemplo, este órgão da imprensa escrita, como todos os jornais pesquisados, não são instrumentos de caráter meramente informativo. Embora pareça somente registrar os acontecimentos do dia a dia, os jornais são dotados de ideologias e através da forma como organizam as matérias, utilizando seu próprio filtro, transparecem seu projeto político.

Com periodicidade diária, o Jornal Pequeno desempenhou papel importante na formação de opiniões frente ao par conceitual amadorismo/profissionalismo. A linha editorial do vespertino direcionava debates e desencadeava conflitos com vistas a atingir aquilo que pensava ser o melhor para a situação.

Sob o influxo de interesses, compromissos, até mesmo paixões clubistas, o tom das matérias a favor ou contra determinadas ações dentro da Liga de futebol pernambucana, sugere que a prática do futebol ia muito mais além do “importante é competir”. Tendo em vista que o foot-ball era objeto de cada vez mais extensas matérias nas páginas de *sports*, este despertava interesses econômicos cada vez maiores, como por exemplo a venda de ingressos e o faturamento com os exemplares de jornais.

Na consolidação da república brasileira nos primeiros anos do século XX, os jornais tinham afinidades com os setores políticos dominantes, pois eram seus aliados na manutenção da estrutura política e social brasileira. No período estudado, ao lado dos grupos que desejam a permanência do prestígio de quem praticava o futebol, a qual era praticamente porta vozes de seus interesses, os jornais empenhavam-se na permanência desse *status quo*.

O diálogo com outras fontes também foi feito. Os arquivos da Federação Pernambucana de Futebol (FPF), sucessora da Liga, foram igualmente consultados. Os livros de ata permitiram obter perspectiva que não era alcançada nos periódicos pesquisados.

Os trabalhos construídos pelos estudiosos do futebol brasileiro são centrados em torno das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O livro Footballmania Uma história

social do futebol no Rio de Janeiro – 1902- 1938, resultado do doutorado de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, foi a obra mais consultada e a que deu maior contribuição a esta dissertação.

Os principais relatos dos primórdios do futebol em Pernambuco são frutos de trabalhos de jornalistas e de profissionais dos mais diversos. A obra mais utilizada para a construção dessa dissertação foi a do cronista esportivo Givanildo Alves. Através de “85 anos de bola rolando”, tem-se um resgate importante da história do futebol pernambucano. Cronologicamente ordenado, este foi um trabalho de muita paciência, composto de exaustiva pesquisa.

Considerou-se que a leitura de trabalhos de estudiosos do futebol (não acadêmicos) era de relevada importância. Cronista esportivo, esse apaixonado pelo futebol, fez importante registro histórico acerca desse esporte.

As lacunas nos estudos futebolísticos foram perceptíveis ao longo da pesquisa. A história do futebol ainda é incipiente no Brasil. Portanto, a dissertação que ora se apresenta se constitui num esforço de desenvolver estudos num objeto de investigação ainda pouco trabalhado em Pernambuco.

CAPÍTULO 1

A chegada do século XX

Com a virada do século XIX para o XX, alterações advindas da chamada “Revolução Científico-Tecnológica” desencadearam profundas modificações na vida cotidiana de pessoas das mais diversas localidades do mundo.

A aplicação das novidades científicas possibilitou

o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados do petróleo, dando assim origem a novos campos de exploração industrial, como os alto-fornos, as indústrias químicas, novos ramos metalúrgicos [...] além de desenvolvimentos na área de microbiologia, bacteriologia e da bioquímica, com efeitos dramáticos sobre a produção e conservação dos alimentos, ou na farmacologia, medicina, higiene e profilaxia, com impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida. (SEVCENKO, 1998, p. 9).

Nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade do Recife, assim como outras cidades do país, atravessava um profundo processo de mudanças urbanas e sociais resultantes das mudanças políticas e econômicas no Brasil. A chegada da República e a abolição da escravidão davam à nação ares de liberdade, igualdade, democracia e modernidade. Outras transformações viriam, ligadas aos ideais de modernidade e progresso, almejando os padrões de civilização, disseminados pelas grandes cidades européias e que ocorriam de acordo com a expansão das práticas capitalistas.

A cidade do Recife, então, era o centro comercial e financeiro do Nordeste do Brasil revelando-se pólo irradiador dos mais novos valores modernistas, cosmopolitas, civilizadores e progressistas dessa região. A elite urbana recifense composta, basicamente, das antigas famílias rurais, comerciantes, industriais e banqueiros defendia os mesmos valores seguindo as tendências e modismos da Capital Federal, o Rio de Janeiro, e da Europa de modo geral.

Uma verdadeira revolução urbanística modernizadora estava em andamento no Recife. Com o crescimento bastante expressivo da população se fazia necessário a

reorganização dos serviços de luz elétrica, abertura e calçamento de ruas e avenidas, de transporte, de higiene e saúde públicas. É significativo o crescimento de vários serviços urbanos que contribuíram para modernizar a cidade. As palavras de ordem eram “urbanizar, civilizar e modernizar” (REZENDE, 2000, p.51).

A cidade era atravessada por várias intervenções e a imprensa escrita registrava esses acontecimentos:

Serão entregues, hoje, ao trânsito de vehiculos, sem excepção para os de carga, as ruas Barão de Victoria e Sigismundo Gonçalves, cuja remodelação do calçamento se acha concluída, graças à atividade e zelo do Dr. Eudoro Corrêa que, durante o período de sua criteriosa administração, não tem poupado esforços, no sentido de attender sollicitamente as urgentes necessidades públicas. Todo o serviço do novo calçamento das referidas ruas custou apenas cerca de **SESSENTA CONTOS DE RÉIS**, o que põe em evidente destaque a sobriedade com que foi effectuado o citado serviço, apesar de ter sido elle feito em óptimas condições, não somente quanto à esthética, mas principalmente quanto à durabilidade. Amanhã começará o serviço de calçamento das ruas Floriano Peixoto (antiga da Imperatriz) e Primeiro de Março, sendo, em seguida, calçadas da mesma maneira as ruas Quinze de Novembro (antiga do Imperador), Duque de Caxias, Visconde de Rio Branco (Antiga da Aurora) além do pateo do Livramento e da Praça da República. Ao mesmo tempo, serão calçadas a paralelepípedos de granito, as ruas Princesa Izabel e Riachuelo, além de algumas outras, sendo ainda modificado o calçamento de diversas. (O novo calçamento. Jornal do Recife, p.03, 04 jul 1915).

Na capital pernambucana do início do século XX era patente se mostrar próximo e íntimo aos avanços tecnológicos e infraestruturais da época. As classes dominantes da capital pernambucana desejavam estar sintonizadas com as mudanças que ocorriam nas grandes cidades do mundo, promovendo reformas urbanas e sanitárias. Nesse sentido, a preocupação com a estética era bastante recorrente. Exemplo disso é o seguinte apontamento:

Toda a capital civilizada tem uma rua que é considerada como o expoente do seu adeantamento e por onde se pode aferir do grao de sua cultura. O Rio de Janeiro tem a Avenida Central e aliada a rua do Ouvidor nós temos a rua Nova. É o ponto de reunião dos elegantes e logar onde as nossas gentis patrícias vão exhibir as suas toilettes, a rua onde estão localizados os estabelecimentos de diversões, as principais casa de moda, os cafés e até as livrarias, onde os literários da terra fazem a sua estação. É a rua Nova a principal artéria do Recife, o centro de sua civilização. [...] Muita cousa, porém ainda precisa fazer para que a rua Nova seja considerada o mais bello ponto do Recife moderno. Enquanto demorem allí os velhos e anti higienicos pardieiros que afetam sua esthetica, a rua Nova continuará com o seu bolorento aspecto colonial. [...] Modernos já são os prédios da Casa Alemã (o mais importante dalli), do Cinema Royal, da Casa Ingleza, da Sapataria Ingleza e alguns outros. [...] A maior parte, porém necessita de

urgente remodelação: prédios baixos e feios, sobradinhos de edificação grotesca, ali estão a pedir a acção do martello e da picareta.[...] Era uma medida de que fazia juz aos maiores applausos. (O Recife Moderno: A rua Nova e os seus prédios, Jornal Pequeno, capa, 24 ago. 1915)

Tendo em vista suas próprias necessidades, a modernização recifense é comandada pela oligarquia regional. Assim, entre outras ações, uma grande obra é iniciada e chama atenção pela sua grandeza. O novo porto do Recife estava sendo construído para atender as necessidades da exportação do algodão e principalmente do açúcar.

O crescimento rápido do Recife, nos inícios do século XX, provoca um surto de modernização da cidade que tem o seu primeiro esboço de reforma urbana, na década de 1910-1920, com a reconstrução do porto marítimo, obra iniciada em 1907 e somente terminada em 1924, e na qual se empregam cerca de três mil operários, numa época em que todas as indústrias de Pernambuco, reunidas, não ultrapassavam o número de vinte mil empregos. Reforma-se, também, o bairro do Recife, centro dos negócios regionais, bem como se inicia, sob a direção de Saturnino de Brito, em 1909, a implantação de planos de saneamento urbano, culminando com a criação, em 1918, da Repartição de Saneamento, ligada à então Diretoria de Indústria, Viação e Obras Públicas. (PERRUCCI, 1986, p. 506)

O novo século trouxe também mudanças significativas no modo de vida de amplos segmentos da sociedade, materializadas nas inovações tecnológicas. A novidade automobilística alicerçou-se na ideia de que ser moderno era economizar tempo, dinheiro e energia. No entanto, para se tornar “civilizado” não bastariam as inovações físicas e/ou tecnológicas. Concomitante a elas havia a necessidade de se “reformular” também os costumes, hábitos, comportamentos e valores.

Não se pode deixar de destacar que boa parte dessas novidades nem sempre estavam acessíveis a toda a população indistintamente. Inicialmente, poucos foram o que experimentavam essas “comodidades” que chegavam ao Recife, embora o acesso a essas novidades não dependesse somente do poder aquisitivo pessoal, mas também das escolhas e opções de cada um. (COUCEIRO, 2003, p.62)

Ocorreram grandes transformações no dia-a-dia das pessoas. O espaço aberto agora era um ambiente concorrido. Antes ocupadas pelas camadas mais humildes, para seu sustento e divertimento, as ruas eram paulatinamente usadas por aqueles que as consideravam perigosas. As vias públicas passaram a ser frequentadas também pelas

elites recifenses que viviam reclusas. Essa procura por novos espaços de convivência e sociabilidade atingiram também o futebol.

O cotidiano do Recife modificava-se. Seus moradores frequentavam novos locais de lazer e entretenimento. Os divertimentos públicos tomaram a cidade. Essa expressão, usada por autoridades da época em documentos oficiais, englobavam desde festas de igrejas, bailes públicos, comemorações em datas cívicas, até os eventos esportivos como o futebol e o remo.

O modo como a expressão era usada na época sugere que os contemporâneos consideravam “divertimentos públicos” qualquer tipo de manifestação lúdica e recreativa que, não sendo proibida por lei, gerasse uma aglomeração de pessoas em determinado espaço da cidade. (COUCEIRO, 2003, p.55)

Os espaços de diversão não mais se restringiam aos recintos fechados. Além da elite, também a classe média se fazia presente. Através de eventos de distinção e elegância, o entretenimento e as festas ao ar livre propiciavam ar puro, contato com o sol, demonstrando uma preocupação da sociedade da época não somente com a diversão, mas também com profilaxia e higiene.

O modo de vida do século anterior, de reclusão e sedentarização, era agora inconcebível para a vida moderna. Ao mesmo tempo, as novas concepções de vida saudável repercutiam também no programa costumeiro das famílias pernambucanas: o tradicional banho no rio Capibaribe era agora suplantado pelos banhos de mar.

Os banhos de mar completam o rol das atividades ao ar livre que ganharam espaço a partir do século XX. Durante parte do século XIX, as praias eram utilizadas como lugar de despejo, onde se atiravam dejetos, águas servidas, lixo, animais e escravos mortos. [...] Contudo, no início do século XX, entre os meses de setembro e fevereiro as famílias começaram a trocar a cidade por uma temporada nas praias (COUCEIRO, 2003,77).

Reforçando a composição de um novo estilo de vida que se construía no Recife, na virada do século, o que se via era a generalização das práticas esportivas entre os altos círculos sociais, tais como o turfe, o remo, o ciclismo, a esgrima e o futebol. Este último, revestido de caráter elitista, sob uma visão mais atenta, teve suas partidas transformadas em espaços de sociabilidade da “nossa melhor sociedade”.

[...] se notava considerável número de pessoas dando, como sempre, o tom de destaque: gentis mademoiselles que com seus risos constantes, emprestavam

aquelle recanto sportivo maior graça e encanto. (Football. Diário de Pernambuco, p.03, 28 jul. 1915)

Ponto de encontro social para uma seleta assistência, os jogos contavam com a presença de “innumeros officiaes da marinha [...] dando realce ao match com suas presenças” (2º match da Liga Pernambucana. Jornal Pequeno, p.02, 11 ago. 1915).

Não podemos esquecer que na chamada República Velha (1889-1930) a estrutura de poder era rígida e os espaços de luta e participação eram bastante limitados, o que dificultava de veras qualquer alteração no quadro político. O novo regime estava distante da democracia. O sistema oligárquico era dominado, grosso modo, por fazendeiros, profissionais liberais, jornalistas, estudantes de cursos superiores e oficiais do exército. Em outras palavras, o regime republicano brasileiro deste período representava o alijamento da participação da maioria da população brasileira.

Usando como fonte o recenseamento de 1920, José Murilo de Carvalho no traz em artigo o quadro eleitoral brasileiro. Com predominância rural, o país tinha um eleitorado reduzido devido às medidas restritivas da Constituição.

Considerando que a Constituição excluía analfabetos, estrangeiros e menores de 21 anos do direito do voto (não mencionava as mulheres, tradicionalmente excluídas), conclui-se que a própria carta republicana reduzia a cerca de 10% a população capaz de participar do governo do país. (CARVALHO, 2003, p. 102)

O regime oligárquico era uma realidade nacional. A emancipação política, a abolição da escravidão e a proclamação da república não representaram mudanças estruturais no país. O poder político estava inerentemente ligado ao poder econômico. Era o conhecido sistema coronelista que alcançava municípios e, indiretamente, os estados e na União.

O comando da política pelas oligarquias familiares havia existido no império e alcançou o regime republicano. A prática do apoio mútuo entre os protagonistas políticos continuou durante toda a chamada República Velha, com a chamada política do café-com-leite, associada à dominação pelo presidente e governadores de Minas Gerais (produtor de leite) e São Paulo (produtor de café), excluindo as classes trabalhadoras do poder.

Como no país, no que tange à política, a grande maioria da população pernambucana estava excluída das atividades ligadas ao processo eleitoral.

Tendo como critério básico a alfabetização, as leis republicanas excluíam do direito ao voto aproximadamente 85% da população total do Estado, terminando por reduzir a participação eleitoral e facilitar o domínio dos coronéis e chefes políticos. A partir da utilização dos mais diversos meios, na maioria das vezes ilícitos, esses políticos controlavam os votos e coagiam os eleitores nas cidades e no interior. (COUCEIRO, 2003, p.21)

Numa sociedade que ainda carecia da universalização de equidade jurídica e de cidadania, o futebol praticado dentro de uma liga era mais restrito ainda do que este *status quo*.

A jovem República estava diante de um dilema: o grande contingente de população negra após a abolição da escravidão. O país não desenvolveu política específica de integração dos negros recém-libertos, fortalecendo um processo de desigualdade social entre brancos e negros. Ao contrário, na passagem do século XIX para o XX, foi incentivada a imigração europeia em acordo com a política de Estado de embaquecimento da população consoante com as políticas eugenistas desenvolvidas na Europa do século XIX. A intenção era escapar do destino de país mestiço.

Esse processo histórico, atualizado pelo racismo estrutural e simbólico posterior, configura o padrão de relações raciais no Brasil. [...] Um sofisticado sistema de classificação racial baseado na aparência resultante da apreensão simultânea de traços físicos (cor de pele, traços da face, cabelos) condição socioeconômica e região de residência (SILVA; ROSEMBERG, 2008, p. 76).

Nas primeiras décadas do século XX, tentou-se manter o monopólio da prática do futebol no Recife entre as elites. As “camadas superiores”, com perfil aristocrático, colocavam no futebol uma marca oligárquica e excludente, configurando-se também como um projeto racista.

Football, símbolo de elegância e sofisticação.

A Inglaterra, berço da revolução industrial, guarda também a primazia na invenção dos esportes modernos. Em 1863, na cidade de Londres, as regras da *Football Association* foram sendo progressivamente acolhidas e adotadas em diversas instituições. Oito anos mais tarde, a Copa da Inglaterra fora criada. Nesse ínterim, o futebol deixava de ser um jogo exclusivo de estudantes para tornar-se prática de clubes formados tanto pelas elites quanto por elementos da classe média urbana inglesa (JESUS, 2002, pág. 85).

“O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam mesmo sem premeditação, e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade” (FRANCO JR, 2007, p.40).

Já difundido no continente europeu, o futebol tem na recepção brasileira mais uma das modernidades a serem incorporadas. Havia transcorridos poucos anos após a Proclamação da República (1889) e a intenção era acompanhar os ideais europeus de civilidade. A nova república desejava reviver a capital francesa, ser a “Paris dos trópicos”. Era o auge do café.

Foi o ciclo da riqueza gerado pelo café que alavancava não só a economia, por meio da industrialização e da entrada de capital externo, como também a vida social, com a entrada de imigrantes e a conseqüente introdução de hábitos e cultura estrangeiros, no meio dos quais estava o ‘esporte bretão’ (GUTERMAN, 2009, p.14).

O futebol era às vezes transplantado por ingleses que trabalhavam ou estudavam no exterior [...]. Outras vezes, pessoas que iam estudar na Inglaterra na volta introduziram aquela prática esportiva e social nos seus países (FRANCO JR, 2007, p.41)

A tese oficial do surgimento do futebol no Brasil acompanha a lógica da influência cultural inglesa. A chegada de Charles Willian Miller, paulistano filho de

ingleses, após temporada de estudos em *Southampton* na costa sul da Inglaterra, onde cursou a *Banister Court School*, é tida como o marco zero do futebol brasileiro.

Charles Miller trouxe em suas malas além do conhecimento das regras todo o material necessário para a prática do futebol:

- Um livro de regras do *association football*.
- Duas bolas de futebol.
- Um par de chuteiras.
- Uma bomba para encher as bolas. (MILLS, 2005, p.45)

Embora não se tenha a exatidão da localidade onde o futebol desembarcou no Brasil, devido à ausência de fontes e à sua dimensão continental com a existência de numerosos portos, oficialmente se conta que São Paulo foi a cidade onde o futebol teve sua primeira organização:

Embora nossa investigação aponte para a pluralidade de “portas de entrada” do futebol no Brasil, e que se reconheça a impossibilidade de localizar precisamente o momento e lugar de nossa primeira experiência futebolística, São Paulo pode resgatar seu velho emblema de “locomotiva nacional” e tomar para si o orgulho de ser o berço de tal esporte no Brasil. Foi sem dúvida a primeira cidade a organizar o futebol e vê-lo disseminado pelas ruas. (JESUS, 2002, p. 87)

Na opinião de João Máximo, em seu artigo Memórias do futebol brasileiro “certamente, há algo de arbitrário na data que os historiadores elegeram para assinalar o nascimento do futebol brasileiro. Mas, arbitrária que seja, é a que melhor cabe como ponto de partida para que tudo o mais” (MÁXIMO, 1999, p.179).

A reprodução da idéia do “universitário que chega do exterior e introduz o futebol” é também comum em outras localidades do Brasil.

As narrativas sobre o surgimento do futebol em Pernambuco em muito se assemelha à história de Charles Miller. O pernambucano Guilherme de Aquino Fonseca “havia regressado da Inglaterra após cinco anos de estudo na *Hooton Lown Scholl*” [...] “trazendo consigo bolas, meiões, camisas e chuteiras” com a “intenção de fundar um clube” (MARANHÃO, 2004, p. 45).

Na Bahia a narrativa se repete. Zuza Ferreira seria o Charles Miller soteropolitano. “Trazido por Zuza Ferreira, um jovem da burguesia bancária baiana, o futebol associava-se à cultura moderna que chegava à capital baiana” (SANTOS, 2009, p. 04).

No Rio de Janeiro, “quando retornou ao Brasil em 1897, após alguns anos de estudo na Suíça, o jovem Oscar Cox não podia imaginar o papel destacado que o futuro estava por lhe reservar” (PEREIRA, 2000, p.21).

Terminados os estudos, ele voltava ao Rio de Janeiro sem esquecer-se dos novos hábitos adquiridos: trazia, em sua bagagem, uma bola como aquelas que ele e seus colegas usavam para praticar o novo esporte. (PEREIRA, 2000, p.21)

Junto com a bola, portanto, Cox provavelmente trouxera em sua mala as regras de um jogo que, décadas depois, estaria consolidado como um grande fenômeno na cidade – o que permitiu a alguns caracterizá-lo como um grande “pioneiro”, o “incontestável introdutor do futebol no Brasil”. (EDUMUNDO, 1958, p. 334-336 apud PEREIRA, 2000, p.22).

Praticado inicialmente por gente da classe média alta, o futebol na Inglaterra tornou-se amplamente adotado por grande contingente de trabalhadores na década de 1880. Como nos traz o historiador Hobsbawm, “*a transformação mais espetacular foi sem dúvida a do padrão de lazer e de férias da classe operária*”. Nesse ínterim, ocorreu “*a ascensão do futebol como esporte para espectadores e, cada vez mais, para proletários, a nível nacional*”. (HOBSBAWM, 1987, p. 282)

Tanto nas arquibancadas, quanto nos campos, parcelas amplas do operariado eram atraídas pelo futebol. A conversa no bar tinha como assunto principal as disputas futebolísticas, unindo trabalhadores em torno de uma paixão em comum, o mesmo time ao qual torciam. Acontecia também que, nas cidades, como Manchester e Nottingham, onde existiam mais de um time, os operários britânicos dividiam-se em comunidades rivais através da escolha por qual time se iria torcer. Nessa medida “*era o seu time contra o resto do mundo*”. (HOBSBAWM, 1987, p.285)

O modelo de cultura do futebol, entretanto, era o mesmo em todos os lugares – com um pouco mais ou um pouco menos de emoção – era um modelo

nacional, ou, para ser mais preciso, um modelo da nação proletária, visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial (HOBSBAWM, 1987, p.285).

Em terras inglesas, o futebol estava longe do refinamento alardeado no Recife. À medida que alcançava o apoio das massas, tornava-se cada vez mais uma atividade de proletários.

Os novos esportes abriram caminho até a classe operária e, mesmo antes de 1914, alguns deles eram entusiasticamente praticados por operários – havia na Inglaterra, talvez um milhão de jogadores de futebol- que eram observados e seguidos com paixão por grandes multidões (HOBSBAWM, 1998, p.256).

No Brasil, esse esporte foi “reinventado”, ganhando uma marca de refinamento que garantia aos seus adeptos a posição de dianteira da civilização e reforçava a imagem, que estava sendo construída, de restrição do jogo. A formação de clubes no interior dos grupos dominantes constituía-os como espaço restritivo de lazer e sociabilidade. Pretendia-se afastar a prática do futebol dos setores da sociedade sem igualdade de condição social e racial.

A presença estrangeira no território recifense, principalmente a inglesa, trouxe consigo modismos e idéias inerentes ao conceito de modernidade, associados ao progresso e ao cosmopolitismo, conceitos esses adotados pela burguesia da cidade.

Os ingleses tiveram participação marcante no processo de modernização da cidade do Recife na primeira metade do século XX. Esses tinham espaço em diversos setores sociais no comércio, na indústria, nas concessionárias de serviços público, inclusive criando espaços de sociabilidades próprios como pensões, igrejas, cemitérios e clubes. [...] Dentre todos esses espaços de sociabilidades nos deteremos em particular ao Pernambuco British Club fundado em 1906 na Avenida Ruy Barbosa onde hoje é localizado o museu de Pernambuco (LIMA, 2010, p.04).

No período estudado, chamado, conforme a língua inglesa, de *football*, no ano de 1915 esse esporte ainda conquistava espaço nos jornais recifenses, tornando-se um assunto de intenso debate anos depois. Primeiramente noticiava-se o nome das pessoas de destaque presentes, elogiava-se a beleza física dos jovens *footballers*, citavam-se as

senhoras e senhoritas presentes e posteriormente se comentavam os resultados com o decorrer da partida propriamente dita.

Como prova de mostrar familiaridade com o jogo oriundo da Inglaterra os jornais, em suas matérias e notícias sobre o futebol, adotaram um novo idioma. Os termos empregados eram grafados na língua inglesa: *ground* ou *field* era o campo de jogo; *foot-ballers* ou *players* equivalia a jogadores; *matches* aos jogos; *team* era time; *sportman*, esportista; *back*, zagueiro; *center-half*, meio-campista, *forward*, atacante; *goal-keeper*, goleiro, dentre outros.

Além de abraçar a “modernidade”, o futebol acompanhava o fortalecimento das teorias higiênicas, com o cultivo da educação física. Anteriormente taxadas de degradantes e indignas, as atividades físicas passaram a ser defendidas e tidas como hábitos sadios para o aperfeiçoamento físico da nação.

Os higienistas tinham propostas para serem praticadas nas casas, na alimentação, nas ruas e até na organização familiar das cidades, com regras e disciplinas a serem estabelecidas e seguidas. Dentre essas propostas, uma tinha grande importância para os médicos: a higienização do corpo do indivíduo, que provavelmente estava debilitado por “séculos de inércia e preguiça” (MARANHÃO, 2004, p.52).

Atribuía-se ao futebol uma série de vantagens, tais como desenvolvimento do caráter, cavalheirismo, higienização dos corpos, coordenação dos movimentos. Dessa forma, o futebol tornava-se importante opção de lazer e de exercício físico, ganhando cada vez mais adeptos. “*A educação physica que não há muito era julgada sem importância, em nosso meio, tem se adiantado consideravelmente*” (Embaixada Sportiva. Tudo progride em Pernambuco, Jornal do Recife, p. 05, 08 ago.1915).

O significado do termo *sportman* não era apenas um praticante de atividades físicas. Representava também um estilo de vida regulado em uma ética competitiva, porém respeitosa com o competidor adversário, mas, principalmente uma vida ativa e de ação, justificada pela saúde higiênica. Em 1915, o escritor Afrânio Peixoto celebrava o futebol por que nele “*vencer significa disciplina, cooperação, solidariedade eficaz*” (FRANCO JR, 2007, p.65).

Anos depois, o escritor Henrique Maximiano Coelho Neto³, conhecido artisticamente como Coelho Neto, tem um entrevista em defesa do *football* publicado no Jornal Pequeno.

Extraída do Rio-Jornal, a citada entrevista do “gentilíssimo” e “grande escriptor” em resposta à campanha contra o futebol que estava em andamento na capital do país, revela o entusiasmo e forma como ele, intelectual renomado e respeitado, se entregou à defesa do futebol.

Para defender o “foot-ball” (se elle precisasse da minha defeza) eu imitaria a romana, quando lhe perguntaram pelas jóias do seu escrínio, apresentando-lhes meus filhos, se elles aqui estivessem. Estão fora: os mais velhos, nos seus empregos; os mais novos, no collegio. Quem os viu pequenos e hoje os vê galea-lhe a fortaleza, o desenvolvimento, o entono com o que muito me desvanecem o orgulho de pae. Em verdade os dois primeiros, que me converteram com a evidencia, de adversário a propagandista, que hoje sou do esporte, eram franzinos e enfermicos e foi na arena e no mar que se robusteceram e nesses mesmos gymnasios treinaram-se os dois últimos. Foram os meus filhos que me reconciliaram com o “foot-ball”, do qual não havia inimigo mais intransigente do que eu. Detestava-o (A campanha contra o <<foot-ball>>, no Rio. Uma defesa impressionante. Jornal Pequeno, p.02, 31 mar.1919).

Entre os defensores da melhoria da raça brasileira através das teorias eugênicas, Coelho Neto buscava justificar os benefícios da prática de esportes nas teorias dos médicos higienistas. Citando o filósofo inglês Herbert Spencer⁴, em sua opinião, o futebol seria um caminho de regeneração social, criando-se uma “nova raça” brasileira que deixaria no passado a sua malograda herança cultural. Os jogadores de futebol, adestrados pelo exercício físico, seriam responsáveis pela consolidação física da raça brasileira.

³ Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, Coelho Neto escreveu várias obras, nos mais variados gêneros: romance, conto, crônica, poesia, memória, entre outros. Esse consagrado escritor foi o autor mais lido das duas primeiras décadas do século XX e grande defensor do esporte bretão.

⁴ Para saber mais sobre a adoção das idéias eugênicas aplicadas no futebol recifense, ler “Para o melhoramento da raça”. Eugenia e segregação no futebol do Recife, de Tiago Jorge de Albuquerque Maranhão, 2004. Monografia de bacharelado em História apresentada na Universidade Federal de Pernambuco.

Aqui mesmo, por ocasião das manobras, vimos que os que mais galhardamente supportaram as marchas, os que se portaram com mais brio nos exercícios, os que mais resistiram ás agruras da vida na trincheira foram os que levaram para o campo o adestramento dos clubs sportivos. [...] O verdadeiro sportman [...] para accumular energias deverá deitar-se á hora, levantar-se cedo, exercitar ao ar livre, tonificando-se ao sol e, com o sangue a circular vivamente nas veias, terá o espírito claro, o animo alerta, disposição para mover-se, sendo, antes de tudo, como queria Spencer, um homem são, um factor de vida activa. E num paiz de doentes, como tem fama de ser o nosso, se ha um processo encrasico de fazer homens bellos e sadios parece-me até um crime de lesa pátria combatel-o (A campanha contra o <<foot-ball>>, no Rio. Uma defesa impressionante. Jornal Pequeno, p.02, 31 mar.1919).

Nas duas primeiras décadas do século XX o futebol se tornou um modismo da “nossa melhor sociedade”. Os jogos eram verdadeiros eventos sociais com a presença de altas rodas da sociedade recifense que celebravam a novidade do Velho Mundo. Dentre esse refinado público, as mulheres ostentavam suas *toillettes*. Assim, a parcela rica e elegante do Recife inculcava ao futebol *status* de elegância e refinamento.

Como nas principais cidades brasileiras, em Recife o futebol teve seu começo atrelado aos jovens endinheirados, estudantes de Medicina, Direito e Engenharia, industriais, grandes comerciantes e profissionais liberais que buscavam na prática futebolística, além de uma atividade física moderna e civilizada, uma distinção social e racial.

Mas o futebol estava longe de ser um monopólio de uma pequena parte da população. A febre futebolística alastrava-se, chamando a atenção da população dispersa pela cidade do Recife e região. O número de clubes instituídos que tinham como carro-chefe o futebol era cada vez maior. A cada mês os jornais informavam a criação de novos grupos. O futebol era motivo de fundação de inúmeras associações.

“Fundou-se, nesta cidade, mais uma sociedade sportiva sob a denominação de Fluminense Foot-Ball Club” (Fluminense Foot-Ball Club. Jornal do Recife, p.05, 06 jul. 1915).

“Fundou-se na Torre mais uma sociedade sportiva a qual tomou o nome de Lusitania Foot-Ball Club” (Liga Sportiva Recifense. Jornal do Recife, p. 03, 14 ago. 1915).

“Communicam-nos que se fundou nesta capital uma sociedade de foot-ball, a qual tomou o nome de Guanabara Foot-Ball Club (Guanabara Foot-Ball Club. Jornal do Recife, p. 04, 20 ago 1915).

“Communico-vos que acaba de ser fundada na rua da Harmonia, districto do Arrayal, a sociedade sportiva Washigton Foot-Ball Club [...]” (Recebemos. Jornal do Recife, p.03, 23 ago.1915).

“Fundou-se nesta cidade mais um club de foot-ball sob o título Boa Vista Foot-Ball Club [...] sua sede ficou sendo na Rua da Matriz nº 10.” (Liga Sportiva Recifense. Jornal do Recife, p.04, 29 ago 1915).

“Acaba de ser fundada nesta cidade mais um club de foot-ball cuja denominação é Santos Dumont Sport Club [...]” (Sport - Football. Jornal do Recife, p.02, 17 set. 1915).

“Acaba de fundar-se nesta cidade mais uma sociedade sportiva denominada Foot-Ball Club Luso-Brazileiro. Esta sociedade que é composta de mancebos brasileiros e portugueses, propõe-se ao desenvolvimento physico dos seus membros por meio de periódicos exercícios que terão lugar aos domingos e dias feriados [...]” (Communicam-nos. Jornal do Recife, p.02, 18 set. 1915).

O acentuado número de clubes de futebol nos mais diversos lugares evidencia os múltiplos critérios de formação destes. Através de seus nomes, percebemos que eles podiam ser formados em bairros, como o Casa Forte Foot-Ball Club, o Boa Vista Foot-Ball Club, o Afogados Sport Club, o Torre Sport Club e o Tegipió Foot-Ball. Podiam também representar educandários, como o Collégio Americano, Collégio Chateubriand e o Gymnasio Pernambucano Foot-Ball Club, sociedades e corporações, como o The Bank Team, o Mr. Smith Team e o Cruzador República e até mesmo coletividades com vínculo de procedência, como o Foot-Ball Club Luso-Brazileiro.

Destaque também é que o número de espaços reservados para a prática futebolística era cada vez mais crescente. Os *fields* eram vários e em diferentes localidades. Somente no ano de 1915 foram assinalados 13 *grounds* diferentes: Derby, Campina de Casa Forte, do Nobre (também chamado de Paulista), Escola de Aprendizes Marinheiros, do Centro Sportivo do Peres, Taquary, British Club, da Torre, do Palmeiras, do Maroim, do Jardim Treze de Maio, do Pisa (localizado em Olinda) e do União (em Jaboatão).

A cidade onde, em 1905, “só existiam dois clubes esportivos: Club Internacional de Regatas e Clube Náutico Capibaribe”, agora, cerca de dez anos depois, tem sua vida esportiva progressivamente mais agitada.

O primeiro sem vida esportiva, só abria para jogos de cartas e bailes esporádicos, o segundo promovia regatas, mas por falta de adversários, estas eram raras. Até o turf, esporte muito popular da época, já não animava tanto a juventude recifense (LIMA, 2010, p.01).

Era, talvez, a ocasião de euforia desportiva mais intensa que o Recife havia passado. Seja como for, é fato que o futebol chegou para ficar. No entanto, essa intensa mobilização em torno do futebol trouxe, para alguns, a preocupação com a regulamentação, o compromisso com as regras e normas e com a fixação de estatutos. Urgia a criação de uma liga que agregasse os “legítimos herdeiros do futebol inglês”.

Num movimento endógeno, os agentes da *football association*⁵, com sua pretensa superioridade elitista, detinham tanto os instrumentos caros para a prática do futebol (bolas, chuteiras e uniformes) quanto o conhecimento das regras com terminologia inglesa.

Cientes de que não podemos restringir a prática do futebol no início do século XX apenas em torno de ligas ou associações oficiais, pois ela não respeitou a lógica excludente que se tentou impor, passemos então para a criação da liga que prosperou até os dias de hoje em Pernambuco.

⁵ Fundada em 1863, a Football Association (FA) é a mais antiga associação de futebol do mundo. Foi a FA quem formulou as regras oficiais do esporte, que pouco mudaram até os tempos atuais.

O tão interessante e agradável futebol: a criação da Liga

“O “volleyball” é um jogo ainda desconhecido em nosso meio sportivo, se bem que seja tão interessante e agradável como o “football”, “basketball”, etc.”(Foot-ball. Diário de Pernambuco, p. 04, 11 jun.1915).

O ano de 1915 é um ano marcante para o futebol pernambucano. São passados dez anos de sua chegada oficial em Pernambuco e o futebol é agora conhecido e havia se difundido.

Neste ano tem início um processo de organização, racionalização e burocratização da disputa. Com a criação da Liga Sportiva Pernambucana, pretendia-se iniciar uma “nova era” para o futebol pernambucano. Estabelecendo a prática dos clubes futebolísticos da cidade, a nova liga desejava tomar o papel de liderança sobre os rumos do esporte bretão no Recife, tomando para si a tarefa de zelar pela imagem refinada do jogo.

Em sua capa, o Diário de Pernambuco apresenta um informe da reunião que originaria a Liga.

Hoje às 18 horas, haverá reunião das comissões representativas dos clubes sportivos desta capital a fim de discutirem o melhor meio de reorganização da Liga Pernambucana de Football. Pede-se o comparecimento das comissões de todos os clubes a dita reunião que se effectua na Estrada de João de Barros nº 19 (Foot-ball. Diário de Pernambuco, capa, 16 jun.1915)

No endereço mencionado estava situada a sede do João de Barros Football Club, que tinha como representante Eduardo Lemos, apontado por Givanildo Alves como grande idealizador e incentivador da criação da Liga Sportiva Pernambucana. (Alves, 2000, p.12)

Desta forma, cinco times organizaram-se para criar uma liga com o intuito de “reorganizar” o futebol pernambucano: João de Barros Foot-Ball Club, Centro Sportivo do Peres, Sport Club Flamengo, Santa Cruz Foot-Ball Club e Agros Sport Club. Conforme consta na ata da 1ª reunião da Liga, o número de clubes fundadores poderia ter sido maior se um clube não tivesse recusado o convite.

“O Sr. Aristheu assume então a presidência e declara aberta a sessão. O Sr. 1º Secretário lê o expediente que consta de um offício do Casa-Forte Foot-Ball Club, agradecendo o convite da comissão organizadora da Liga, pedindo desculpa por não poder fazer parte desta tão útil agremiação” (FEDERAÇÃO

PERNAMBUCANA DE FUTEBOL. Arquivo. Ata da 1ª Sessão da Liga Sportiva Pernambucana, 16 jun.1915).

Dias depois, o Jornal do Recife de 19 de junho de 1915 trás uma ampla nota⁶, em sua *Chronica Social*, sobre a reunião que organizara a fundação de uma liga de futebol no Recife.

Conforme fora previamente anunciado, effectuou-se no dia 16 de fluyente, a reunião promovida pelo João de Barros F. Ball Club para tratar-se da organização de uma liga que, **promovendo torneios e campeonatos, desenvolva o foot-ball em nosso meio** [grifo meu]. Fizeram-se se representar na reunião os seguintes clubs desta capital: João de Barros F. Club, Centro Sportivo do Peres, Sport Club Flamengo, Santa Cruz F. Club e Agro Sport Club de Socorro. Por proposta do Sr. Eduardo Lemos foi aclamado presidente o Sr. Aristheu Accioly Lins que assumiu a presidência , declarou aberta a sessão, após ter agradecido a aclamação de seu nome para presidente da liga. [...] Após ter-se trocado idéias e discutido diversos assuntos referentes ao bom funcionamento da liga, o Sr. Presidente encerrou, por entre as maiores manifestações de applausos das delegações presentes, que vêem com a fundação da liga uma nova era para o foot-ball em nosso Estado.[...] **Aplaudindo a iniciativa do João de Barros Foot-Ball Club, fazemos votos para que em breve seja uma realidade entre nós a <<Liga Sportiva Pernambucana>>** [grifo nosso] (A criação da Liga, Jornal do Recife, p. 03, 19 jun. 1915).

A constituição de uma instituição organizativa respondia ao anseio de distinção desta em relação aos diversos clubes que surgiam à época. Com o objetivo de desenvolver o futebol em um meio social restrito tomando para si a primazia da prática do futebol na cidade, estruturando-se através de relações de amizade e parentesco, a Liga Sportiva Pernambucana (LSP) em suas primeiras reuniões tem as discussões, em sua maioria, girando em torno da aprovação do estatuto e a formação de um campeonato entre clubes fundadores.

A recém-fundada Liga, já na 3ª Sessão, em 25/7/1915, define os valores das taxas para os clubes pertencentes a ela ou mesmo os que desejam adentrar. Com os valores definidos, mensalidade dos filiados 10 mil réis e 50 mil réis de jóia⁷, a direção da Liga manifesta que não permitiria a intromissão de clubes cujo perfil fosse indesejado, limitando assim o número de filiados.

⁶ Neste ano (1915) o futebol ocupa pouco espaço nos jornais. Normalmente são poucas linhas, onde a preocupação é quase sempre informar a realização de alguns jogos, com as respectivas escalas dos times. Dias depois, após a concretização dos embates, informa-se o resultado numa breve resenha.

⁷ É um valor que o clube interessado deveria pagar. É claramente uma estratégia de controle sobre o perfil do filiado.

Na obra “*Footballmania*”, Leonardo Pereira (2000) expõe como os obstáculos impostos aos clubes menores (populares) estava nitidamente ligado à conservação do *ethos* amador, com seu nítido empenho contra a popularização do futebol. A realidade carioca não estava longe da pernambucana.

[...] construindo uma série de obstáculos para o reconhecimento dos clubes menores, incapazes de satisfazer as condições exigidas, a Liga servia como um meio de definição mais clara do caráter que os *sportmen* dos clubes mais ricos da cidade tentavam dar ao jogo, prevenindo-se contra o movimento de difusão do futebol [...] (PEREIRA, 1997, p. 61).

A restrição financeira imposta aos clubes visava também obstaculizar a inscrição de jogadores de origem modesta, preservando assim a posição de destaque dos pertencentes à Liga.

Sobre a Liga Sportiva Paranaense, criada em 12 de fevereiro de 1915, temos a seguinte assertiva que também nos serve como esclarecimento do caráter discriminatório na cobrança de taxas.

Apesar de não ser garantido o controle sobre o que os clubes de porte menor, de características inadequadas à tentativa civilizadora, estavam fazendo fora dos domínios da Liga, o principal elemento de exclusão era o pagamento de “jóia” – o que denotava certa aversão aos indivíduos pobres e, se pensado o contexto brasileiro de recém-findada escravatura, tal repugnância se estendia também aos negros (CAPRARO, 2012, p. 546).

Embora as questões raciais não apareçam nas documentações analisadas nesta pesquisa, isso não significa que esse debate não estivesse em andamento na época. De forma clara, ou não, o racismo era algo inerente à sociedade pernambucana e ao meio esportivo do período pesquisado.

Em “*Racismo e Anti-racismo*”, o professor Antônio Sérgio Guimarães (1995) nos expões uma característica das relações raciais no Brasil “*é a existência de uma ordem oligárquica na qual a “raça”, isto é, a “cor”, o status e a classe estão intimamente ligados entre si*”. Dessa forma, a condição de pobreza era naturalizada e tomada como sinal de inferioridade.

No Brasil, esse sistema de hierarquização social — que consiste em gradações de prestígio formadas por classe social (ocupação e renda), origem familiar, cor e educação formal — funda-se sobre as dicotomias que por três

séculos sustentaram a ordem escravocrata: elite/povo e brancos/ negros são dicotomias que se reforçam mutuamente simbólica e materialmente. [...] A admissão da igualdade universal entre os homens era colocada no nível dogmático e teórico [...] Assim como hoje, essa teoria coexistia sem maiores problemas com a enorme distância social e o sentido de superioridade que separava os brancos e letrados dos pretos, dos mulatos e da gentinha em geral. (GUIMARÃES, 1995, p.35)

No Brasil, de acordo ainda com os estudos do professor Guimarães (1995), o racismo tem especificidades. A idéia de “cor” baseia-se na noção particular de “raça”. O modo de como se define “branco” no Brasil incluía mestiços e mulatos claros que fossem dotados de, por exemplo, formação cristã e domínio das letras. Assim, aqueles, de acordo o grau de sua brancura (tanto cromática quanto cultural), poderiam compartilhar privilégios juntos aos brancos.

Voltando a Liga, esta em pouco mais de dois meses dava sinais de prosperidade. Dois novos clubes tiveram aprovadas as suas filiações: o Colligação Sportiva Recifense e o Torre Foot-Ball Club. Além disso, os jornais já anunciavam que o primeiro campeonato iria começar.

Havia apenas uma dificuldade em relação à data escolhida, pois o primeiro *match* da Liga estava marcado para o mesmo dia do jogo entre *brazileiros* e *inglezes* no *British Club*. Na ata da 12ª Sessão da Assembléia Geral da L.S.P. de 28 de julho, o Presidente Alcebíades Braga exterioriza sua preocupação em relação a esse fato, pois com esses jogos acontecendo concomitantemente “*os teams dos clubs da Liga, que irão disputar o 1º match do campeonato, ficarão prejudicados.*” Após a discussão se a Liga deveria ou não realizar seu jogo inaugural neste domingo, o sr. João Ranulpho fez a seguinte proposta: “*A Liga Sportiva Pernambucana officiará ao British Club offerecendo-se para disputar seu 1º match nas mesmas condições em que ia ser disputado o de Brasileiros e Inglezes, e se o British não aceitasse, a Liga disputaria no próximo Domingo seu 1º match.*” Aprovado com apenas um voto contrário a proposta foi encaminhada.

Não havendo acordo entre a Liga e os organizadores do jogo entre brasileiros e ingleses, então, no dia primeiro de agosto, acontecem simultaneamente os dois eventos esportivos.

Conforme fora anunciado realizou-se, no field do British Club, sito a estrada da Ponte d’Uchoa, o esperado match de brasileiros versus ingleses. A

assistencia era bastante numerosa, salientando-se o elevado número de patrícia, louras mias, officiaes da Marinha, jornalistas, em summa nosso escol social. [...] Durante os intervalos do match fizeram servir aos jogadores brasileiros bebidas finas (O match de domingo, Jornal do Recife, p.04, 03 ago.1915).

Para assistir este “grande match de *foot-ball* entre dois conhecidos *elevens* constituídos um por *inglezes* outro por *brazileiros* auxiliares dos bancos do Recife” a entrada custou 1\$000, sendo revertida “em favor das victimas da secca e da Cruz Vermelha inglesa” (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p. 02, 29 jul. 1915).

Já no *field* do Derby aconteceu o *match* de abertura do primeiro campeonato organizado pela Liga Sportiva Pernambucana, chegando o Santa Cruz a vitória por 1 a 0 frente à Colligação.

Apesar da preocupação de seu presidente, os dois jogos foram realizados em dia e horários simultâneos. Essa inquietação deixa claro que o perfil do público que costumava comparecer aos jogos amistosos entre brasileiros e ingleses era o mesmo que a Liga pretendia atrair para seus jogos. De início, ela já mostrava força no intuito de que seu primeiro campeonato realmente acontecesse, não se esquivando da coincidência de datas dos dois jogos. Como noticiado posteriormente, o jogo entre ingleses e brasileiros marcado para o British Club certamente atrairia grande público do “escol social” recifense, mas mesmo assim o jogo programado pela Liga aconteceu no campo do Derby, atraindo também boa parte do público interessado no *foot-ball*. Ficou evidente, ainda, que o Recife mostrava interesse em disputas futebolísticas.

Assim como em outras áreas, tais como a política, a cultura e as artes, o futebol pernambucano era também influenciado pelo que ocorria na *Belle Époque* do Rio de Janeiro.

Nesse ínterim, durante o mês de agosto uma visita ilustre chamou a atenção dos jornais da capital pernambucana. Presente no Recife há alguns dias, João Evangelista Belfort Duarte⁸ era um grande entusiasta do futebol. Viajava o Brasil com o intuito de difundir a prática do futebol e criar uma liga nacional.

⁸ Considerado pelos historiadores esportivos como o primeiro técnico de fato do futebol brasileiro, criador do Campeonato de Juvenis e de ter sido o autor das traduções, pela primeira vez no país, do inglês para o português, das regras do futebol, Belfort Duarte é considerado uma figura emblemática dos esportes nacionais (ALVES, 2000, p.16)

Acha-se entre nós o distinto “sportman” sr. Belfort, presidente da Comissão de sports da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, com o fim de congregar os elementos sportivos não só da capital, como também de outras capitais do Norte e no intuito de fundada a Federação Nacional de Sports. Diversos rapazes, empenhados pelo desenvolvimento do foot-ball entre nós, acham-se interessados junto àquelle cavalheiro para conseguir a vinda de um team da 1ª Divisão da Liga para disputar alguns matchs com os nossos “pleiers”, quer nacionaes, quer estrangeiros. O sympathico visitante hospeda-se no Hotel do Parque e demorar-se-á aqui algum tempo, pois pretende realizar uns matchs de foot-ball (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p 03, 05 ago. 1915).

A criação de uma entidade nacional que centralizasse a gestão do futebol no Brasil estava atrelada a um discurso de projeto nacional de nossas elites. Uma única instituição sendo responsável pela organização futebolística nacional demonstra a preocupação com a construção da identidade nacional. Não é a toa que a Confederação Brasileira de Desportos fora criada na cidade do Rio de Janeiro, com intermediação direta do Itamaraty⁹.

Aproveitando a estadia de Belfort na cidade, “alguns moços” da Liga Sportiva Pernambucana negociaram a vinda de seu clube de coração, o América Foot-Ball Club, campeão carioca de 1913, ao Recife para a disputa de algumas partidas.

Tudo progride em Pernambuco. A educação physica que não há muito era julgada sem importancia, em nosso meio, tem se adiantado consideravelmente. É assim que, já fallam em mandar vir ao Recife o 1º teame do <<América Foot-Ball Club>> pertecente a 1ª divisão da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, de cuja commissão de sports é presidente o dr. Belfort Duarte, presentemente nesta cidade e com quem alguns moços da <<Liga Sportiva Pernambucana>> estão tratando das negociações precisas para a vinda do referido team. Assim acontecendo, será Pernambuco o único Estado do Norte do Brazil, que recebe essa distincção. O Pará, apezar dos esforços empregado para esse fim, não o poude obter ainda (Embaixada Sportiva. Jornal do Recife, p. 05, 08 ago. 1915).

No Domingo, 08 de agosto, no “field do Derby, convenientemente preparado para os matchs desta Liga”, acontecia o 2º jogo do campeonato, o *match* entre os *clubs* coligados Torre e João de Barros que contou com a arbitragem de Belfort Duarte, conhecedor das regras do novo esporte.

As 4 e 10, com a chegada do juiz, o distinto sportman dr. Belfort Duarte, que foi recebido entre ruidosas manifestações, teve início o match entre os

⁹ Para saber mais consultar: SARMENTO, Carlos Eduardo. “A regra do jogo: uma história institucional da CBF”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

primeiros elevens. [...] O juiz sportmen com quem mais o for, portou-se admiravelmente de uma imparcialidade excepcional e outro não era de esperar o seu proceder, dada as qualidades finas de que é portador (2º match da Liga Pernambucana. Jornal Pequeno, p.02, 11 ago.1915).

Este mesmo número do Jornal Pequeno, não escondendo seu entusiasmo em relação à criação da Liga Sportiva Pernambucana, faz uma advertência de que ainda existiam alguns que não compreendiam o espírito esportivo do futebol.

Assim termina o jogo entre a mais ampla cordialidade, o que prova desde já os benéficos efeitos que traz a fundação da Liga Sportiva, que visa ao lado do desenvolvimento dos sports em nosso meio, o conagraçamento e a união que devem reinar entre todos que se dedicam ao gênero sportivo, o que infelizmente ainda não está de todo compreendido. (2º match da Liga Pernambucana. Jornal Pequeno, p.02, 11 ago.1915)

Os jogos da Liga vão acontecendo aos domingos e feriados sempre na Campina do Derby. Assim, o *field* do Derby passa a ser chamado pelos jornais pesquisados como o campo oficial da L.S.P.

Localizado às margens do Rio Capibaribe, a campina do Derby era um verdadeiro centro de diversões e convidava verdadeiro movimento desde o primeiro ano do século XX. Os passeios no Derby do hotel Internacional, com carrosséis, retretas, teatrinho, orquestrafone, além das corridas de bicicleta, atraíam muita gente também à noite (COUCEIRO, 2003, p.57).

No Velódromo, as famílias podiam freqüentar festas e assistir a disputas esportivas aos domingos. [...] Inaugurado no primeiro ano do século, o Recreio Derby, instalado às margens do Capibaribe, entre a Capunga e a Madalena também ostentava iluminação à luz elétrica e oferecia atrativos com boliche e bilhar. Lá se tomavam sorvetes e refrescos. Construído pelo comerciante Delmiro Gouveia, o Recreio Derby funcionava no Mercado Coelho Cintra [...] (ARRAIS, 1998, p.24).

Os preparativos necessários para a vinda do America do Rio de Janeiro iam a todo vapor. Demonstrando cuidado com o solo a ser usado para a prática futebolística, no dia 13 de agosto, o presidente da Liga emite um ofício a ser entregue ao Prefeito, Dr. Eudoro Correia, para que este mande o compressor da prefeitura para aplainar o campo do Derby.

Durante a estadia do esportista Belfort Duarte, o João de Barros Foot-Ball Club, membro-fundador da Liga, oficializa a mudança de seu nome para America Foot-Ball Club, como forma de homenagear o visitante.

Na noite de 22 de agosto de 1915, Belfort Duarte foi homenageado pelo João de Barros, em assembléia geral, cujos membros o saudaram debaixo de grande entusiasmo. Nesta sessão festiva, a agremiação alviverde concedeu ao visitante o honroso título de “Capitão Honorário” do João de Barros e aceitou como sócios os tenentes da Marinha, Henrique Jacques e Melchior do Amaral Mello, que viriam a ser depois presidentes da Liga Sportiva Pernambuca. O ponto culminante da festa foi quando a diretoria do João de Barros comunicou solenemente a mudança do nome João de Barros para América Futebol Clube, numa homenagem ao seu homônimo do Rio de Janeiro, do qual Belfort Duarte fora jogador e era diretor (ALVES, 2000, p. 17).

À medida que o campeonato da Liga ia ocorrendo, a disputa entre brasileiros e ingleses também ia acontecendo. No domingo, 22 de agosto, acontece no *field* do *British Club* o *retourn* entre os ingleses e brasileiros. Após ter vencido no primeiro jogo pelo placar de 1 x 0, jogando de verde e amarelo, o time brasileiro entrou em campo cercado de expectativas de uma nova vitória.

De encontro às expectativas de todos os nosso sportmen venceu três-ante-hontem o team inglês ao team brasileiro pelo score de 4 a 0. Grandiosa foi a affluencia de pessoas que compareceu ao espaçoso field do British Club, afim de assistir a este desejado encontro, onde a maioria das opiniões convergia para a possibilidade de victoria dos brasileiros accrescendo a estes palpites o caso da victoria que o team brasileiro obtivera no match realizado. Distinctas senhoras e signoritas abrilhantaram a festa com o seu comparecimento, salientando-se um crescido numero da colônia britannica (Inglezes *versus* brasileiros. Jornal do Recife, p.03, 25 ago. 1915).

Numa conjunção de forças, ao contrário dos dois primeiros jogos entre brasileiros e ingleses, o terceiro teve a organização da Liga Sportiva Pernambucana. Agora, o time dos brasileiros era formado pela seleção da Liga e o seu adversário por ingleses residentes no Recife. Com os ingressos fixados em 1.000 réis, a arrecadação da bilheteria fora revertida para a entidade.

Uma verdadeira festa esportiva fora organizada no campo do British Club. O encontro entre os “poderosos *scratches* da L.S.P e *inglezes*” foi dotado de grande expectativa. Os jornais dedicaram-se à promoção do jogo, que teve uma banda de música para abrilhantar a festa. *Trainings* para os *players* brasileiros foram organizados com o intuito de que houvesse uma seleção criteriosa para a formação do *eleven* que iria jogar com os ingleses. Cadeiras foram colocadas para as senhoras, pelo que expunha o

Diário de Pernambuco, “pedimos aos cavalheiros o obséquio de não ocupá-las” (ALVES, 2000, p. 20).

O evento foi um sucesso e o empate de 1x1 foi exaltado pelos jornais. “Os brasileiros brilhantemente empatam com o scratch inglez” anunciou o Jornal do Recife (15/9/1915, p.04).

No field do British Club, teve lugar, hontem, às 4 horas da tarde, o encontro dos poderosos scratches da Liga Sportiva Pernambucana e Inglezes, em benefício da Liga. A concorrência de senhoras e senhoritas durante a partida foi crescida. O match durante os tempos foi bem disputado e animado. (Scratch da Liga *versus* scratch inglez. Jornal Pequeno, p. 02, 13 set. 1915).

Os jogos realizados entre brasileiros e ingleses demonstram a tentativa daqueles de atestar que estavam de acordo com o modismo e hábito europeu de praticar o esporte bretão. Essa juventude endinheirada fazia do campo de futebol o palco de celebração de seu refinamento, mostrando-se familiarizada com a modernidade.

Mas nem tudo parecia estar nos conformes do mundo civilizado. Com a intenção de “*reprimir as explosões de entusiasmo que com frequência*” aconteciam quando “*dous partidos se defrontam para a obtenção de victorias*” o Diário de Pernambuco publica a matéria “Matches de Foot-ball - Deveres de um público educado”. Nela foram feitas recomendações de que não houvesse manifestações indelicadas e desrespeitosas que ferissem o pudor dos senhores e senhoras presentes. A manifestação de alegria ou descontentamento precisaria ser pautada na “boa educação”. Dentre a multidão, os “*mal educados*”, por meio de gestos e palavras indecorosas, estariam ofendendo “*as pessoas calmas e prudentes que se vão divertir desinteressadamente*”. Em outras palavras os presentes deveriam torcer de modo civilizado.

As vezes os ditos pouco cortezes revoltam as pessoas de boa educação mormente em se tratando de jogos internacionaes em que os “players” brasileiros medem forças com outros de nacionalidade diferente. Um cousa é preciso que a rapaziada exaltada compreenda: não ha necessidade de deprimir o partido contrario para elevar o seu (Matches de Foot-ball - Deveres de um público educado. Diário de Pernambuco, p.03, 11 set. 1915).

Dois meses depois, a “falta de educação” do público é novamente tema de artigo em jornal. Na ocasião do jogo entre o America do Rio de Janeiro contra um combinado de ingleses, os espectadores tomaram partido pelos brasileiros. Uma minoria demonstrando a “*maior falta de bom comportamento e civilidade*” vaiou os jogadores ingleses, “*querendo demonstrar com isso algum vislumbre de patriotismo*”.

Assinada por “*um sportman pernambucano*”, essa carta termina pedindo a estes poucos que “*não sabem ou não conhecem as regras de civilidade*”, que procedam com bom senso e educação “*para que possamos ser considerados no seio das sociedades*” (Escrevem-nos. Jornal Pequeno, p.02, 19 nov. 1915).

Esses “*torcedores inconvenientes e mal compenetrados*” não deixaram de existir. Anos depois lá estavam eles direcionando seus insultos agora para o juiz (referee), constringendo “*famílias que ali vão para recreiar o espirito e não para testemunhar scenas degradantes*”.

Depois [...], devido a irreflexão de meia dúzia, cahem sobre os clubs, dos quaes são partidários, os mais rudes e pejorativos conceitos. [...] Precisamos, portanto, enquanto é cedo, acabar de vez com esta praticas, de todo em todo incompatíveis com o nosso estado actual de cultura. Os torcedores, devem torcer com entusiasmo e ardor pelas suas cores predilectas, sem, no entretanto, afastarem-se das boas normas de conducta. Do contrario a acção dos torcedores deixara de ser indispensavel e benefica para tornar-se repudiável e funesta (Os “torcedores”. Jornal Pequeno, p.02, 25 mar. 1919).

Sobre esse “*enquadramento moral*” por parte dos torcedores, o professor Luiz Henrique de Toledo, em “significados de torcer” na sua pesquisa de doutorado, realizou importantes análises frente às “*tentativas e estratégias de distinção social implementadas pelas elites esportistas do início do século XX, que obstacularizaram como puderam a participação mais universalizada das camadas populares*”. (TOLEDO, p. 244).

Como nas notícias sobre a violência urbana em geral, todos os males acontecidos na sociedade era imputados àqueles que estavam à margem da “boa educação”. No Recife era crescente a participação extracampo da chamada assistência. A preocupação com as transgressões e as violências (a falta de educação esportiva) provavelmente

imputada aos torcedores de estratos sociais mais baixos, levou o próprio jornal a orientar ao que entendia ser a correta conduta do público.

Voltando aos jogos realizados entre brasileiros *versus* ingleses, neste momento em que a Liga prosperava, ocorreu um fato que causou sério constrangimento à sua diretoria após a realização do terceiro jogo. Em reunião da Assembleia Geral da L.S.P, na sede do Club Náutico Capibaribe, aconteceu o que a ata chama de um “gravíssimo fato”. O presidente Alcebíades Braga não estava presente, então Olyntho Jácome, na qualidade de vice-presidente, assume a presidência. Por proposta de Mário Pinto, “devido ao gravíssimo facto que a assembléia acabava de presenciar” a diretoria por completo renuncia. O Sr. Ten. Henrique Jacques é eleito presidente e Olyntho Jácome reeleito vice-presidente, ambos com 12 votos. Para a presidência da Comissão de Jogos, o também tenente Melchior Amaral fora eleito por 11 votos. Conhecido o resultado da eleição, a nova diretoria foi imediatamente empossada.

O que não havia ficado claro na ata da 17ª reunião de 17/9/1915 dias depois é explicado pelo Diário de Pernambuco. O chamado “gravíssimo fato”, se tratava de uma recusa do presidente da Liga em prestar as contas do apurado do último jogo entre brasileiros e ingleses, realizado sob a responsabilidade desta.

Efectuou-se hontem uma reunião de grande numero de associados de clubes filiados à Liga Sportiva Pernambucana com o fim de assistirem à sessão da diretoria, na qual deviam ser prestadas as contas do último benefício realizado no British Club. Apesar de ter numero legal de diretores, o sr. Alcebíades Braga, ex-presidente, não quis levar a efeito a prestação de contas, saindo precipitadamente e abandonando, conforme declaração sua, o cargo de presidente. Achando-se presente o sr. vice-presidente da Liga e havendo número legal para a sessão do Conselho Geral, o mesmo sr. vice-presidente convocou e reuniu os representantes em Conselho. Aberta a sessão, apresentaram a renúncia dos seus cargos todos os diretores, com declaração feita de não agirem assim como prova de solidariedade ao ex-presidente, mas sim para dar liberdade ao Conselho eleger nova diretoria (Foot-ball, Diário de Pernambuco, p. 03, 18 set.1915).

Tal prática, do agora ex-presidente da Liga, ainda resultou em sua expulsão do clube ao qual era filiado. O “Sport Club Flamengo, dando como eliminado a bem da disciplina moral do mesmo club, o sr.Alcebíades Braga.” Ainda, consta na ata da 18ª reunião, de 23 de setembro, a formação de uma comissão de sindicância “para verificar as faltas cometidas pelo Sr. Alcebíades Braga”. Ainda, em 07 de outubro, o tesoureiro da Liga informa que “a bola que se achava em poder do ex-presidente Sr. Alcebíades Braga que comprometteu-se a entregal-a no prazo de oito dias ainda não tinha a mesma

entregado.” Assim, nos jornais pesquisados não se encontraram mais notícias do primeiro presidente eleito da Liga Sportiva Pernambucana. É importante ressaltar que na época as bolas eram importadas, sendo seu custo, portanto, bastante elevado.

Ainda sobre a preparação para receber o America do Rio de Janeiro, na reunião de 23 de setembro constituiu-se uma “comissão para angariar pelo commercio a retalho, o dinheiro para a vinda do America”. A partir de projeto apresentado por Henrique Jacques, quando ainda não era presidente, a chegada do time carioca estava cada vez mais perto.

Em reunião do dia 14 de outubro, o presidente Henrique Jacques propõe que a Liga tenha uma diretoria honorária composta por presidente e vice-presidente de honra e de um presidente e vice-presidente honorário. Proposta acolhida, fica assim formada a diretoria: Presidente de Honra – Eudoro Correia, prefeito do Recife; Vice-Presidente de Honra- Antônio Loyo Amorim, membro da Associação Comercial; Presidente Honorário – Manoel Guimarães; Vice- Presidente Honorário – Camillo Pereira Carneiro.

Não era ocasional que a diretoria de honra fosse formada por homens de poder e considerável capacidade aquisitiva. A Liga era um espaço de reunião de estudantes endinheirados, funcionários superiores e de capitalistas em geral e desejava se relacionar com gente do perfil social também altivo.

Os preparativos para o advento do America prosseguem. Para arrecadar dinheiro para essa empreitada, outro jogo entre brasileiros e ingleses é organizado no British Club, desta vez com os times entrelaçados.

É a primeira vez que tal succede nos annaes do foot-ball pernambucano, por isso estamos certos que o jogo será de grande movimentação em vista da máxima força que os dois elevens representam. A combinação foi feita de modo que um team dispõe de defeza forte e ataque fraco e outro ataque forte e defeza fraca. [...] Serão cobradas entradas para cavalheiros e senhoras em proveito da subvempção para a vinda do America do Rio (Grande jogo no British. Jornal do Recife, p.02, 24 set. 1915).

Com as negociações adiantadas, começa-se a elaborar o programa de recepção ao time carioca e os preços dos ingressos são definidos: 400 assinaturas de 5\$000 para cavalheiros e 200 de 10\$000 para um cavalheiro e duas senhoras. Podemos ter noção da importância dada a este evento nos valores dos ingressos que tiveram um aumento de cinco vezes em relação aos valores cobrados nos jogos entre brasileiros versus ingleses.

Após estar tudo ajuizado com o America (RJ), 12 passagens são compradas com desconto de 30% concedido pela empresa de navegação Loyd, uma comissão de recepção é formada, o programa de festa é organizado e convites são enviados para a Liga Sportiva Recifense, ao Casa-Forte, Paulistano e Agros, estes, clubes de futebol não pertencente à L.S.P. Os clubes de regatas Almirante Barroso e Saldanha da Gama agradecem as assinaturas enviadas, mas recusam o convite de participar, segundo eles, por motivos superiores. É possível que essa negativa significasse que o futebol não fosse incentivado por estes clubes de regatas, que procuravam favorecer o seu esporte favorito.

O Recife vai enveredando pelo caminho reto da
civilização: a chegada do America (RJ)

A vinda do America ao Recife, primeiro time de futebol a visitar o Estado de Pernambuco, foi cercada de muita expectativa por demonstrar que o futebol jogado aqui não ficava muito atrás do futebol carioca.

Graças aos incommensuráveis esforços do sr. 1º Tenente Henrique Jacques, teremos o grato ensejo de hospedar os valorosos players do poderoso team que é o América Football Club do Rio de Janeiro. [...] O team do America que é campeão de 1913, tem jogadores de nomeada, como sejam, dr. Belfort Duarte, valoroso back, Badú e Paula Ramos os impecáveis half-backs. Haroldo que é considerado um dos melhores out-side left e, finalmente, Ojeda Witte afora outros de real destaque nos circuitos sportivos cariocas. [...] Os nossos jogadores, terão, attendendo as boas qualidades dos nossos fucturos hospedes, uns adversários que fazem temer, e, resta que toda boa vontade seja vista por parte dos escalados, quer para o scratch, para que possamos demonstrar que temos bons players e que o tão querido sport bretão não está no período embrionário que se julga (Foot-ball. Jornal do Recife, p.05, 24 out. 1915).

Três jogos foram marcados com o America (RJ). O primeiro para o dia 10 de novembro contra o escrete anglo-brasileiro, chamado de “*a nata do elemento foot-baller de Pernambuco*”, o segundo contra o melhor time de brasileiros de Pernambuco e finalmente o terceiro contra a equipe inglesa do British Club.

Com os ingressos sendo vendidos no comércio chique do Recife (Casa Clark na Rua Nova, Camisaria Especial na Rua da Imperatriz, Sapataria Americana na Rua do Crespo e Livraria Universal na Avenida Rio Branco), o acontecimento mais importante do futebol pernambucano desde sua implantação era cercado de muita expectativa também pela “Coluna Moda e Elegancias” do Jornal do Recife.

O significado desse jogo ia além, não sendo somente assunto da coluna de esportes. Tratado como um evento social, onde a sociedade pernambucana celebrava a novidade européia, o jogo de futebol tinha como espectadores muitas famílias e cavalheiros. O bem-vestido público era composto também por moças refinadas. O seguinte trecho comprova estas afirmações.

Estamos na epocha dos Sports. Vamos ter, em breves dias, um sumptuoso match de foot-ball o que constituirá o clou da semana. [...] É na pelouse onde se deita a moda sportiva. Vamos pois ter a nossa estação sportiva no vasto e elegante ground do British Club. [...] Assim vestida pode visitar os pontos pitorescos da cidade, tomar parte em partidas sportivas campesinas e mesmo

dansar em bailes ao ar livre que a toilette a tudo se presta e é de uma grande elegância. (Elegancias – Sport.. Jornal do Recife, p. 03, 07 nov.1915)

Os jornais Pequeno e do Recife, no domingo, 07 de novembro, divulgam em suas capas uma foto do time do America perfilado, fato este até então inédito na imprensa pernambucana (ALVES, 2000, p. 22).

IMAGEM 02 - TIME DO AMÉRICA FOOT-BALL CLUB - RIO DE JANEIRO.



Fonte: Jornal Pequeno. Um grande match de foot-ball. Capa , 07. nov. 1915..

Símbolo de modernidade e urbanidade, a fotografia dos jogadores do America Foot-ball Club (RJ) materializa a etiqueta futebolística tanto na escolha da pose quanto no panorama da imagem.

Primeiramente, observemos a postura dos esportistas. Postados em três fileiras, os jogadores estão em postura imponente, apresentando posição muito comum desde o século XIX, a do corpo ou rosto com rotação de $\frac{3}{4}$ à direita.

Nos retratos de corpo inteiro, os homens apresentavam-se em posição ereta, de frente, com leve rotação do corpo ou do rosto para a esquerda ou direita [...]. Essa tipologia de postura e gesto não se restringe ao retrato de estúdio e é possível verificarmos a sua recorrência nas fotografias de parques e jardins, espaços de visibilidade do homem no século XIX e cuja frequência exigia

posturas corporais definidas pela etiqueta da convivência em espaços públicos abertos (LIMA, & CARVALHO, 2009, p.52).

As camisas (provavelmente vermelhas, visto que o America é, desde sua origem, alvirrubro) dotadas de botão e com as iniciais A.F.C bordadas ao lado esquerdo do peito, cabelos cortados e penteados, denotam a altivez com que os jogadores desejavam sair naquela representação de *status* e ostentação social. Não devemos esquecer que o material para a prática do futebol era importado e, portanto, custoso.

Dispostos em três fileiras, esta foto ainda transparece o sistema tático copiado dos campos ingleses: o sistema piramidal (2-3-5). Na imagem vemos o goleiro (goal-keeper), com camisa de cor clara, ladeado por dois zagueiros (full-backs), ao centro três meio-campistas (center-halves) e, em pé, cinco atacantes (forwards).

Ao lado dos jogadores observamos ainda a presença de dois senhores trajando *smokings*, camisas de cor clara e gravatas de cor escura. Estes senhores, possivelmente diretores, ao adotarem indumentária europeia desejam evidenciar a posição de distanciamento dos segmentos sociais desprestigiados e construir uma imagem (possivelmente real) de situação financeira vantajosa, sinônimo de respeito e dignidade. Reforçava-se, assim, a imagem de distinção do futebol.

Ainda, esta foto, mesmo diante de sua qualidade visual, confirma a predominância de jogadores com pele de cor clara, pertencentes às camadas sociais mais elitizadas.

O Jornal do Recife foi além na matéria sobre a advento do America (RJ), trazendo uma descrição dos “*rapazes distinctíssimos*” que compunham o time que iria desembarcar a poucos dias no porto do Recife, que era formado basicamente por acadêmicos e empregados públicos e privados. As ponderações do jornal foram assim adaptadas:

TABELA 01: COMPOSIÇÃO TÁTICA E OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOGADORES DO AMÉRICA FOOT-BALL CLUB - RIO DE JANEIRO.

Nome	Posição	Profissão/Ocupação
Guilherme Witte	Extrema-direita	Industrial
Gabriel de Carvalho	Meia-Direita	Empregado de Contabilidade da Ligth and Power
Fernando Ojeda	Center-forward	Doutorando de Agronomia
Harold Domingues	Forward	Estudante
J. Moreira da Silva	Meia-Direita	Estudante
Henrique dos Santos	Half-back esquerdo	Empregado do Laboratório Pharmaceutico Militar
Joaquim Ferreira	Goal-keeper	Doutorando em Medicina

Alvaro Cardoso	Meia-esquerda	Estudante de Direito
Paulino Silva	Back-direito	Jornalista (O Paiz)
Antonio Dias de Paiva	Back-esquerdo	Alunno da Escola de Guerra
Jonathas Braga	Center-half	Empregado do commercio
J. F. de Paula Ramos	Center-half	Empregado Público
Hadhemar Santos	Half-back direito	Estudante da Escola de Agricultura
J. A. Monteiro	Half-back esquerdo	Empregado da Cia. du Port de Pará

Fonte: Jornal do Recife, 07 nov. 1915. Tabela elaborada pelo do autor.

Através desse quadro observamos a presença do discurso de espírito amador, pois sendo necessária a menção da profissão/ocupação do jogador, a “profissão jogador” não existiria. A atividade desportiva era considerada privilégio de uma minoria e moralmente e socialmente não se aceitava a obtenção de dinheiro a partir do futebol, seja a partir de salários ou através de outros benefícios. No âmbito do amadorismo, a profissão do jogador era também o apontamento do lugar que ele ocupa na sociedade. Desta forma, mesmo com a presença de um “empregado do commercio”, não notamos jogadores de posição social inferior, tais como jornaleiros, operários ou militares praças.

Sobre a formação do America (RJ) em 1916, Mario Filho (2003) nos traz como o clube fazia papel de “*prolongamento de uma Faculdade, o ponto de reunião de colegas*”. Observemos os nomes de muitos jogadores que passaram por Recife nesta turnê no ano anterior.

O caso do América em 16. Um acadêmico de medicina, Ferreira; um linotipista do *Correio da Manhã*, **Paulino**; um aluno da Escola de Guerra, **De Paiva**; três engenheiros agrônomos, os únicos colegas do time formados juntos em Pinheiros, **Ademar**, Oscar e **Ojeda**; um industrial, **Vitti**; um funcionário dos Telégrafos, **Paula Ramos**; um funcionário da Light, **Gabriel de Carvalho**; um empregado da Galeria Gomes, comissário de café, **Álvaro**; e um faz nada, rapaz rico, **Haroldo**. Só mesmo um clube podia fazer dessa gente uma família [grifos nossos]. (MARIO FILHO, 2003, p.103)

Enfim, nas primeiras horas da manhã do dia 10 de novembro, pelo paquete São Paulo, do Lloyd Brasileiro, o time do América (RJ) chega ao Cais da Avenida Martins de Barros. Para recepcioná-los, afluiu grande número de *sportmen*. Compareceram representantes de diversos clubes de futebol e até mesmo as associações náuticas Barrozo, Saldanha da Gama, Sport Club do Recife e Clube Náutico Capibaribe, estavam presentes. Estes dois últimos formaram um comboio de cinco lanchas que acompanhou o vapor até o ancoradouro interno do cais. Momentos depois, com uma lancha cedida

pelos Correios, a Comissão Central da Liga, representantes da imprensa, dos clubes coligados e fotógrafos foram ao encontro do São Paulo.

A bordo do navio São Paulo, o orador da Liga Sportiva Pernambucana Mário Pinto, apresentando os votos de boas vindas, explicitava “*o grande valor [...] deste conagraçamento sportivo que [...] significava o desejo dos sportmen pernambucanos em conhecer de visu o alto grao de adiantamento do foot-ball ao visinho Estado do Sul*”.

Em resposta a distinção que fora tratado,

o distinto foot-baller carioca Paula Ramos (captain)” afirma “ser conhecedor do grande desejo dos sportmen pernambucanos em se conagraçar com os sportmen do sul, o que trazia-lhe orgulhoso por enfrentar rapazes que tem revelado verdadeira educação sportiva: nenhuma intenção de victoria permanecia no momento em seu pensamento a não ser a victoria do sport pelo sport [...] (Chegada do “scratch” do America. Jornal Pequeno, p.02, 10 nov.1915)

Depois das honras, a equipe carioca recebeu os anfitriões pernambucanos com um buffet ainda dentro do paquete São Paulo, aonde foi servida *champagne*. “Às 9 horas da manhã desembarcavam os illustres foot-ballers no caes da Av. Martins de Barros, seguindo acompanhados das commisões em automóveis para o Hotel do Parque aonde se acham hospedados.” (Team do America Foot-ball Club do Rio de Janeiro. Jornal do Recife, p. 02, 11 nov. 1915).

No mesmo dia de seu desembarque o America disputou, no campo do British Club, sua primeira partida em terras pernambucanas. A programação da festa sportiva organizada pela Liga Sportiva Pernambucana para esta ocasião incluía uma banda de música, que tocava antes do jogo, no intervalo e depois de cada gol e *buffet* para o público no interior do campo.

Com uma “assistência seleta considerável” o time americano venceu *irreprehensivelmente* o escrete anglo-pernambucano pelo placar de 5 X 1. “Encheram-se as cadeiras. Muitas famílias, das mais distintas, tiveram de passar pelo supplício de apreciar, de pé, a grande prova sportiva”. (Os cariocas conseguem levar de vencida o scratch anglo-brazileiro por 5 x 1. Jornal do Recife, p. 03, 12 nov.1915).

O Jornal do Recife expõe que apesar da ampla diferença no placar, este não representa a superioridade qualitativa por parte dos jogadores cariocas. Valorizando os jogadores do America, continua o jornal, “não resta a menor dúvida que poderiam os nossos jogadores tê-lo evitado, fazendo jus ao valor dos mesmos, que fora de toda

modéstia, não ficam aquém dos nossos distintos hóspedes.” Termina por exemplificar citando o placar de um jogo entre cariocas e paulistas onde estes foram derrotados por 8 um. (12 nov. 1915, p. 03).

Já no domingo, 14 de novembro, aconteceu o segundo jogo do America. Pernambucanos versus cariocas era a manchete da página quatro do Jornal do Recife. A disputa era destaque em todas as rodas de conversa na cidade e a perspectiva era de “*que jamais o espaçoso field da Ponte d’Uchoa logrará uma assistencia tão selecta e numerosa como a de hoje.*” (O grande match de hoje. Pernambucanos versus cariocas. Jornal do Recife, p.04, 14 nov. 1915).

Com o reforço nos bondes das linhas Torre e Dois Irmãos, mais uma vez foi organizada um festival desportivo. A Escola de Aprendizes, após a apresentação de bandas de música, realizou demonstrações de “*exercícios modernos*” de esgrima de baioneta e ginástica sueca durante as horas que antecederam o jogo. “É mais um meio de propaganda da cultura phisica aproveitado pelos que estão a frente de utilíssimo movimento em prol do fortalecimento da nossa raça” (Programma para o grande “match” de amanhã no “British Club”. Jornal Pequeno, p.02, 13/11/1915).

A equipe pernambucana perdeu pelo placar de 5 a 2 diante de uma “selecta assistencia incommensurável”.

Nas cercanias do espaçozo field, vimos alem de altas autoridades federaes e estadoaes, gentis patricias que com suas finas toilettes de apurado gosto, emprestavam a sumptuosa festa da L.S.P um “que” de chic e attrahente. Dos mais dignos aplausos foram alvo os briosos menores da Escola de Aprendizes, que por espaço de 40 minutos deleitaram a assistencia com seus irreprehensíveis exercícios de bayoneta e o inigualáveis jogos suecos (O America consegue levar de vencida o scratch pernambucano por 5 x 2. Jornal do Recife, p 03, 16 nov. 1915).

O terceiro jogo do America em terras pernambucanas realizou-se no dia 15, contra o time formado somente por ingleses. E outra goleada foi aplicada, desta vez por 5 x 0. (ALVES, 2000, p.24). “O America aniquila o poderio do “scratch” inglêz” publicou o Jornal do Recife (16/11/1915, p.02).

Com o atraso do navio Brasil que iria levar o time do America de volta ao Rio de Janeiro, a Liga Sportiva Pernambucana acertou a realização de outra partida, desta vez, com a renda revertida para as vítimas da seca no Estado. A data escolhida não foi por acaso: 19 de novembro, dia da bandeira nacional. O *match* de caridade, como foi

chamado pelos jornais, foi outra disputa contra o combinado anglo-pernambucano, que desta vez sofreu a maior goleada dos jogos do America (RJ) no Recife: 8 x 3.

Enquanto na capital pernambucana, o jogo filantrópico tinha a intenção de ajudar as vítimas do flagelo da seca que atingia a região nordeste, dez anos antes aconteceu um jogo na capital federal em benefício “*dos pobres socorridos pela assistência pública*”. Referência ao Rio de Janeiro, o sentido desse jogo pode ser trazido para o contexto do *match de caridade* realizado no Recife, afinal eles

atestavam o sucesso da operação que transformara um jogo aparentemente brutal e sem sentido, praticado por operários ingleses, em um fino e delicado evento social. Fazendo-se aprendizes de uma tradição que, vinda da Inglaterra, começava a mostrar sua influencia em terras tropicais, eles transmutavam-lhe os sentidos – atribuindo ao jogo o caráter mágico de transformar seus praticantes, dando a eles uma identidade particular que os converteria na vanguarda do cosmopolitismo na cidade (PEREIRA, 2000, p.41).

Enfim, as partidas realizadas pelo America no Recife evidenciaram que os jogos transformavam-se em grandes encontros sociais, conagraçamentos que se compunham em festas animadas, como descrevia com frequência a crônica esportiva.

Após as “lições dadas aos foot-ballers pernambucanos”, no domingo, 21 de novembro, ocorre o embarque da comitiva do America para o Rio de Janeiro.

O embarque, se bem que inesperado, em todo caso revestiu-se de alguma solenidade, pois seguiram aqueles foot-ballers para bordo, em lancha especial dos correios, acompanhados das comissões representativas dos clubs colligados da L.S.P, do Casa Forte Sport Club e deste jornal. Chegados que foram a bordo do paquete Brazil, os distintos players do America convidaram as pessoas que as acompanharam a irem ao bar, onde foram servidas bebidas diversas, sendo por esta ocasião, brindados pelo coronel Alberto Moreira Lopes, que, em nome do Casa Forte e deste jornal, augurou aos moços da America uma viagem feliz e cheia de attractivos (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 23 nov. 1915).

A importância da vinda do America para o desenvolvimento e aprimoramento do futebol pernambucano foi apontada de maneira muito clara nos jornais da época. “*Os resultados desta visita foram os mais vantajosos possíveis, pois, os destemidos jogadores deixaram patentes a sua perícia e actividade no divertido sport*”, relatou o Jornal do Recife (22/11/1915, p.03). “*A vinda do America a esta capital fez correr a passos largos o sport em nosso meio*” ratificava o Jornal Pequeno (23/11/1915, p.03.).

Após a volta do America ao seu Estado, o campeonato organizado pela Liga Sportiva Pernambucana teve seu reinício. Faltando pouco mais de um mês para terminar o ano, decidiu-se realizar os jogos entre os três times que se encontravam empatados em 1º lugar: Flamengo, Santa Cruz e Torre. Para essas partidas de desempate houve a cobrança de ingressos, o que era uma novidade.

Outra medida, ainda, foi a transferência das disputas do campo do Derby para o do British Club, em Ponte D’Uchoa, o qual foi sede dos jogos com o America (RJ). A disseminação do futebol parecia ser um problema a ser enfrentado, pois parte do público que frequentava o campo do Derby não tinha a elegância e a quietude dos “verdadeiros *sportman*”. A “fina-flor” não aceitava que a torcida fosse composta de grupos, talvez de negros, pobres e outros tipos sociais “desqualificados”. Assim, mesmo o sujeito branco não pertencente àquele público refinado e aristocrático, era considerado um intrometido.

Por uma louvável negociação com a directoria do British Club, a Liga Sportiva Pernambucana vae terminar o seu campeonato no aprazível campo da Torre, que já está por demais conhecido do nosso público, como sendo um ponto distincto de diversões sportivas e festas compostas de caridade. Fugindo à promiscuidade e a intolerância de uma parte menos educada do publico que costumava assistir aos jogos do campeonato, no Derby, a directoria da Liga procurou salvaguardar os interesses e desenvolvimento do foot-ball, dando a seus clubs filliados, ensejo de jogarem os últimos matches de desempate de seu campeonato, em um campo cercado, a coberto de invasões e distúrbios pouco recomendáveis a um meio civilizado. [...] As entrada custarão 1\$000 para cavalheiros, 500 réis para creanças de menos de 12 annos e senhoras. Cadeiras para senhoras mais 1\$500, para cavalheiros mais 1\$000. [...] Bonds extraordinários (British Club. Jornal Pequeno, p.02, 27 nov. 1915).

Essa medida contou com o apoio de outro jornal também. “*Foi uma medida que se impunha pois o campeonato do Derby em vez de concorrer para o desenvolvimento do sport concorre para o seu descrédito tal a invasão que sempre se verifica por ocasião dos matches*” (Grande match de campeonato no Bristish Club. Jornal do Recife, p.04, 26 nov. 1915).

Aqueles que se julgavam os agentes da modernidade importada do Velho Mundo não estavam contentes com a intromissão de gente que não respeitasse a ordem e a disciplina e trataram de levar os *matches* para um espaço fechado. Agora quem desejava assistir as partidas de futebol, além de pagar pelo ingresso, deveria pagar, também as passagens de bonde para ir e voltar, visto que o British Club ficava bem afastado do centro do Recife em relação ao campo do Derby.

Com um aura de distinção construída ao longo do ano, no dia 12 de dezembro de 1915 chegava ao fim a primeira temporada de futebol da Liga Sportiva Pernambucana. Este primeiro campeonato pernambucano de futebol, teve o Flamengo se sagrando campeão.

[...] diante de uma assistência numerosa onde a parda elegância sadia dos nossos rapazes, estava a garruda alacridade das nossas patrícias dar nos o riso delicioso de sua juventude. Já nos serve de consolo assistirmos, como hontem, as expansões de entusiasmo de um grupo de jovens conterrâneas que torciam a valer. Isso vem provar que o sport entre nós progride, agora que o Recife deita ao lado o jaleco burguez de annos passados e surge, ainda com a cara de somno a vestir, estremunhado, a casaca do progresso.[...] A nós outros que batalhamos pelo desenvolvimento do sport resta-nos a gloria de patentearmos que um passo já está dado na ascenção para um futuro de louros” (O Flamengo bate o Torre pelo significativo score de 3 x 1 e consegue título de campeão. Jornal do Recife, p.03, 14 dez. 1915).

CAPÍTULO 2

O início da bifurcação amadorismo/ profissionalismo.

O campeonato de 1916 da Liga Sportiva Pernambucana teve o acréscimo de quatro times participantes: o Casa Forte Foot-ball Club, que havia se recusado a tomar parte do campeonato de 1915, o Paulista Foot-ball Club, time ligado à família Lundgren, Sport Club do Recife, que teve seu pedido de inclusão na Liga aceito ainda no final do ano anterior e o Clube Náutico Capibaribe. Estes dois últimos eram clubes com certo de tempo de existência (ano de fundação: 1905 e 1901, respectivamente), mas que se dedicavam ao remo em grande parte de suas atividades esportivas.

Na formação da disputa, estes recém-filiados compuseram a divisão B enquanto na divisão A ficaram os já participantes do ano anterior, com exceção da Colligação Sportiva Recifense, eliminada por não pagar a jóia do ano anterior integralmente.

O Santa Cruz foi o primeiro colocado do grupo A e o Sport do grupo B. Assim, por determinação do artigo 60 dos Estatutos da Liga, estes deveriam se enfrentar para se conhecer o vencedor do campeonato de 1916 (Foot-ball. Jornal Pequeno, p. 02, 01 dez. 1917).

O Sport Club do Recife, que já era composto por cinco ingleses, trouxe um reforço do America do Rio de Janeiro para a disputa da final contra o Santa Cruz, o zagueiro Paulino Silva, integrante da embaixada esportiva que veio ao Recife no ano de 1915 a convite da L.S.P.

Emquanto o valoroso Santa Cruz constituía o seu eleven de elementos puramente seus, de jovens tirados do seio de sua associação, todos brasileiros, pernambucanos, o Sport, que tinha já em seu team cinco estrangeiros, não se contentou com elles e foi ainda buscar em terra longíqua um sexto elemento, tendo assim o seu eleven constituído por uma maioria de jogadores estrangeiros (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 27 dez. 1916).

Não sendo bem vista, a escalação deste jogador para reforçar o time rubro-negro na partida derradeira do campeonato de 1916 foi taxada, por alguns, como um exemplo de profissionalismo.

A Liga Pernambucana, por sua vez, permitiu que no jogo tomasse parte um profissional declarado, o que constitue uma quebra do artigo 108 das disposições geraes do Regulamento, artigo que veda nos matches a

participação de foot-ballers profissionaes. [...] O campeonato de domingo seria uma prova anulável se a Liga tivesse uma directoria que soubesse comprehender o que era imparcialidade, ou, pelo menos, não desconhecesse o Regulamento por que se diz reger. [...] Que os demais clubs não se resintam com a derrota de domingo. A victoria do Sport seria de qualquer outro club que sae buscar fora do Estado campeões profissionaes e tivesse em seus elevens estrangeiros em sua maioria (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 27 dez 1916).

A desconfiança sobre a legitimidade e a moralidade do ato do Sport Club do Recife inicia a controvérsia que provoca uma tensão entre os idealizadores do esporte. A polêmica em relação ao profissionalismo do jogador Paulino Silva foi tema de discussão nos jornais locais.

No Jornal Pequeno, a matéria enfatizava que diversas foram as irregularidades na partida final. Não satisfeito com a presença de estrangeiros e de um “profissional” na vitória do Sport e, ainda, se queixando da arbitragem, o Santa Cruz protestou perante a Comissão de Jogos da Liga. No julgamento da queixa tricolor ocorreu o empate de 2 a 2 entre os votantes desta Comissão, cabendo ao presidente o voto de Minerva. Hybernon Wanderley, sócio e “*player*” do time do Sport Club do Recife, votou contra o protesto tricolor e assim a favor do time rubro-negro (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 28 dez. 1916).

Compondo sua defesa frente à acusação de profissionalismo por parte da opinião esportiva, o Sport Club do Recife, através do Diário de Pernambuco, publica dois telegramas recebidos do Rio de Janeiro e assinados por Heitor Luz, secretário do America. “*Do Rio de Janeiro recebeu o Sport Club os seguintes telegrammas cuja publicação nos solicita: Affirmo Paulino Silva amator protesto calumnia boato corre ahi. Heitor Luz, secretario America*” (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p. 03, 30 dez. 1916).

Como prova de que o *player* Paulino Silva praticava o futebol com dedicação amadora, ou seja, por prazer e desinteressado de dinheiro, publicou-se correspondência onde se afirma que o mesmo possuía um emprego e recebia por este, portanto não era um profissional da bola.

“Correio Manhã forneceu seguinte atesto ser Paulino Silva, empregado linotypista officinas deste jornal firma gerente reconhecida.” Heitor Luz, secretario America (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p. 03, 30 dez.1916).

Neste mesmo dia, o 1º secretário da Liga Sportiva Pernambucana, Nelson de Castro e Silva, solicita a publicação de uma carta de sua autoria, o que é atendida pelo Diário de Pernambuco.

Nelson de Castro expõe que no meio esportivo pernambucano existe uma celeuma motivada *pela falta de educação sportiva d'alguns dos nossos "sportmen"* e a qual, em defesa da Liga, ele não poderia se omitir.

A infeliz campanha levantada perante a "Liga Sportiva Pernambucana" pelo glorioso Santa Cruz Foot-Ball Club [...], reclamando a existência de um pretenso direito, que surge peccando pelas bases de suas argumentações "in totum" nullas e improcedentes (Srs. Redactores do "Diario de Pernambuco"- Solicito-vos a publicação do presente. Diário de Pernambuco, p.03, 30 dez.1916).

Como observamos, o estatuto da Liga, em seu artigo 108, não permitia a participação de *foot-ballers* profissionais. Os jogadores que fariam parte dos times deveriam comprovar que estavam devidamente empregados, como foi o caso de Paulino Silva. Esse controle sobre a profissão dos jogadores demonstrava certo desconforto com uma provável mistura de classes com a participação de jogadores fora da realidade social daqueles que já compunham a Liga. A Liga tentava evitar assim a inscrição de jogadores cujo perfil fosse indesejado.

Essa prática ainda incipiente no Recife, não era exclusividade da Liga Sportiva Pernambucana. No Rio de Janeiro, o estatuto de 1916 também previa a seleção dos elementos que iriam ser filiados à Liga Metropolitana. A Lei do Amadorismo congregou preceitos de restrição à entrada de jogadores de menor nível social.

Definiam claramente que não seriam amadores, entre outros: os "que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando como tais todas aquelas em que o individuo depende inteiramente de seus poderes físicos e não dos recursos de sua inteligência"; aqueles "cuja profissão lhes permitia o recebimento de gorjeta"; os "criados de servir; aos empregados (denominados caixeiros) de armazéns de secos e molhados, vendas ou mercearias"; os "contínuos, estafetas" e "serventes em geral"; os "guardas civis e praças de pret"; e, para completar, evitando qualquer esquecimento, os "que exercerem qualquer posição, profissão ou emprego que, a juízo do Conselho Superior, esteja abaixo do nível moral e social exigido pelo sport do amadorismo". (PEREIRA, 2000, p. 118)

Em relação à chegada desse jogador de outra cidade, havia a suspeita de que este estaria recebendo algum tipo de vantagem, que não necessariamente o pagamento de salário.

Para os amadoristas, o futebol deveria ser praticado com amor, para o deleite do praticante. Qualquer outro interesse, seja pecuniário ou outro tipo de vantagem, corrompia o esporte e era digno de desconfiança. Os defensores do futebol como elemento regenerador através do desenvolvimento físico repudiavam esse tipo de comportamento: utilizar a prática do futebol como meio de se acumular capital.

Alheio às polêmicas, no dia da decisão, Paulino estava em campo auxiliando o Sport a derrotar o Santa Cruz e conquistar seu primeiro campeonato. “Os rubro-negros fizeram um festão dentro do campo do British de onde saíram num bonde que tirou direto da Torre para a sede do Sport, situada no Cais José Mariano, onde o carnaval se prolongou madrugada adentro” (ALVES, 2000, p.141).

Com a vitória do Sport Club do Recife, tanto nas quatro linhas quanto no tapetão¹⁰, o cenário esportivo alterou-se substancialmente. Com o aumento do retorno financeiro, os clubes começaram a apostar em jogadores de outros estados, com mais experiência e prática futebolística. O campeonato representava agora um lugar de demonstração da competência do clube existindo necessidade de demonstrar suas façanhas honoríficas com troféus e medalhas.

Gradativamente as amarras do amadorismo pareciam querer se arrebentar, contribuindo assim para o processo de profissionalização dos jogadores de futebol.

¹⁰ Expressão muito utilizada no futebol quando um time perde em campo, mas deseja ganhar na justiça desportiva. Neste caso, o time derrotado, o Santa Cruz, recorreu à Liga, perdendo a causa.

As brechas vão aumentando

Atraindo cada vez mais público, como espetáculo, o futebol precisava de palcos apropriados. A grande novidade, no início do ano de 1917, foi a construção do *ground dos Afflictos*, que teve sua inauguração em partida organizada pela Liga Sportiva Pernambucana.

[...] a Liga Sportiva Pernambucana realizou antehontem a inauguração de seu campo de Afflictos com um match de foot-ball no qual tomaram parte jogadores de todos os seus clubs filliados. [...] O campo da Liga mede 106 metros e 40 de comprimento e 66 metros e 40 de largo. Trabalharam em sua construção os srs. Isaac Gondim, Gercino Malaagueta e José Arruda, estudante da Escola de Engenharia. [...] O campo tem, a três metros de distancia das linhas de touch, uma sólida cerca de arame entrelaçado formada por postes fixos a um metro de distancia um do outro tendo também um metro e pouco de altura. Está bem nivelado, apresentando ao espectador uma agradável impressão. (O campo dos Afflictos – match de hontem. Diário de Pernambuco, p.02, 06 mar. 1917)

Neste ano, o Estado de Pernambuco comemorou intensamente os 100 anos da Revolução Pernambucana de 1817. Fazendo parte dessas comemorações ao primeiro centenário da *revolução republicana de 1817* foi preparado pelo *Instituto Archeológico* e pela Liga um torneio de futebol.

O Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano foi fundado no dia 28 de janeiro de 1862, constituindo-se no primeiro instituto histórico regional do Brasil. No período de 1912 a 1919, o IAHGP estava instalado no Ginásio Pernambucano, tradicional colégio pernambucano¹¹.

Diversas foram as comemorações do centenário da Revolução de 1817. Para a ocasião foi criada uma “*medalha comemorativa [...] em bronze*” que fora “*cunhada pela Casa da Moeda de Paris.*”¹².

¹¹ GASPAR, Lúcia. *Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 08 ago. 2013 às 11h24.

¹² Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. 1862-2012: uma bibliografia aos 150 anos. Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco. Organização: Lúcia Gaspar. Colaboração: Henrique de Vasconcelos Cruz (pág. 5).

O Instituto era o espaço de debate entre os intelectuais da sociedade pernambucana. Seus membros tinham uma profunda marca elitista e seguiam carreiras jurídicas, militares, burocratas, políticas, entre outras.

Para termos uma idéia do perfil de seus membros analisemos Francisco Augusto Pereira da Costa, que foi seu presidente durante o período de 20/07/1911 - 22/02/1912 e é colocado com um dos seus mais célebres membros.

Pereira da Costa permaneceu no Instituto por cinquenta anos deixando vasta contribuição de dezenas de artigos, memórias, discursos e relatórios de pesquisa. [...] *“O trabalho incansável deste pesquisador permitiu-lhe legar à posteridade uma das mais vultuosas obras de recolha e comentário de fontes primárias [...]. Isso faz de Pereira da Costa quase uma fonte primária”*.¹³

Harmonizado com a orientação política de Francisco de Assis Rosa e Silva¹⁴, sob a influência desse forte nome da oligarquia latifundiária que tinha ampla participação no cenário político pernambucano desde 1894, Pereira da Costa foi eleito deputado pela primeira vez.

Francisco Augusto Pereira da Costa nasceu na capital pernambucana no ano de 1851 falecendo em 1923. Coligado a um dos maiores potentados políticos do Estado em finais do século XIX e início do XX, o deputado federal, senador e vice - presidente Rosa e Silva, conseguiu espaço na política pernambucana como parlamentar, onde viria a defender os interesses da classe a qual pertencia, bem como os seus próprios. (p.60)

Ao pertencer à programação das comemorações organizadas pelo *Instituto Archeológico*, a Liga Sportiva demonstrava deixa claro o contorno elitista de seus membros e filiados.

A intenção inicial da L.S.P. era realizar um campeonato entre selecionados dos Estados de Pernambuco, Pará, Paraíba e Rio Grande do Norte ao longo de seis dias (Tabela. *Jornal Pequeno*, p.04, 03 mar.1917), mas devido a problemas de última hora (Inauguração do ground dos “Aflictos” em partida organizada pela L.S.P. *Jornal*

¹³ Disponível em: <http://www.institutoarqueologico.com.br/historico/pereira.php>. Acesso em: 08 ago. 2013 às 12h40.

¹⁴ Foi um político pernambucano que chegou a vice-presidência da República (1898-1902). Era ele que, mesmo como fim do império, *“dava suporte aos mesmos modos aristocráticos de mandar e manobrar [...] os cordões da política pernambucana e nacional.”* (HÉLIO: 2001, p.20)

Pequeno, p.02, 04 mar. 1917) apenas o Pará, através do Clube do Remo, pode comparecer à disputa. Ficou então a fórmula do torneio definida como uma “melhor de três” entre o selecionado pernambucano e o Club do Remo do Pará.

Como um espaço de encontro e auto-identificação entre os membros das elites, a organização de torneios que abrangessem outros Estados, demonstrava não só o interesse na prática esportiva, mas respondia também aos anseios de se conquistar um resultado favorável, a vitória, que definiria a posição dominante da educação e do desenvolvimento de sua sociedade. A boa educação demonstrada pelos times, formados por cavalheiros, respeitadores da disciplina, corteses e comedidos, representava a civilidade da sociedade a qual pertenciam.

IMAGEM 03 - O *TEAM* PERNAMBUCANO.



O “scratch” pernambucano que disputou com o Club do Remo a taça “Centenario” no campeonato inter-estadual de “foot-ball”.

Fonte: Diário de Pernambuco, 12 mar.1917, capa.

Com ingresso de 2\$000 para cavalheiros e 1\$000 para senhoras, o primeiro *grande match interestadual* aconteceu no domingo, 11 de março, nos Aflitos. O valor dessas entradas não era de todo restritivo para a população, mas tratava-se de um valor alto o suficiente para assustar boa parte dos interessados nos jogos a serem realizados.

Às 15,30 deram entrada no campo, em automóveis acompanhados por um director da Liga, os players azulinos. Poucos depois deram entrada no “ground” tendo como “captain” o “player” Lulu sob aplausos unânimes da assistência avaliada em 2.500 pessoas (Foot-ball. Diário de Pernambuco, 12/3/1917, p.04).

No intervalo desta primeira partida, o Dr. Pedro Celso, 1º vice-presidente do Instituto Arqueológico, pronunciou ligeiro discurso, agradecendo a colaboração que para a vivacidade das festas do centenário da revolução de 1817 trouxe o Club do Remo do Pará e

Tratou da educação physica, de seus benefícios, o seu alcance na defesa da pátria e terminou por entregar aos distinctos “sportmen” uma taça com a seguinte inscripção: o Instituto archeológico e geographico pernambucano ao Club do Remo do Pará. [...] Os moços de Club do Remo ergueram vivas ao Instituto Archeologico, enquanto a grande assistencia aplaudia a manifestação da velha sociedade histórica à mocidade paraense. (O grande match inter-estadual. Diário de Pernambuco, p.04, 12 mar. 1917).

Com duas vitórias (4x2 e 3x2), o Club do Remo conquistou a taça Centenário oferecida pelo Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano. Este troféu foi colocado dias antes em exposição na vitrine de uma joalheria da Rua Nova.

IMAGEM 4- Troféu de bronze



Bronze, symbolizando a victoria, destinado pelo Instituto archeologico a premio no campeonato interestadual de “foot-ball” que acaba de realizar-se nesta cidade. Conquistou-o o Club do Remo do Pará, por um total de 7 goals contra 4. Fonte: Diário de Pernambuco, capa, 17 mar. 1917.

Terminada as comemorações dos 100 anos da Revolução Pernambucana, a Liga preocupa-se agora com a realização do campeonato de 1917. Nos mesmos moldes do ano anterior, com dois grupos aonde seus vencedores iriam se enfrentar no final para definir o campeão do ano, os jogos foram realizados no recém-inaugurado *ground de Afflictos*.

O campeonato teve início no dia 8 de abril, reunindo o campeão de 1916, o Sport, e o Paulista.

Em meio ao campeonato organizado pela Liga Desportiva Pernambucana, os clubes filiados a esta participaram no dia 29 de junho de 1917 de um pequeno torneio “em beneficio das creanças desvalidas [...] para se disputar um “rico premio offerecido pelas Damas de Beneficencia” (O torneio de amanhã – o nosso palpite. Jornal Pequeno, 28 jun.1917).

O futebol, assumindo um papel grandioso e nobre, associava-se às senhoras da sociedade para promover disputas beneficentes.

Nos moldes das festas de caridade promovidas pela alta sociedade, esses jogos, atraindo ao estádio um “público fino e elegante” [...] atestavam o sucesso da operação que transformara um jogo aparentemente brutal e sem sentido, praticado por operários ingleses, em um fino e delicado evento social. Fazendo-se aprendizes de uma tradição que, vinda da Inglaterra, começava a mostrar sua influência em terras tropicais, eles transmutavam-lhes os sentidos – atribuindo ao jogo o caráter mágico de transformar seus praticantes, dando a eles uma identidade particular que os converteria na vanguarda do cosmopolitismo na cidade (PEREIRA, 2000, p.41).

Para o Jornal Pequeno, o campeonato vencido pelo Santa Cruz representava a vitória do futebol. Com um público calculado em 5.000 pessoas, quem foi aos Aflitos testemunhou o quanto de progresso alcançou a Liga Sportiva Pernambucana.

[...] Nunca foi visto em nosso meio tão sensacional victoria, não é victoria de um club, é a victoria de um ideal, é uma sociedade inteira de mãos dadas a jovens sportmen, trabalhando em communhão de vistas pela propagação dos sports que é, sem contestação o caminho mais puro, mais perfeito á educação e o desenvolvimento de uma raça. A nossa alegria, o nosso prazer em constatar este facto nesta columna é muito grande. (A deslumbrante festa de hontem – os bravos tricolores mais uma vez triumpham. – O delírio da assistência. Jornal Pequeno, p.02, 30 jun. 1917)

Sobre o time tricolor, vencedor da final contra o Sport (de um campeonato que contou com outros 6 times), o Jornal Pequeno expõe que [...] *é um team composto de elemento educado e formado em nossos campos, não é um team de players que á feição de vagabundos vivem como pássaros, sem pousada certa [...]* (A deslumbrante festa de hontem – os bravos tricolores mais uma vez triumpham. Jornal Pequeno, p.02, 30 jun. 1917).

Após chamar de vagabundos os jogadores que mudavam de time com frequência, o Jornal Pequeno dias depois lança uma “*explicação necessária*”.

[...] a intenção que tivemos num trecho de nossa chronica de sabbado, onde classificamos de jogadores vagabundos os que vivem a mudar constantemente de clubs [...] vimos declarar que não se refere o mesmo trecho a jogadores vindos de outros Estados, como querem comprehender os mal intencionados. Esta explicação fazemos porque, achando-se nesta capital alguns players de outras capitaes, o nosso dever de hospitalidade não permittia tão descortez allusão, mesmo porque dentre elles acham-se os Mottas, aos quaes somos ligados por grande admiração e sympathia. (Uma explicação necessária. Jornal Pequeno, p.02, 02 jul. 1917).

No campeonato oficial da Liga depois de transcorridas as partidas dos dois grupos, ficou definido que o encontro decisivo do ano anterior iria se repetir: o Sport e o Santa Cruz saíram campeões de seus grupos e deveriam se enfrentar para se pudesse conhecer o campeão do ano.

Lutando pelo bicampeonato, o Sport novamente busca um novo jogador no Rio de Janeiro para a partida decisiva e novamente a polêmica entra em campo. O jogador Cyro Werneck, vindo do Botafogo chegou ao Recife nos últimos dias do mês de novembro e se tornou assunto obrigatório nas rodas desportivas.

Como sabem os nossos leitores desta secção, o Sport Club do Recife tem registrado na lista de sócios da Liga, moços que, sendo bons jogadores não residem aqui no Recife, vindo somente em ocasiões opportunas em que se torna necessária. Tal como succedeu com Paulino, no anno passado, que veio jogar simplesmente pelo seu club, no match de desempate do Santa Cruz e, pelo que dizem, com este tão falado Cyro Werneck que já chegou ou vem por ahi, já pelas plagas pernambucanas (A sessão de hontem da directoria – O jogo de domingo – Cyro Werneck poderá jogar? Jornal Pequeno, p.02, 30 nov. 1917).

O Jornal Pequeno, citando o estatuto, saiu em defesa do Sport Club do Recife.

Culpam a Liga de não pôr um paradeiro a essas causas. Porém nada pode fazer. O que o Sport está fazendo é legal e muito legal. O que os estatutos da Liga requerem é que o sócio tenha dois meses de inscrição. Ora Cyro Werneck foi inscripto na Liga em sessão de 29 de setembro deste anno, já tem o prazo legal (A sessão de ontem da directoria – O jogo de domingo – Cyro Werneck poderá jogar? Jornal Pequeno, p.02, 30 nov. 1917).

O Diário de Pernambuco, na véspera da partida decisiva, anunciava a presença do jogador recém chegado do Rio de Janeiro, com vistas a reforçar a equipe rubro-negra.

Sabemos que pelo team do Sport Club jogará um novo player, para nós, chegado esta semana do Rio, onde occupava o lugar de keeper do Botafogo Foot-ball Club, segundo nos informaram. Elle irá substituir o L. Cavalcante na posição de keeper da barra rubro-negra (As provas decisivas do campeonato. Diário de Pernambuco, p.03, 01 dez. 1917).

No domingo, dia da partida decisiva, a polêmica ocupou espaço significativo da parte dedicada aos esportes no Diário. Comparando os times do Santa Cruz e do Sport, o Diário apresenta sua opinião.

O Santa Cruz F. C., associação nova, mas de tirocínio brilhante, vae em campo da lucta contando somente com elementos nossos, feitos nos campos do Recife e que, em defeza de suas cores se batem e se bateram sempre. Infelizmente, cousa bem diversa se passa no seio de seu forte antagonista. O Sport Club do Recife, com os processos que vem adoptando, desde o anno passado, no sentido de melhorar seu team, se tem collocado em uma situação que não merece applausos dos que se batem com dedicação pelo progresso de nosso sport. O club rubro-negro, conceituado como é no seio de nossa sociedade, poderia se colocar em outra posição pela qual só lhe poderiam advir nova sympathias e melhores conceitos. Elle collocou e colloca no seu team elementos de fora, feitos em outros grounds e alguns até fazendo parte da equipe somente para a disputa da prova final, como aconteceu o anno passado e este anno também. A collocação do sr. Cyro Wanderley no team foi somente para reforcal-o, somente para melhor garantia de um porto perigoso e julgado, pelos próprios rubro-negros, com um ponto de melhor resistência no eleven. Sinceramente dizemos que não podemos applaudir semelhante attitude (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p.03, 02 dez.1917).

Essa nova dinâmica, de “importação” de jogadores, não era bem vista por aqueles que viam seu espaço de distinção sendo “invadido” por elementos estranhos a ele. Enxergando neste ato uma ação de “profissionalismo”, os amadoristas pareciam não se conformar com um já existente mecanismo de controle, a chamada lei do estágio, que determinava 60 dias em que o jogador deveria permanecer sem jogar depois de confirmada sua inscrição na Liga.

O futebol como distinção social nos remete ao *Capital Simbólico* de Pierre Bourdieu (1989). Dividido em três partes (estruturas estruturantes, estruturas estruturadas e instrumentos de dominação), os sistemas simbólicos “*contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) [...]*”, ou seja, “*para a domesticação dos dominados*” (BOURDIE, 1989, p. 11).

A classe dominante, dotada de poder financeiro, tem em vista impor a legitimação de sua dominação mascarada de estruturas mentais, pois o poder simbólico só é exercido se for aceito, se não for percebido como arbitrário. Este seria então o “*poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica)*” (BOURDIE, 1989, p.14).

Era chegado o dia da grande final. A ansiedade tomava conta da cidade do Recife. A espera era de casa cheia. Eram os dois times mais fortes da capital que iam se enfrentar novamente para a disputa do título de campeão de futebol.

A expectativa se confirmou. O sucesso de mais um ano de competição futebolística organizada pela Liga tem na partida final um exemplo evidente.

[...] Passamos um golpe de vista e ficamos entusiasmados de ver quão já está arraigado no espírito do nosso povo, o jogo bretão. Regorgitava de famílias das melhores de nossa sociedade, ostentando em suas vestes os distintivos dos seus amados clubs. Era de ver-se a anciedade que reinava na phisionomia da assistência pelo início do jogo. Não assistimos ainda em Pernambuco a um match tão concorrido, e, podemos dizer sem medo de errar que bateu o Record nos annaes da L.S.P. Umas 3.000 pessoas assistiram a esses matches pois a Liga teve um rendimento de 2:106\$000, quando no anno passado, no match decisivo entre o Santa Cruz e o Sport, ella teve um apurado de 1:023\$000. Por ahi nós vemos quanto está em progresso o gosto pelo foot-ball em nossa terra. É preciso notarmos que a festa da Cathedral, no Collegio Salesiano, arrastou parte dos babituéss da Liga. [...] Terminando a presente notícia, levamos ao Sport Club do Recife a nossa felicitações, pela bolla e bem disputada prova, recebendo dignamente o título de campeão de 1917. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p. 02, 03 dez. 1917)

Como ficou claro, a arrecadação com os ingressos mais que duplicou do ano de 1916 para 1917. Com a decisão de cobrança de ingressos para seus jogos, a Liga dava um passo decisivo na direção do profissionalismo, visto que com esses recursos extras, os clubes podiam oferecer gratificações a seus jogadores. A competitividade entres os clubes abria brechas cada vez maiores nos “ideais amadoristas”, como veremos nos anos a seguir.

As aves de arribação

O ano de 1918 foi bastante movimentado para a Liga Sportiva Pernambucana: novos clubes solicitaram suas filiações, houve posse da nova diretoria, constituição de novos estatutos e outra vez se debate a “importação” dos jogadores.

Logo no início do ano, os leitores do Jornal Pequeno ficam cientes que três novos clubes pediram filiação a Liga Sportiva Pernambucana: Varzeano, Brazil e Ypiranga. A Liga Sportiva Pernambucana era a divisão principal do futebol pernambucano e fazia-se dela um espaço de distinção social. Os a ela desejavam pertencer deveriam passar por uma investigação. Portanto, a aceitação destes novos clubes iria passar pela aprovação da assembleia da Liga, após parecer da Comissão de Jogos. Mesmo antes do resultado da sindicância realizada por esta comissão formada na Liga, pessoas contrárias à entrada desses novos clubes faziam intensa campanha contra estes em seu seio.

Parece terrível, porém é verdade. Alguns clubs, ou por outras, alguns representantes de clubs, procuravam entravar a boa marcha da syndicancia que está fazendo a comissão nomeada pela directoria passada, a fim de dar o seu parecer sobre o Varzeano, Brazil e Ypiranga. Não se comprehende essa campanha systematica que estão lhes fazendo esses clubs. Por que? Será por não terem os requisitos exigidos pela Liga? Não, pelo menos o parecer ainda não foi apresentado, por onde podia depreender essa falha e dar lugar a essa campanha. Qual será o motivo? O motivo é muito differente do apregoado, é um pouco de egoísmo, é o medo de serem desfalcados dos seus elementos. Si o Varzeano, o Brazil e o Ypiranga procuram entrar na Liga é porque desejam occupar o mesmo nível na sociedade em que estão os actuaes clubs. (Os novos clubs – A campanha contra elles no seio da Liga. Jornal Pequeno, p.02, 05 jan. 1918)

No dia 10, pela primeira vez no ano, reúne-se a diretoria da Liga.

É na questão sportiva, que tem dado lugar a uma grande apprehensão não só dos interessados como também daquelles que procuram ver o progresso do foot-ball em nossa terra. Não se pode comprehender como clubs da primeira ordem, dos actuaes da Liga, procuram inteceptar os bons auspícios, de que se acha possuida a comissão encarregada do estado dos papeis desses novos clubs. Apesar da corrente desfavorável a entrada delles para o seio da Liga os quaes procuram elevar-se no conceito da sociedade, cremos que a directoria se não deixará levar pelas opiniões nefastas dos despeitados de que estão cheios os seus ouvidos, pelo contrário, compenetrada no seu bello papel de juiz, saberá obedecer nos dictames de sua consciência, cumprindo seu dever – fazer justiça (A sessão de hoje. Jornal Pequeno, p.02, 10 jan. 1918).

No dia seguinte o Jornal Pequeno divulga o resultado da comissão composta para analisar o pedido de filiação dos novos clubes. “*Foram lidos os três pareceres sobre a entrada dos novos clubs, todos favoráveis, apresentados pela comissão nomeada pela directoria passada, composta dos srs. Arthur Campello, João Duarte Dias e Jeronymo Hygino*” (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 11 jan.1918). Entretanto, Luiz Machado Dias, representante do Peres, pediu vista aos pareceres da citada comissão e a decisão final da diretoria da Liga ficou para a assembleia seguinte.

Dias depois, outro clube “desejava se elevar no seio da sociedade sportiva” pedindo sua filiação à Liga Sportiva Pernambucana. “Mais um club que quer se filiar a Liga [...] O Palmeiras, do arrabalde da Torre [...]”, era a notícia destaque do dia 17, no Jornal Pequeno (p.02).

Enfim, no dia 18, os diretores da Liga aceitaram de maneira inicial os três novos clubes (Brazil, Ypiranga e Varzeano) ficando estes dependentes tão somente da reforma dos estatutos e de seus requisitos. O pedido de filiação do Palmeiras não foi mais noticiado, mas o que se verifica é que ele nunca pertenceu a Liga.

A secca no sertão sportivo – as aves de arribação

Os defensores do futebol estritamente amador, filhos da minoria economicamente privilegiada, que primava pelo *fair-play*¹⁵, não aceitavam que os jogadores “voassem” para outros clubes. Outra vez a discussão em torno da mudança de clubes por parte dos jogadores entra em cena. Comparados à aves de arribação, os jogadores que trocam de time são criticados por tal atitude.

É muito comum nos sertões, quando a secca se alastra em que não há grãos, nem fructas ou mesmos vermes na terra, devido ao calor excessivo, certas aves mudarem de pousada. Phenomeno semelhante se dá no meio sportivo. Durante a temporada – o rigor do inverno – as victorias dos clubs prendem o sócio; elle é um grande defensor de suas cores. Quando, porém, os jogos terminam no que começam as férias sportivas – o calor do verão – alguns sócios, quaes outras paracys começam a arribar – muito lhes merece o título de aves de arribação. O Contrário, que succede a estas aves, que, terminado o vigor do verão, voltam a sua terra natal, muitos delas [sic] para o ninho, o contrario, repetimos, se da com os sócios de foot-ball, que, quando procuram novos horizontes, poucos delles voltam ao lar paterno. E é assim o nosso meio sportivo: há dessas ingratições. Que façam um exame na sua consciência aquelles que procuram nesta época o rumo de glorias que o seu club não lhe pode conferir. (A secca no sertão sportivo – As aves de arribação. Jornal Pequeno, 22/01/1918, p.02).

Antes do campeonato se iniciar, o “mercado da bola” estava altamente aquecido. Com a entrada de novos clubes na Liga, novas vagas para *foot-ballers* foram criadas, pois o Varzeano, o Ypiranga e o Brazil precisam compor seus times.

As notícias de mudança de clube por parte dos jogadores ganham as páginas dos jornais. Uma delas chama atenção, pois o futebolista acusado de ser uma ave de arribação escreve ao jornal para se defender das “pequenas injustiças” e “salvaguardar toda [...] dignidade de cidadão brasileiro e de verdadeiro sportman”.

A carta publicada na coluna de esportes deixa claro algumas características do amadorismo, orientado pelos valores da moral e identidade ao clube.

Tendo eu lido no Jornal Pequeno [...] que eu ia jogar na presente temporada sportiva pelo Varzeano, cumpre-me vir terminantemente negar tal notícia e vos asseverar [...] que sou cumpridor de minha palavra e que não sou ave de arribação para abandonar meu club – o Sport Club do Recife – pelo qual fui campeão este anno passado e ao qual tenho verdadeiro amor de verdadeiro

¹⁵ O *Fair-Play* nada mais é do que o jogo limpo, jogo leal que respeita as regras e o adversário. Utilizo aqui como sinônimo de cavalheirismo.

sportman que me prése em ser (Uma carta do Sr. João Baptista do Sport. Jornal Pequeno, p.02, 28 jan.1918).

Para os defensores do amadorismo, a prática futebolística era revestida por amor. O *sportman* estava engajado no futebol somente pelo prazer e benefícios físicos e mentais próprios e sociais derivados dele. Com base nos preceitos dos ingleses, o futebol era dito como um esporte capaz de ressaltar as virtudes dos homens: elegância, ética, aceitação e respeito às regras e aos códigos esportivos, em que os competidores são adversários esportivos e não inimigos.

Paralela à discussão em torno da moralidade das “aves de arribação”, mais uma vez na busca pelo título um clube realiza tal processo. Tendo em vista reforçar seu time e não permitir o tricampeonato do Sport, o America mandou buscar em São Paulo dois jogadores: Alex Fugen e Francisco Bermudes, que estiveram no Recife no ano anterior, quando a Associação Atlética das Palmeiras (SP) disputou jogos com os times locais.

Em março, devido às mudanças nos estatutos, a Liga Sportiva Pernambucana modifica seu nome: agora é a Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (Jornal Pequeno, 06/3/1918, p.02). Como o próprio nome sugere, agora a Liga tentava ter uma força ainda maior frente aos esportes terrestres de um modo geral. Os clubes futebolísticos tomavam para si, pelo menos no papel, a função da dianteira dos esportes como ficava claro no artigo dois do novo estatuto.

A Liga tem por fim: a) Representar e dirigir os desportos terrestres, na região de sua jurisdição fazendo propaganda das suas vantagens como meio de cultura physica. b) Desenvolver e regulamentar os desportos terrestres. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p. 02, 21 mar. 1918)

Dentre as obrigações dos clubes o novo estatuto exigia o pagamento da taxa de admissão (jóia) de duzentos mil réis (200\$000) e a mensalidade de 30 mil réis (30\$000). Esse valores, em 3 anos, quadruplicaram e triplicaram respectivamente. Dessa forma, a entrada de clubes desprovidos financeiramente ficava ainda mais difícil.

Neste mês a construção de arapucas¹⁶ para pegar os jogadores de foot-ball duplicou-se, pois era época em que as aves de arribação procuravam novas paragens.

¹⁶ Artefato que consiste em uma armadilha rústica feita para caçar pequenos animais, entre os quais aves atraindo-as com sementes.

“*Aquelle que offerecer melhor vantagem, levará de vencida os demais*” (As arapucas estão armadas. *Jornal Pequeno*, p.02, 07 mar. 1918).

[...] vemos um director de sport de um certo club escrever uma carta a um optimo jogador de outro, offerecendo a thesouraria do seu club, em caso de necessidade, a fim de este jogar pelo club delle. E essa carta andou de mão em mão, sendo lida em plena sessão do club do sócio destinatário. E as aves de arribação estão voando, olhando para debaixo das arapucas, afim de conhecer qual dellas lhes offerece melhor vantagem, melhor alimento (As arapucas estão armadas. *Jornal Pequeno*, p.02, 07 mar. 1918).

Na tentativa de reforçar seu plantel, na busca por competência e necessidade de vitória, o clube oferece o cargo de tesoureiro a um jogador alheio. Numa sociedade que tentava se estabelecer como capitalista, a administração das finanças de um clube era uma das funções mais importantes e estratégicas dentre sua estrutura de poder.

Como nessa década o futebol era dotado, para alguns, de uma tradição romântica¹⁷, o fato de um jogador mudar de time era taxado de profissionalismo dissimulado, pois essa situação levava a crer que havia algum interesse individual acima dos valores esportivos, que não era necessariamente dinheiro, mas podia ser alguma vantagem recebida, tal como um cargo.

Alimentado pelas bilheterias e pelos bolsos dos ricos coronéis¹⁸, existia controvérsia até mesmos entre clubes que mantinham relações de amizade.

Ora, dous clubs amigos, amicíssimos podemos dizer, acabam de romper as relações cordiaes que sempre mantiveram, por causa principal de uma arapuca armada na porta da sede de um delles posta pelo outro. [...] Eis que o emissário foi agarrado e tudo... ficou descoberto! Clubs amigos... quase colligados... proceder um dessa maneira. Oh! Isso é cruel! [...] E as relações estão rotas. Os preparativos para o combate estão sendo feitos. Os gazes asphixiantes estão promptos para suffocar as pretenções justas ou não, do club offensor, na camara desportiva (Por causa da arapucas... *Jornal Pequeno*, p.02, 13 mar. 1918).

Para que um jogador estivesse apto a jogar por um time, duas eram as formas de regularização. A primeira, mais simples, é a opção do jogador quando este ainda não

¹⁷ Utilizamos aqui com o significado relativo à sentimental, sonhador, fantasioso, imaginoso. (Minidicionário Luft, 16ª Edição. Celso Pedro Luft. Editora Ática, 1999).

¹⁸ Torre Sport Club - Directoria de honra: Presidente Cel. Frederico Lundgren, 2º vice-presidente José Antonio Gonçalves de Mello. Conselheiros: Arthur Lundgren, Antonio Loyo de Amorim, Vicente Domingos Ferreira, dr. Ulysses Pernambucano de Mello. Ainda, o time do America tinha na sua presidência o Coronel Thomaz Seixas, do alto comércio da cidade do Recife.

jogou por nenhum time anteriormente, nem tampouco nos anos anteriores, e está presente na lista de sócios de dois ou mais times, se fazendo necessário, portanto, a escolha de qual time o sócio deseja jogar dentre eles.

A segunda é a transferência. Quando um clube adquire jogador de outro time, é necessário que a Liga emita a documentação da transferência. Para que o presidente da Liga atenda ao pedido o jogador deve juntar um recibo de quitação do clube onde jogou. [...] *“alguns sócios, porem, devem aos clubs por onde jogaram, não só mensalidades, com também camisas, boticas, etc, etc”*. (A diferença que há entre um pedido de transferência e uma opção. *Jornal Pequeno*, 05 abr.1918).

Como foi dito anteriormente, o clima entre os clubes estava ficando tenso. Competidoras, estas associações não se cansavam em procurar novas “presas”. Quando o Peres ameaçou sair da Liga¹⁹, esfacelando assim seu elenco, “houve um movimento desusado na Rua Nova: parecia um exercito que ia tomar de assalto alguma fortaleza com sua artilharia pesada – eram as suas grandes arapucas que se movimentaram das sedes dos clubs para aquelle local.” A atmosfera de disputa por jogadores tinha como “resultado queixas, magoas, choros e ingratidões” (O preço das aves de arribação. *Jornal Pequeno*, p.02, 06 abr.1918).

Quando se nos arrebatava aquillo que muito queremos, quando o nosso coração é ferido inopinadamente por aquillo que chamamos ingratidão, quando o ente a que tanto prezávamos é arrebatado por um terceiro, nasce em nós mesmos uma queixa profunda, um quase ódio, que muitas vezes nos faz vangloriar pelas perdas que possa ter aquelle que nos fez mal. É da humanidade o ódio e o despeito (O preço das aves de arribação. *Jornal Pequeno*, p.02, 06 abr. 1918).

Então o que fazer com o clube que lhe tirou o seu jogador? Um importante mecanismo de controle estava nas mãos dos clubes. Como a Liga exige o recibo de quitação junto ao pedido de transferência do jogador, esta pode ser negada se as dívidas não forem pagas.

Ah! É muito simples, é a vingança do pagamento das dívidas, é a vingança patrocinada pela Liga, é a vingança dessas que lavam o peito, dessas que são traduzidas pelo riso nos lábios, é a vingança de ver aquelle club, que lhe arrebatou o jogador, tirar do seu cofre a quantia necessária para pagar a

¹⁹ Quando foi retirado da primeira divisão e colocado na segunda, alguns de seus sócios e diretores, insatisfeitos, mostraram o desejo de deixar a Liga Pernambucana de Desportos Terrestres. Na ocasião de sua assembléia, por somente dois votos de diferença, votou-se pela permanência do Peres na Liga. (*Jornal Pequeno*, 04/4/1918, p.02).

dívida que certamente estando no club seria perdoada, como fazem todas as associações (O preço das aves de arribação. Jornal Pequeno, p.02, 06 abr. 1918).

Mesmo que indiretamente, os clubes agora deveriam desembolsar dinheiro para contar com determinado jogador. O clube interessado em contar com o jogador deveria pagar sua dívida no clube ao qual ele pertence. Sem esse pagamento, o clube não liberaria o jogador em questão. Os valores das dívidas dos jogadores em seus clubes atingem níveis que causam espanto ao redator do Jornal Pequeno, como vemos seguir.

E tem sido uma cousa estupenda. Na ultima sessão da Liga, o representante do Sport embargou a lista de opção dos jogadores do Flamengo por ter um que devia a bagatela de 120\$000 áquelle club!!! O Varzeano, ao que nos consta, tem de pagar ao Casa-Forte a diminuta quantia de 87\$000!! Do Ypiranga ao Torre a quantia é bem pequena: pode ir no máximo a uns 70\$000!! E os outros clubs? Ah, si nós fizermos um apanhado dessas quantias vão a mais de 500\$000, no barato (O preço das aves de arribação. Jornal Pequeno, p.02, 06 abr. 1918).

O caso do Allemãosinho

Expondo o estatuto, excludente e restritivo, que definia o perfil dos jogadores que deveriam ser registrados na Liga, a discussão em torno da aceitação de um jogador demonstra o refinamento que se pretendia na Liga.

Em maio de 1918 a Liga de Desportos Terrestres ocupou-se do caso do jogador Augusto Leal de Barros. Ex-jogador do America, Peres e Flamengo, Allemãosinho, como era conhecido nas rodas esportivas, defendia as cores do Torre Sport Club.

Registrado na Liga desde o ano de 1915, Allemãosinho apresentou-se espontaneamente ao Exército e tornou-se voluntário especial.

A Liga, nos seus estatutos, artigo 86, alínea E determinava que as praças de pret não podem ser registradas como jogadores pelos clubs, exceptus, porém, os voluntários especiaes, os sorteados, os alumnos das escolas militares. [...] O espirito daquella excepção ás praças de pret foi para não entrar quem quer que seja na Liga. [...] (Uma nova questão no seio da Liga. Jornal Pequeno, p.02, 02 mai 1918).

Acontece que Allemãosinho “*querendo seguir definitivamente a carreira militar, isto é, cursar a Escola Militar*” prestou um concurso para sargentos e o resultado foi a sua aprovação. Então, deixou de ser voluntário especial para ser praça de pret.

O Santa Cruz, alegando que o agora Sargento Augusto Leal de Barros estava fora das exceções feitas pela alínea E do artigo 86, protestou perante a Liga, para que este não jogasse pelo Torre. Pertencente a uma categoria inferior na hierarquia militar, Augusto Leal não era bem aceito por aqueles que desejavam a manutenção da segregação entre camadas sociais. Essa relutância em aceitá-lo demonstra como se dava o preconceito com os militares subordinados.

E o cronista do Jornal Pequeno questionava:

Si até bem pouco tempo, o sr. Augusto Leal de Barros, como voluntario especial, era digno de pertencer á Liga, hoje, devido as razões expostas acima, estando fora da excepção feita no art. 56, ás praças de pret elle não é mais digno. Então o Santa Cruz vê-se na dura e triste contingencia de confessar que foi a farda que o tornou indigno? (Uma nova questão no seio da Liga. Jornal Pequeno. Jornal Pequeno, p.02, 02 mai 1918).

No dia posterior o Jornal Pequeno publica mais outro amplo artigo discutindo a situação de Allemãosinho. O artigo 86 é publicado e debatido. Observa-se, de maneira transparente, que a proibição de inscrição na Liga alcançava também outras ocupações/posições de classes mais pobres quando trabalhadores ferroviários não eram dignos da companhia dos *sportmen*.

Não poderão ser registrados motoreiros²⁰ e conductores da <<Tramway>> e praças de pret, exceptuando os voluntários especiaes, os alumnos das escolas militares e os obrigados ao serviço militar por sorteio. [...] O grande erro é a interpretação rigorosa da lei. Quando o legislador abriu a excepção aquellas praças de pret no art. 86 e excluindo as demais, commeteram uma grande injustiça, porque se o espírito dela foi o saneamento moral, nós não vemos a distinção de character entre o soldado sorteado e o especial e os simples voluntarios” (A sessão da directoria, hontem. Os casos do Casa Forte *versus* Peres e Santa Cruz *versus* Torre. Jornal Pequeno, p.02, 03 mai 1918).

Para o cronista esportivo do Jornal Pequeno a aceitação do questionamento levantado pelo Santa Cruz para proibição do registro de Augusto Leal no Torre seria um erro. Enquanto Allemãosinho como voluntário especial era “digno” de estar registrado na Liga, por que após subir na hierarquia militar, este não seria mais bem vindo? Ficaria parecendo que este teria sofrido depressão moral.

A moral corrompida sempre há em todas as classes. [...] Não, não pode ser attendido o Santa Cruz, porque os direitos adquiridos pelo cidadão, não podem se affectar por uma lei posterior. Seria o cumulo essa decisão do concelho da Liga (A sessão da directoria, hontem. Os casos do Casa Forte *versus* Peres e Santa Cruz *versus* Torre. Jornal Pequeno, p.02, 03 mai 1918).

Para resolver o caso do sargento Augusto Leal de Barros, a Liga marcou uma reunião extraordinária do conselho. Após exposição do Santa Cruz, o Torre defendeu-se. Em seguida a esta defesa, pediu a palavra Joaquim Bastos, que propôs que *fosse afastada por tempo indeterminado a alínea E do artigo 86 dos novos estatutos, quanto as praças de pret não poderem fazer parte da Liga*. Recebida por aplausos a proposta de Joaquim Bastos foi aceita por maioria de votos. (Jornal Pequeno, 04/5/1918, p.02).

Dias depois, Joaquim Bastos, autor do projeto de afastamento da alínea E do artigo 86 recebe um telegrama parabenizando-o, o qual é publicado:

²⁰ O mesmo que motorneiro. Profissional que dirige bondes.

Marinheiros do Deodoro Foot-Ball Club apreciando vossa atitude felicitam ter conseguido suspender disposição regulamento Liga injusta contra praças de pret servidores pátria, mas não gratificados. O presidente – Cardoso. (Telegramma. Jornal Pequeno, p.02, 09 mai 1918)

A este respondeu Joaquim Bastos:

Agradeço penhorado gentileza vosso telegramma louvando minha campanha contra deprimente artigo estatutos Liga. Convivio gloriosos servidores não humilha, dignifica. Joaquim Bastos. (Telegramma. Jornal Pequeno, p.02, 09 mai 1918)

A retirada do referido artigo diminuía o caráter restrito da Liga. Os indivíduos considerados de classe baixa, de classe inferior, eram agora oficialmente aceitos nos clubes elegantes e finos filiados à Liga. Isso não quer dizer que uma grande massa de indivíduos “inferiores” filiou-se aos clubes de futebol, pelo contrário, outras medidas restritivas ainda estavam sendo executadas, como por exemplo, a necessidade de pagamento de joias por parte dos novos associados.

O que já é foot-ball em nossa terra

Como foi dito, o ano de 1918 foi um ano de muita movimentação no porto do Recife com a chegada de novos jogadores, principalmente dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Além de Alex Mugen, Francisco Bermudes e Perez trazidos pelo America (PE) no mês de março, outros vieram ao Recife para jogar o campeonato de 1918.

O Torre Sport Club trouxe de São Paulo, Manoel Carvalhal, o Roxura.

Da Gazeta de São Paulo extrahimos o seguinte: Em Santos. Foot-ball. Há dias, quando noticiamos a ida do foot-baller Antônio Peres para Pernambuco, dissemos que brevemente dois ou três players desta cidade lhe iriam fazer companhia. Hontem embarcou para lá o conhecido jogador da Americana Manoel Carvalhal, o Roxura. Os outros nomes daremos oportunamente (A título de curiosidade. Jornal Pequeno, p.02, 11 mai. 1918).

O Sport Club do Recife, desejando o tricampeonato neste ano, o que lhe daria a posse definitiva do troféu oferecido pelo America (RJ) ainda em 1915 quando da sua presença no Recife, tratou de repetir a receita que o fez detentor dos dois campeonatos pernambucanos anteriores, mandando buscar jogadores experientes fora de Pernambuco. Em 17 de maio chegam a bordo do Itaquera, do Rio de Janeiro, Benedicto Fernandes e Antonio Augusto de Almeida, o Ferramenta, a fim de defenderem as cores rubro-negras.

Os peritos jogadores vem aqui fixar residência, defendendo, na presente estação do campeonato da Liga os interesses daquela acreditada sociedade, figurando em seo 1º team. É o caso de felicitar-mos o valoroso Sport Club, bicampeão das lides terrestres, por ver em seu seio mais essas ilustres figuras do foot-ball (Benedicto Fernandes e Antonio Augusto de Almeida - Ferramenta. Jornal Pequeno, p.02, 17 mai.1918).

Como sabemos, em 1916, o Sport trouxe do Rio de Janeiro Paulino e, em 1917, Cyro Werneck para disputarem os jogos finais nos respectivos fins de ano. Mas, com os novos estatutos, essa forma de “investimento” não era mais possível.

A Liga, pelos seus novos estatutos exige que os jogadores registrados na vigência delles tenham residência no Estado pelo espaço de sessenta dias para poderem tomar parte em algum jogo do campeonato. [...] este anno a Liga cortou-lhe as asas assim como a qualquer club que quizesse fazer o mesmo. Determinou [...] que poderiam somente disputar o campeonato deste Estado aquelles que não o tivessem feito em outra Liga. Isto é aquelles que

quizessem jogar na Liga Pernambucana teriam de aqui estar no princípio da temporada (O que já é o foot-ball em Pernambuco. Mazzulo electriza-se. Jornal Pequeno, p.02, 22 mai. 1918)

O seu principal concorrente ao título, o America (PE) já havia feito três aquisições, duas antes da vigência dos estatutos (Alex e Bermudes) e outra (Perez) poucas horas após a aprovação dos novos regulamentos em 20 de março.

Já houve um caso de ter na Liga, o Sr. Perez, sócio do sympathizado America, registrado na Liga, 12 horas após estarem em vigor os estatutos, não obstante chegar antes da abertura do campeonato teve de sujeitar-se as suas disposições e deixar de jogar em três matches do America contra o Nautico, com o Flamengo e domingo Santa Cruz. Dura Lex sed Lex (O que já é o foot-ball em Pernambuco. Mazzulo electriza-se. Jornal Pequeno, p.02, 22 mai 1918).

Para o Jornal Pequeno, o Sport tinha agora um adversário à altura, o America (PE), pois este “*cavou três optimos elementos de São Paulo, nas condições determinadas pelos estatutos de sorte que se acha com um team apto para bater-se com o mais forte daqui*” (O que já é o foot-ball em Pernambuco. Mazzulo electriza-se. Jornal Pequeno, p.02, 22 mai 1918).

Favorável também à importação de jogadores, o America, que tinha na presidência um homem de dinheiro, o famoso coronel Seixas, reforçou seu time para a temporada com três profissionais: Alex, Bermudes e Perez. [...] Com dinheiro e um bom time, o America estava pronto para guerra do campeonato (ALVES, 2000, p.147).

Como se não houvesse mais jogadores, no Rio ou em São Paulo que atendessem o requisito de não ter jogado em outra liga, o Sport foi até um país vizinho buscar um jogador. “*Resolveu o Sport Club do Recife por um reforço ingentissimo buscar ás pressas, no Uruguay, o extraordinário center-forward Mazzulo, a tempo de completar 60 dias para jogar contra o America*” (O que já é o foot-ball em Pernambuco. Mazzulo electriza-se. Jornal Pequeno, p. 02 mai. 1918).

A logística para o transporte do jogador uruguaio até as terras pernambucanas de modo que este chegasse 60 dias antes do esperado jogo contra o America é de impressionar. Partindo de Montevideú no dia 13 de maio, chegou ao Rio de Janeiro às 6 da manhã do dia 17. Embarcou no navio Brazil, no mesmo dia, às 10 horas da manhã, desembarcando em Maceió na manhã do dia 22.

Para pode elle jogar contra o America no dia 21 de julho, é preciso que esteja hoje em território pernambucano. Mas como, si o Brazil, tem de se demorar naquelle porto? O Sport, com uma argúcia extraordinária, mandou um emissário áquella cidade espera lo: alugou um automovel da Great Western que os trarão, por vir mais ligeiro que o trem, que talvez não alcançassem. Ao pisarem na fronteira, em “Lage” do Canhoto, pedem a autoridade competente um attestado de estarem em território pernambucano. Em Quipapá pedirão outro ao juiz de direito, e assim legalizados irão descançar em Colonia, da enfadonha viagem que vem fazendo, chegando amanhã, pela manhã, pelo trem do horário [...] (O que já é o foot-ball em Pernambuco. Mazzulo electriza-se. Jornal Pequeno, p.02, 22 mai 1918).

A operação montada pela diretoria do Sport para buscar o uruguaio Pedro Mazzulo, que contou até com o aluguel de um automóvel, nos leva a alguns apontamentos. A troca de quê um jogador sairia de sua cidade para jogar futebol numa outra cidade distante cerca de 3.690 quilômetros? Por que tanto interesse e empenho em trazê-lo para reforçar a equipe, se oficialmente o futebol era uma prática desinteressada, dotada de refinamento?

Notamos que o futebol passava progressivamente a ser levado mais a sério por todos os envolvidos. Os clubes agora almejavam mais do que uma simples vitória, lutavam por troféus. As partidas não eram mais uma mera “brincadeira”. Faziam parte de campeonatos que deveriam ser vencidos. Os jogadores, por sua vez, através das vitórias, davam demonstração de suas qualidades e competências. A chegada de um jogador uruguaio demonstra o grau de adiantamento a que chegou o futebol no Recife. Não podemos deixar de imaginar que Pedro Mazzulo recebeu algum tipo de incentivo, seja pecuniário ou outro tipo de benefício, para vir jogar futebol nos campos recifenses.

A diretoria da Liga Pernambucana de Desportos Terrestres reuniu-se no dia 23 de maio, para, entre outros assuntos, tratar do registro do jogador Pedro Mazzulo.

Posto em discussão o pedido do bi-campeão, usa da palavra o director Arthur Campelo e lê um offício da Confederação Brasileira de Desportos, a qual a Liga é filliada, participando que, segundo resolução da Confederação Sul Americana de Foot-Ball, os players estrangeiros só poderão tomar parte nos jogos de campeonatos nacionaes, tendo mais de dois mezes de residência fixada no Brazil e apresentando um documento de transferência do club onde jogou no seu paiz para o qui deseja jogar (A reunião da directoria da Liga. Jornal Pequeno, p.02, 24 mai 1918,).

Mediante esta determinação, a diretoria da Liga resolveu que Pedro Mazzulo fosse registrado desde que as exigências fossem atendidas, ou seja, que provasse residir no Brasil há mais de dois meses. Enquanto isso, o campeonato dava prosseguimento.

O jogo entre o Sport e o Torre era “*esperadíssimo entre os apreciadores do football*”, visto que as duas equipes “*eram constituídas por players de reconhecido valor e em ambos serão apresentados jogadores importados, de fama, em Estados do Sul*”. (O jogo de amanhã no campo do Sport Club do Recife. Jornal Pequeno, 01/6/1918, p. 02).

Apesar da resistência de alguns elementos mais conservadores a inserção de jogadores “importados” era cada vez mais crescente.

Até o Santa Cruz já foi atacado do vírus terrível – importação de jogadores – disseminado aqui pelo bicampeão Sport Club do Recife e já propagado no seio do America e do Torre com proporções extraordinárias: ambos, assim como o Sport, possuem mais de 25% deles nos seus primeiros teams. (O Santa Cruz espera também uma fera. Jornal Pequeno, p. 02, 05 jun.1918).

As instalações físicas

A Liga Pernambucana de Desportos Terrestres, por não ter entrado em acordo com o coronel Frederico Lundgren, proprietário do campo de futebol nos Aflitos, onde desde o ano de 1916 vinha realizando os seus jogos, teve que entregar, muito a contragosto, a propriedade do “*melhor campo de foot-ball do Estado*”. (A Liga vae entregar o seu campo. Jornal Pequeno, p. 02, 05 jun 1918).

Com as negociações fracassadas por parte da Liga, o Náutico e o Santa Cruz entraram na disputa para arrendar ou até mesmo comprar aquele “aprazível campo” das mãos de Frederico Lundgren.

Si esse illustre sportman não pender para o lado do Náutico, cairá no Santa Cruz, que lucha com elemento de intima amizade daquelle capitalista, o qual se acha no sul do paiz. A qualquer dos dois, a quem venha pertencer, acha-se bem servido o desporto da nossa terra, pois continuaremos a ter bellas tarde desportivas naquelle aprazível campo (A Liga vae entregar o seu campo. Jornal Pequeno, p. 02, 05 jun 1918).

Em 1918 o número de campos de futebol no Recife já era considerável. A Liga era constituída por 11 clubes filiados, três dos quais possuíam campos.

Hoje o America, o Sport e o Varzeano já possuem os seus campos onde farão seus jogos. O Torre já tem o seu bem adiantado e o Flamengo já possui o local para a construção de um, e dos Afflictos, este que a Liga entregou ficara para o Nautico, segundo soubemos hoje, a razão de 250\$000 mensaes, sob um contracto de quatro annos (A Liga não terá mais campo. Jornal Pequeno, p. 02, 07 jun. 1918).

Uma grande aquisição por parte de um clube recifense foi destaque nos jornais de 1918. O America, que possuía “invejável situação financeira”, comprou um antigo prédio na Rua da Conceição pela “*bagatela quantia de 10:000\$000*”. Nessa nova sede, o America oferecia “aos seus associados todos os divertimentos desportivos e athleticos que ali possam ser praticados”, pois adquiriu do “Gymnasio Brasileiro” os melhores e conhecidos “*apparelhos de gymnastica e de outros desportes*” (Jornal Pequeno, 18/6/1918, p. 02).

Com a presença de altas autoridades do Estado, a inauguração da nova sede do America foi realizada através de uma sessão magna.

A nova sede se tornou um ponto de sociabilidade para os seus sócios. “*Grande numero de famílias*” eram vistas “*admirando todas as dependências da sede deste club.*”

Grupos alegres de senhoritas divertiam-se ora nos trapézios, ora jogando o *ping-pong*, ora aproveitando os sons harmoniosos de uma walsa dançando nos vasto salão livre do pateo. A alegria dominava todos os corações. Os rapazes por outro lado, em grupos, jogavam bilhar, exercitavam-se na barra fixa, suspendiam as alteres, etc, etc (Ainda a festa do America. Jornal Pequeno , p. 02, 20 jun. 1918).

Outro grande passo no futebol em Pernambuco foi dado no ano de 1918. O Sport adquiriu “*uma grande archibancada, com a lotação para 2.000 pessoas, comprada no Rio de Janeiro*” (O foot-ball em Pernambuco adianta-se. A bella archibancada do Sport Club do Recife. Jornal Pequeno, p. 02, 21 jun. 1918). Com 75 metros de comprimento e 5,40 metros de largura, a estrutura de ferro e madeira ainda disponibilizava lugares especiais para a imprensa, polícia, diretoria da Liga, diretores dos clubes, entre outras autoridades.

Pertencera ao Fluminense Foot-Ball Club, que está construindo um grande estádio orçado em 800 contos de réis. Dois clubs, um do Rio e outro de São Paulo trabalharam a fim de adquiri la; o primeiro offereceu 10 contos, sendo 5 á vista e os restantes em 5 parcelas mensaes; o segundo 12 contos sendo 1 conto mensalmente. O Sport offereceu 8.500\$ á vista, o que foi acceito (O foot-ball em Pernambuco adianta-se. A bella archibancada do Sport Club do Recife. Jornal Pequeno, p. 02, 21 jun.1918).

Com essas duas aquisições, esses dois clubes, Sport Club do Recife e America Foot-ball Club davam exemplos claros de seu poder financeiro no meio desportivo pernambucano. “*O foot-ball em Pernambuco adeanta-se*”

Contra a importação de jogadores

A edição do Correio da Manhã do dia 09/7/1918 publica uma nota que a Confederação Brasileira de Desportos enviou a todas as ligas a ela confederadas, pedindo-lhes que cessem de importar jogadores internacionais, argentinos, uruguaios e chilenos, pois muito em breve a Liga Uruguaia ou Argentina dispensará de mandar suas seleções ao Brasil, pois estão desfalcadas dos seus melhores jogadores, uma vez que estes estão no território brasileiro.

Diz que este anno já houve transferência de 4 jogadores internacionaes, dos quaes 2 para Pernambuco, 1 para o Rio e 1 para São Paulo, allegando que lhe consta que virão ainda este anno mais dous para Pernambuco, afora áquelles acima citados. Já é! Pernambuco sobrepujando São Paulo e Rio! (Uma nota sensacional do <<Correio da Manhã>>. Jornal Pequeno, p. 02, 10 jul.1918).

A Liga neste ano tem estado recheada em problemas em torno da discussão da “importação” de jogadores.

Como foi dito, o Torre reforçou sua equipe com “elementos estranhos ao nosso meio desportivo” (Mais um <<caso>>. Lagatcha em scena. Jornal Pequeno, p. 02, 11 jul.1918). Dentre os “importados” estava o Largatcha, jogador paulista.

Acontece que após ser derrotado em partida contra o Torre, o Náutico pede a anulação do jogo alegando que Largatcha jogou pela Liga Paulista e por conseguinte não poderia tomar parte no campeonato pernambucano, segundo disposição dos estatutos da Liga Pernambucana.

Largatcha já havia jogado contra o Santa Cruz, America e o Sport, sem que o Náutico tenha em tempo protestado, além do que a Liga Paulista não é filiada á Confederação Brasileira de Desportos. “Não achamos, francamente, razão alguma amparando a pretensão do alvirubro” (Mais um <<caso>>. Lagatcha em scena. Jornal Pequeno, p. 02, 11 jul.1918).

Quem vencerá: o rubro-negro ou o alvi-verde?

Aproxima-se o dia em que os partidários do futebol na cidade do Recife irão assistir o desenrolar de uma das partidas mais esperadas desde a criação da Liga Pernambucana de Desportos Terrestres. A ansiedade, o nervosismo e a empolgação eram algumas das palavras mais comuns nos jornais que noticiavam o duelo que estava para acontecer.

Como é doloroso esperar. [...] Nas conversas das esquinas, nos cafés e nos theatros, os grupos tem como principal assumpto de conversação, o match de 21. Até mesmo os apáticos, os que não torcem, estão interessadíssimos em saber quem a sorte prestigiará: ao rubro-negro ou ao alvi-verde? E esta ansiedade, este grande interesse, no faz prever a colossal assistência que de certo affluirá ao ground do America no dia 21 (O match mais sensacional da temporada America versus Sport. *Jornal Pequeno*, p.02, 12 jul. 1918).

Com a presença de jogadores “importados” o encontro entre America e Sport teve a venda de ingressos iniciada cinco dias antes do dia marcado para o jogo. “*De hoje em diante acham-se á venda na <<Casa Clark>>, nas sedes do America e do Sport, na <<Confeitaria Helvetica>> e em poder do sr. Olegario de Barros, os bilhetes deste jogo*” (O jogo de 21. *Jornal Pequeno*, p.02, 17 jul.1918).

O *Jornal Pequeno* em suas colunas esportivas, durante os dois meses que antecederam este esperado jogo, por sugestão de “uma gentil leitora”, realizou um concurso de competência para o público decidir qual era o melhor full back²¹, Alexi, do America Foot Ball Club, ou Briant, do Sport Club do Recife.

O concurso foi recebido nos primeiros dias com alguma indiferença, mas logo depois, o interesse do meio esportivo foi evidente, principalmente do público feminino.

Acompanhando votos, recebíamos quase sempre cartinhas perfumadas, escriptas por mãos femininas, muitas das quaes deixavam transparecer sympathias muito profundas pelo concorrente votado. Ainda mãos femininas nos enviavam continuamente cartões com aquarellas, outros entrelaçados de fitas, com expressões muito significativas para Alexi ou Briant. (O novo concurso – Factos interessantes. *Jornal Pequeno*, p.02, 20 jul.1918).

²¹ Aquele que joga na defesa, equivalente nos tempos atuais ao zagueiro.

A apuração deu como vencedor o jogador do Sport Club do Recife, Briant, “que teve a abrilhantar lhe o triumpho o voto feminino, o voto das nossas graciosas patricias”.

Com “*ambas as equipes reforçadas por elementos de fama, estranhos ao nosso meio desportivo*” (O novo concurso – Factos interessantes. Jornal Pequeno, p.02, 20 jul. 1918), a grande ansiedade pública em face de um jogo de futebol estava chegando ao fim.

O futebol dominava o meio recifense. Não somente rapazes se dedicavam a esse esporte. Crianças em idade primária já discutiam e acompanhavam com interesse os jogos, demonstrando suas preferências por este ou aquele clube. As mulheres também se identificavam com o futebol. Não era raro ver, nos campos de disputa do campeonato, a dedicação com que elas defendiam as cores dos seus clubes prediletos.

Imagem 5 - Família vai ao jogo de futebol



Instantâneos no campo

Fonte: Jornal Pequeno, p.02, 20 jul. 1918.

O futebol de 1918 já não era o mesmo de anos anteriores. A vinda para aqui de clubs de primeira ordem como o America (RJ), o club do Remo (PA) e o Palmeiras (SP) deu maior incremento desportivo, levando Recife a um grau elevado de adiantamento.

O desenvolvimento cada vez mais de torneios que abrangem cidades, estados e mais tarde países, desenvolvem competições internas no campo esportivo, por uma posição própria neste espaço. Aqueles que conquistam os melhores resultados e mais especificamente a vitória, detêm a posição dominante. Isso nos faz refletir como [...] o profissionalismo se torna uma ameaça às classes dirigentes, que em campo pode perder sua posição no campo esportivo, transformando o ethos amador em ideologia. (SILVA, 2009, p.04)

A Liga iniciou os seus passos em meados do ano de 1915, no campo do Derby, campo aberto, onde todos os jogos se desenrolaram assistido, inicialmente por um pequeno número de pessoas.

Com a formação de capital para a sustentação da Liga, a realização dos jogos passou para um campo murado, havendo a cobrança de ingressos. No campo da ponte d'Uchoa, a formação do seu pecúlio aumentou ainda mais, fazendo-o o seu campo próprio durante dois anos. A assistência que se encontrava agora nos *matches* diferenciava-se daquela de 1915, não só pelo número como também por ser “*selecta o escol da nossa sociedade*”.

A imprensa se apontava como responsável por este “progresso” do futebol em Pernambuco. E como forma de retribuir a quem sempre fez “campanha em favor desse desporto bretão”, os clubes integrantes da Liga participaram de uma festa em benefício da Associação de Chronistas Desportivos. O comércio, através de “conceituadas casas commerciaes”, apoiando também o dia festivo, ofereceu valorosos presentes a serem distribuídos, dentre eles um velocípede e uma cythara (instrumento musical de cordas). (A imprensa como facto prominente na evolução do “foot-ball em Recife. O foot-ball em Recife já é facto. Jornal Pequeno, p.02, 05 ago1918).

CAPÍTULO 3

O epílogo de uma campanha

Antes do início do campeonato deste ano, o Recife recebeu mais uma equipe de outro Estado brasileiro. Dessa vez foi o Botafogo Foot-ball Club que visitou a capital pernambucana. Tendo em vista realizar a partida inaugural do campo da avenida Malaquias, a convite do campeão de 1916 e 1917, o Botafogo permaneceu vinte dias em solo pernambucano “*proporcionando agradáveis tardes*” de disputa futebolística. “*O Botafogo vindo de um meio mais adiantado que o nosso, só pode vir trazer novos ensinamentos que muito precisamos*” garante o periódico” (A vinda do Botafogo. Jornal Pequeno, p.02, 14 jan. 1919).

Dois dias depois, uma foto “*apresenta a extraordinária linha dianteira do Botafogo, em conjunto, a melhor que existe actualmente no meio desportivo carioca*”.

Imagem 6 - O team do Botafogo (RJ)



A incomparável linha [sic] de forwards do Botafogo.

Fonte: Jornal Pequeno, p.02, 16 jan. 1919.

Trazendo o perfil de cada um desses *forwards*, o Jornal Pequeno destaca que dos cinco “*o mais bem acabado [...] não só defendendo as côres do seu club, como também do scrach carioca e do scratch brasileiro no campeonato Sul Americano*”, é o Menezes, tem um *shoot* formidável e um excelente *dribling*.

Ainda nesta mesma edição, existe uma propaganda, com informações referentes aos valores dos ingressos, datas e local das partidas. Note-se que os valores das entradas indica a existência de mais um local para a assistência, as *geraes*, com ingressos mais baratos dentre os disponibilizados. Ainda, observemos que a cobrança de entrada sofreu reajuste se levarmos em consideração os jogos interestaduais acontecidos em anos anteriores.

Imagem 7 - Propaganda da venda de ingressos



Fonte: Jornal Pequeno, p.02, 16 jan. 1919.

Com oito times participando, o certame deste ano se caracterizou por uma série de protestos contra o profissionalismo. Santa Cruz, Náutico, Varzeano e Torre defendiam que não havia a necessidade da entrada de jogadores de outras localidades para melhorar o nível técnico do futebol pernambucano.

No começo de março, antes mesmo do início dos jogos, a discussão girou em torno da lei do estágio, que era a exigência colocada nos estatutos de 1917 que exigia que os jogadores que desejassem tomar parte em algum jogo do campeonato deveriam estar residentes no Estado pelo espaço de sessenta dias antes da data da partida.

Tratada como uma “lei moralisadora” por alguns, outros pleitearam sua saída do regulamento interno da Liga nas sessões do conselho.

Em defesa desta norma, o Jornal Pequeno expõe: “artigo 134 – Disposições geraes – Os presentes estatutos só poderão ser reformados decorridos três annos da sua approvação”. Este prazo não havia decorrido, portanto “não poderão ser tomadas em consideração, projectos que forem de encontro as disposições do estatuto.” (Jornal Pequeno, 01/3/1919, p.02).

Ainda, a respeito dos benefícios saneadores desta lei:

As resultantes da lei do estagio são magníficas e a sua acção se torna cada vez mais necessária para o bem estar dos clubs, que dest’arte não perdem tempo e energias na conquistas das aves de arribação, em quanto se desenvolveriam vigillia aos seus pássaros, suggeitos à atracção das tentações. (Questões importantes. Por que a lei do estágio não pode cahir. Jornal Pequeno, p.02, 01 mar. 1919).

Mesmo com todo o debate em torno da “importação” de jogadores, outro clube pretendia reforçar seu time, no intuito de que não se repetisse o resultado do ano anterior, quando ficou em último lugar.

Não há duvida; é uma doença a importação entre nós. Pernambuco ameaça bater o Record neste assumpto. Este anno vamos ter verdadeiros seleccionados inter-estadaes disputando campeonato da L.P.D.T [...] Não pense o leitor que se trata do Sport e do America, os reis da importação. Desta vez é o Torre, o club da camisa rubra [...] Rio e São Paulo terão sentinellas... (Mais feras? Jornal Pequeno, p.02, 01 mar 1919).

“Até o Varzeano”, os tricolores da 2ª divisão, encomendou “três feras. Não há dúvidas, é uma doença”. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 07 mar 1919).

A redação do Jornal Pequeno, tendo em vista “o progresso do desporto e tranquilidade dos clubs” defendia a lei do estágio, que para ela corria perigo junto aos “golpes de seus anthipaticos”. “*O mal vem do alto [...], pois, segundo lemos num jornal do Rio, a Confederação Brasileira dos Desportos, não supportará, por mais tempo, os rigores de uma prerrogativa tão salutar.*” (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 08 mar. 1919).

Em meio à polêmica discussão em torno do profissionalismo em Pernambuco, ainda neste mês, o Sport Club do Recife seguiu para Belém do Pará para disputar cinco

matches contra os *clubs* paraenses Clube do Remo e Paysandu Foot-Ball Club. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 10 mar.1919).

O America juntamente com o Sport eram o alvo dos críticos do “processo de importação”, considerado malévolos, pois “mata o estímulo dos players locais”.

Detentores dos últimos três títulos do campeonato (Sport - 1916 e 1917 e America -1918) “estes dois clubs, ricos e poderosos, vão conseguindo imitadores, naturalmente forçados, pela legítima aspiração de fazerem boa figura”.

O processo de importação aqui implantado pelo Sport Club, vai tomando proporções verdadeiramente assombrosas, sem que, contra elle, um dique legal, possa se erguer. Este anno, ao que nos parece, tendo-se em vista o numero considerável de *encommendas*, cujos registros já foram solicitados á Liga, iremos ter, disputando o campeonato verdadeiros inter-estadaes. É uma questão de capricho de dois clubs que não medem esforços e sacrifícios monetários, para manterem a hegemonia da importação. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 10 mar. 1919).

O sucesso esportivo de algumas entidades filiadas à Liga era inerentemente ligado ao apoio financeiro que estas recebiam dos bolsos dos ricos coronéis. O Sport Club do Recife e o America Football Club eram as equipes mais vitoriosas até então. Dotados de jogadores sucedidos de praças desportivas de maior destaque, estes clubes lutavam pela dianteira do esporte.

Após o meio desportivo pernambucano receber críticas advindas do “Jornal do Brazil”, Rio de Janeiro, acerca do “espantoso progresso deste processo”, o “Jornal Pequeno” recomenda que “o remédio deve vir do alto, do contrario todos os esforços serão de improficuos efeitos e não passarão de bonitas theorias”.

Preciso se torna que a Confederação dê um exemplo de reprovação ao profissionalismo, desde quando, lá no Rio, a *importação* é cultivada com esmero. [...] Torna-se até gaiata esta critica dos jornaes cariocas contra a *importação* nos Estados, quando nós somos, apenas, inteligentes imitadores. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 10 mar. 1919)

O Jornal Pequeno publica no dia 11 de março de 1919 matéria do Jornal “O Imparcial, oriundo do Rio de Janeiro. Nele “se observa um trama sórdido, inconsciente e perverso contra a lei do estagio [...] lá na capital do Paiz, cabeça pensante e dictadora de leis, sobre todos os assumptos”.

A queda dessa lei pode transformar o nosso mundo sportivo numa verdadeira orgia, sem estabilidade e sem firmeza moral. [...] Existem muitos players que jogam exclusivamente pelo interesse, pela conveniência pessoal e mais nada. Existem também, muitos foot-ballers que jogam por amor ao club, sabendo ser sportmen. [...] É pois, muito provável, que este ou aquelle jogador abandone o seu club para ir disputar por outro, e ainda passe desse outro para outro..., que lhe ofereça mais vantagem monetária. Ora, [...] ficará provado que esse jogador não tem amor a club algum. Esta prova de volubilidade estrictamente condicional, não só provará o character interesseiro do player, como também deixara patente aos olhos de toda gente as suas tendências para o profissionalismo. (Foot-ball. Jornal O Imparcial, Rio de Janeiro, in Jornal Pequeno, p.02, 11 mar. 1919)

A crítica dos jornais cariocas teve ampla repercussão no meio sportivo recifense, revoltando os principais responsáveis pelo seu destino. Expondo que o Rio de Janeiro possuía processo de importação mais avançado do que em Pernambuco, o Jornal Pequeno, defende os jogadores deste Estado.

Para que esta campanha sulista contra a importação nortista tenha lugar e mereça ser levada a serio, necessário se torna, que lá no sul se inicie a prophylaxia do mal. Aqui não se pratica, felizmente, ainda o profissionalismo ás escancaras pois os importados se mantêm á custa de seus próprios esforços, empregando as suas humanas energias, em empregos honrados. Nenhum dos nossos hóspedes [...] vivem ás expensas das directorias dos clubs, como parasitas prejudiciaes ao seu desenvolvimento. É talvez, estamos a acreditar, no Rio, onde o concurso dos bons playes é remunerado, philanthropicamente, pelos cofres sociaes, das sociedades a que são pertences. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 12 mar.1919).

Como foi dito anteriormente, o Sport Club do Recife seguiu em excursão para o Pará com o intuito de lá jogar algumas partidas contra os times locais. Acontece que o conjunto rubro-negro foi “enxertado” de elementos pertencentes a outros clubes da capital pernambucana arranjados de última hora. (Jornal Pequeno, 13/3/1919, p.02).

Bastante criticada, a diretoria do Sport publicou nota oficial no jornal A Provincia confirmando que havia levado ao Pará um selecionado composto por elementos de diversos clubes, como sejam: America, Torre, Santa Cruz e Flamengo.

O Sport não poderá se sentir orgulhoso com as glórias que, por ventura, possam ser conseguidas, pelos esforços de elementos arranjados á ultima hora. Á Liga, como zeladora do nosso nome desportivo, compete tomar medidas severas contra os que assim, irrefletidamente, procedem. Ás directorias dos clubs que tiveram os seus jogadores arrebatados, cabe o dever de agir com a energia que o caso requer. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 14 mar.1919)

Em entrevista concedida ao Jornal Pequeno no dia 15 de março, o comerciante Oswaldo Leite, tesoureiro do America, relata o encontro que teve com dois diretores do Sport na segunda-feira, dia 10 do corrente mês.

[...] achava-me na Associação Comercial, quando fui procurado pelos srs. Arnaldo Loyo e Carlos Medices que, me fazendo considerandos mil, pediram a minha intervenção junto á directoria do meu club, afim de devolvermos a sua procedência os jogadores *importados*. Extranhei, sobremaneira, esta atitude do Sport, o iniciador deste processo entre nós. [...] o nosso jogador Bermudes, convidado para passear em automóvel pela cidade, recebia propostas vantajosas para ficar no Sport. Jamais pensei que a paixão de vencer, chegasse a tanto. [...] O entendimento havido entre as directorias dos dois clubs era mera fantasia. [...] O Sport, levianamente, *stupet gents!*, offertou aos nossos jogadores srs. Alexis e Peres, 600\$000, a cada um, para deixarem as posições que occupam em nosso club, e seguirem com a embaixada ao Para. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02,15 mar. 1919)

Diante dos fatos, o Santa Cruz resolve iniciar uma campanha contra a “importação”, propondo á Liga medidas enérgicas contra o considerável número de jogadores estranhos ao meio esportivo pernambucano que se preparam para disputar o campeonato de 1919. Esperava-se que junto a esta campanha se juntassem os times: Flamengo, Peres, Torre, Varzeano e Casa Forte.

Está iniciada a campanha contra importação. O dilemma actual é o seguinte: ou a victoria do movimento rehabilitador, ou a morte do amadorismo e o conseqüente império das glórias conquistadas á preço de oiro. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 15 mar.1919)

A campanha de “moralização do futebol”, o combate à “importação”, ganhou como reforço o Sport Club Flamengo, campeão de 1915, “*época em que não se achava em prática o processo condemnável*”. O Peres, “um dos clubs mais distinctos, será também um dos legionários da campanha em prol do amadorismo.” (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02,16 mar 1919).

Os partidários do amadorismo defendiam que a chegada de jogadores de outras regiões era responsável pelo prejuízo do desenvolvimento físico da mocidade recifense. O desporto pernambucano precisava se livrar desse flagelo, desse processo condenável que era o profissionalismo.

Considerava-se que aqueles que participavam do meio esportivo desenvolviam certas qualidades de caráter, tais como, lealdade, cortesia, cavalheirismo, disciplina,

entre outros. O atual momento desportivo era tido como incompatível com os fins a que se destinava o futebol.

Os interesses inconfessáveis, transformaram o desporto, entre nós, em um factos de desavenças pessoais, florescendo o desgraçado germen da desharmonia, fructo nocivo ao desenvolvimento de uma sociedade culta, quando o desporto, tem como fim salutar, congregar os elementos, unil-os e fortical-os, tornando-os blocos de resistência e operários da grande obra da evolução social. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 17 mar. 1919).

Considerado uma “subornação”, o fato de o Sport ter oferecido dinheiro a jogadores alheios para participar dos jogos no Estado do Pará “demonstrava a ausencia completa dos sentimentos e requisitos inherentes dos perfeitos sportmen”. (Foot-ball Jornal Pequeno, p.02, 17 mar. 1919).

Em defesa do amadorismo, a campanha contra a “importação” vai tomando proporções maiores. Os clubes filiados a Liga Pernambucana de Desportos Terrestres vão convocando reuniões de assembleias para definirem suas atitudes.

No dia 18 o Jornal Pequeno publica carta do “*distincto comerciante e conhecido sportman Major Manoel Ausberto Lopes*”. Após relatar uma discussão intensa “em pleno recinto da Confeitaria Helvetica”, onde em “vozes altas”, um sócio do Sport “*calumniava um diretor do America com ditos pornographicos, embora bem próximo estivesse família que a contragosto assistia essa scena vergonhosa*”, o major e comerciante opina que “*o caso da importação [...] é synonymo de profissionalismo, e não posso errar*”.

[...] esse sr. Bermudes, ora na berlinda [...] estava colocado pelo America, mas falta de habito ao trabalho e percebendo que ganhava da mesma forma sem nenhum esforço, abandonou o lugar arranjado e desejava continuar com suas constantes suplica aos diretores do club por *money*, julgando perceber um ordenado tal qual um deputado, em recompensa de ser um bom jogador. Um outro do Sport Club do Recife, aproveitando o momento necessário de ser escalado no team, apresenta proposta para só ir no conjucto mediante certa quantia. Como se pode classificar tamanha importação? É ou não um profissionalismo sujo? (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 18 mar. 1919)

Ainda, em sua apreciação, a campanha contra “*esse germen perigosíssimo de profissionalismo*” deveria ser feita

dentro das normas de verdadeiros gentlemen para evitar a continuação dessas scenas vergonhosas, trazidas em publico e postas em pratica por esses footballers que, entre nós, vivem mascarados pedindo dinheiro: sou socio do Sport, como também do America e confio nos seus dignos diretores para

exterminarem mediante um acordo esse mãos elementos do nosso meio. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 18 mar. 1919)

O movimento de repressão ao modo de conquistar título de campeonato “a preço de oiro” recebia protestos de solidariedade que dava verdadeiro avante no combate ao profissionalismo. O combate a “*maldita importação*” recebeu apoio de uma “*inteligente torcedora*”, este “*nucleo forte e adoravel que nos grounds anima os heroes da peleja*”, que deseja juntar sua “*fraca voz ao brado de reprovação*”.

Assinada por Jessa d’Alva, esta carta explicita que as mulheres também se envolviam no universo masculino. Note-se todo o cuidado com as palavras.

Permitta-me que saia da penumbra da minha nulidade intelectual e nos venha trazer as expressões das minhas sympathias, pela vossa brilhante attitude de combate franco e decidido, a maldicta *importação*, cujo prosseguimento vale pelo desmoronamento do desporto pernambucano. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 19 mar. 1919)

Vimos que era comum a afluência de mulheres aos jogos do campeonato organizado pela Liga. “As gentis torcedoras” quase sempre tinham destaque na crônica esportiva dos jornais. Mas nem sempre essa presença era bem vista pelos frequentadores das disputas. O envolvimento das moças com o futebol, além de um “*entusiasmo exagerado*”, parecia ultrapassar a esfera desportiva.

Estas impelem os jovens players a praticar verdadeiros actos de heroísmo, com tanto que mereçam os seus aplausos veementes. Tem torcedoras de clubs, que torcem pela victoria das côres queridas: mas, há tambem, as torcedoras de ... players. Esse grupo é terrível nos momentos críticos, gritam nervosamente pelos nomes de seus predilectos, os elegantes cortejadores... (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 25 mar. 1919).

A campanha contra a “importação” prosseguia a todo vapor, com o Santa Cruz enviando ofícios a todos os demais congêneres para que estes aderissem ao movimento “moralizador” que desejava eliminar esse “cancro pernicioso ao desenvolvimento desportivo” pernambucano que era visto como demonstração de profissionalismo. “*Do interior do Estado e diversas associações de foot-ball desta capital, tem o Santa Cruz recebido telegrammas, officios, eles patenteando solidariedade e aplausos a sua brilhante attitude*”. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 26 mar. 1919)

Mais uma vez a opinião de um leitor é publicada pelo vespertino Jornal Pequeno. Achando justa e louvável a empreitada do Santa Cruz contra a importação, o

leitor que assina como Detenre Padilha expõe as dificuldade que deveriam ser suplantadas pelos adeptos desta campanha.

Ha nos estatutos da Liga artigo ou paragrapho que proiba este processo? Não. A Liga proíbe o profissionalismo, isto é, condemna aquelles que recebem dinheiro dos clubs para defender suas cores. Nós sabemos que, entre nós, existem dos <<importados>>, alguns incluídos neste ról. Mas de que maneira se pode provar a suposição? Onde os documentos necessarios para tal fim? Teremos ou não burlada acção dos combatentes á importação? (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 26 mar. 1919)

Acreditando que estes “pontos falhos foram convenientemente estudados pelos precursores da campanha”, ele encerra desejando a eficácia da ação repressiva a importação de jogadores de futebol.

Voltando ao entrevero em relação a ida do Sport à cidade de Belém, onde foi enfrentar os times locais Remo e Payssandu, a reunião ordinária do dia 26 de março do Conselho Geral da Liga Pernambucana de Desportos Terrestres realizou intenso debate.

Após a leitura do telegrama da Confederação Brasileira de Desportos, que informava que ela não iria interferir, pois não se tratava de “*uma questão inter-ligas e sim inter-clubs, cumprindo a Liga agir de accordo com as suas leis*”, a querela foi aberta. Representando o Santa Cruz, Carlos Rios “zelando bem alto, somente, pelos estatutos da Liga”, afirma que houve infração destes por parte do Sport. “Todos nós sabemos que os srs. Bermudes, Lellys e Alcindo Wanderley, não são sócios do Sport Club.” Em resposta o representante rubro-negro, sr. Renato Silveira, assevera que “os ellementos que compõem a embaixada são todos sócios do Sport, em pleno gozo de seus direitos, embora que na Liga não conste como tal”. (Jornal Pequeno, 27/3/1919, p.02)

Alheio a contenda que acontecia no Recife, a equipe do Sport, aguardada com ansiedade pelo meio esportivo paraense, era destaque na Folha do Norte, jornal da cidade de Belém.

A Folha do Norte, do Pará, edição de 15 do corrente, publicou o que se segue, em sua coluna sportiva: [...] Deve aportar a Belem, por estes dias, a equipe de foot-balls pernambucanos que aqui vem, a convite do sympathizado Payssandú, disputar alguns matchs com os amadores do mesmo sport cá da terra. Pelo que se diz a respeito da sua constituição emque figuram jogadores de fama, contractados no Uruguay, em São Paulo e Rio de Janeiro, formando um verdadeiro scratch com o título de Sport Club Recifense (sic). (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 28 mar. 1919)

Tomando partido em defesa do pretense amadorismo, nas páginas do Jornal Pequeno publica-se uma sugestão para que se melhorasse o nível técnico do futebol pernambucano sem a necessidade da “*vinda de jogadores afamados, pelo processo de importação*”. A aquisição de um *entraineur*, que venha ministrar aos *players* os conhecimentos indispensáveis do *football association*, era apontada com a solução para preencher a lacuna da “falta de escola” dos jogadores, tornando-os “*mais tarde os medíocres de hontem*”, nos “*campeões de hoje*”. Com a obtenção de treinador, os clubes ajudariam no “*triumpho pleno do amadorismo e a queda, para sempre, do profissionalismo abominável e desprezível*”.

Com este processo, gastam-se rios de dinheiro, enfraquecem-se as finanças e energias dos clubs, acarretando para Pernambuco as críticas rudes dos centros desportivos do sul. Seriam muito mais pratico, muito mais louvável e nobre, que os *emporios importadores* cuidassem de trazer para aqui, em beneficio de seus clubs, *entraineurs* habilitados. Isto feito, em breves tempos constataríamos no nosso meio uma perfeita metamorfose de costumes, livrando-se o apreciável jogo dos *truees* grosseiros e praticas condemnaveis. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 31 mar. 1919)

Ficava claro que os clubes gastavam dinheiro para reforçar suas equipes. Neste ano, só a equipe do America, na tentativa de obter o bicampeonato, trouxe mais dois jogadores. Essa atitude que era criticada por que prejudicava “*a mocidade dos clubs que os compõe por amor e por dedicação*”, nos leva a acreditar que estes jogadores egressos de outras praças esportivas aqui chegavam mediante interesse pecuniário.

1920 – Um ano agitado

No início do ano temos mais um claro exemplo de como o futebol nessa época era um esporte para poucos. As botinas e a bola de couro, essenciais para a prática de futebol, eram fabricadas artesanalmente e extremamente caras. Todo o material importado pelo clube tinha um requinte e valor tão grande que, ficou exposto em uma joalheria antes de ser colocado em uso.

Acham-se em exposição na joalheria Salathi-I, á rua do Cabugá, o novo uniforme para foot-ball, bollas do afamado fabricante William Shillcock (Premier), micas de lã e panno para blasers. Além do material esportivo acima, descripto e exposto, importou o Sport, diretamente da Europa, joelheiras, tornozelleiras, canneleiras e outros artigos desportivos. (Sport Club do Recife. Official. Jornal Pequeno, 09/01/1920, p.02)

Anos anteriores foi feito um anúncio de venda de material esportivo para a prática do *foot-ball*.

Imagem 8 - Venda de material esportivo



Reprodução Jornal Pequeno, p.02, 20 out. 1915. Criação do autor.

Para a Liga Desportiva Pernambucana, o ano de 1920 foi um ano conturbado. A campanha contra o profissionalismo, iniciada em 1916, recrudescceu neste ano, sendo intenso o debate nas instâncias de decisão da Liga e na imprensa recifense.

O ano da Liga se iniciou com a posse da nova diretoria, na *“esperança de que um novo horizonte surja no nosso meio desportivo, límpido de qualquer perturbação.* [...]. O lema do seu atual presidente, em suas palavras, era paz e progresso e *“os*

encargos que peçam sobre a nova directoria [...] são innumerous e as responsabilidades são grandes. (A nova directoria da “Liga”. Jornal Pequeno, p.02, 07 jan. 1920).

Em 26 de janeiro, o Dr. João Reynaldo da Costa Lima, o novo presidente da L.P.D.T, a pedido do representante do Torre, Dr. Prudêncio Lemos, convoca uma sessão especial do Conselho para que se discutam as medidas a serem adotadas contra o profissionalismo. A primeira assembleia do ano foi bastante agitada, o que já demonstrava o que seria decorrer do ano de 1920.

De início, parte dos clubes tentou suspender a sessão, declarando que havia uma ilegalidade. Os representantes do America, Sport, Peres, e Santa Cruz afirmaram que o convite das “*sessões ordinarias de concelho*” não atendeu a uma das disposições do estatuto que diz que a convocação das reuniões do conselho é exclusiva do presidente da Liga. A solicitação fora recusada e teve inicio a reunião.

Pedindo a palavra, Dr. Barbosa Lima após dissertar sobre importação e profissionalismo, apresentou um projeto onde pedia o cancelamento dos registros de inscrição de três jogadores do Sport Club do Recife e quatro do America Football Club, considerados pelo mesmo como profissionais. No decorrer de sua “*eloquente oratoria*”, antes mesmo de terminar seu discurso, o representante do Náutico sofreu “*violentos apartes de vários concelheiros provocando dessa forma anarchia no recinto da Liga sem que ninguem se comprehendesse*”. (A primeira sessão do concelho da “Liga Pernambucana”. Victoria do direito. Jornal Pequeno, p.02, 28 jan. 1920). Após serenar os ânimos, Renato Silveira discorre que foi o próprio Clube Náutico que iniciou a importação de jogadores no ano de 1916.

Esse projeto apresentado por Barbosa Lima fora taxado pelo cronista esportivo do Jornal Pequeno de “*autoritário, violento, caprichoso e por demais absurdo*”, visto “*que desejava produzir efeitos somente com a sua prova testemunhável*” (A primeira sessão do concelho da “Liga Pernambucana”. Victoria do direito. Jornal Pequeno, p.02, 28 jan. 1920).

Ainda durante esta reunião, o Dr. Machado Dias apresenta outro projeto que propunha delegar poderes a cinco conselheiros a fim de proceder a um inquérito sobre os jogadores indicados por Barbosa Lima e mais alguns existentes no meio desportivo, que embora pernambucanos, eram taxados de profissionais. Com pedido de urgência, este projeto foi aprovado por nove voto a sete, sendo eleitos os conselheiros Major

Ausberto Lopes, Tenente Martins Neves e drs. Renato Silveira, Barbosa Lima e Prudencio Lemos para compor a comissão de inquérito.

A nova diretoria da Liga, já no primeiro mês do ano, levantava novamente a discussão do profissionalismo dos jogadores *“duma forma merecedora de applausos e sem quebra da linha de distinção que devem manter as sociedades de escól como sempre foi a Liga Pernambucana”*.

A matéria do Jornal Pequeno se encerra na esperança de que *“a presente questão [seja] resolvida com dignidade a bem do progresso do sport em Pernambuco e da moral que sempre gozou a Liga Pernambucana”* (Jornal Pequeno, 28/01/1920, p. 02).

No dia 29 de janeiro, é publicada no Diário de Pernambuco a notícia que o presidente da Liga Pernambucana de Desportos eleito há um mês, dr. João Reynaldo da Costa Lima havia embarcado para o Rio de Janeiro. O vespertino Jornal Pequeno afirma que nada constava oficialmente na Liga em relação ao mesmo e exige que uma medida seja tomada.

Fomos informados pelo dr. João Duarte Dias que o dr. Costa Lima prometeu officiar do Rio a Liga apresentando sua renuncia, sem por óra nada constar oficialmente sobre sua ausência e nem pedido de licença, deixado pelo mesmo. Achamos esse processo contra os estatutos da Liga e, sendo assim, é necessário que o conselho na sua proxima sessão procure legalizar este estado de cousas. (A ausencia do novo presidente da “Liga Pernambucana”. Nada consta oficialmente. Jornal Pequeno, p.02, 29 jan. 1920)

Depois de quase dois meses sem notícias de grande importância sobre a Liga, no dia 06 de março é publicada no Jornal Pequeno uma entrevista com o presidente em exercício da Liga, dr. João Duarte Dias, sobre as *“ocurrencias”* havidas na última sessão do conselho, realizada dias antes, onde fora destituído do cargo.

O agora ex-presidente da Liga diz que houve deslealdade por parte de alguns conselheiros naquela sessão e que não tinha a intenção de tecer comentários a respeito do ocorrido, mas que para o Jornal Pequeno iria deixar o silêncio de lado.

Às 07 e 30 da noite, com a presença de 3 representantes do Náutico, 2 do Varzeano, 2 do Torre e 1 do Santa Cruz, teve início a sessão. Esgotado o expediente, passou à ordem do dia onde foram tratados diversos assuntos. Quando ia o presidente em exercício encerrar a sessão, um membro da bancada do Torre pede a palavra, que foi concedida, propondo *“que seja considerado profissional o player José Bermudes, em face de uma entrevista concedida pelo coronel Oswaldo Leite, ha mais de um anno,*

quando o Sport preparava-se para ir ao Pará". (A entrevista do nosso redactor desportivo com o dr. João Duarte Dias, sobre as occurencias havidas na "Liga". Importantes declarações. Jornal Pequeno, p.02, 06 mar. 1920)

Ainda na entrevista, o presidente da Liga diz que anunciou o que dizia o artigo 15 do regimento interno que proibia que um projeto rejeitado fosse objeto de nova discussão, pois entendia que se tratava do mesmo apresentado por Barbosa Lima, e este já fora rejeitado. Continuando, diz que neste momento houve ataques à mesa e a sua pessoa por parte dos conselheiros do Náutico, Torre e Varzeano. Pediu a palavra novamente o representante do Torre, Heitor Costa,

Que depois de atacar a mesa e aos conselheiros que ia de encontro às suas ideias, propõe a destituição da mesa, ou melhor, a deposição da mesa. Achei duríssima a proposta, mas, não vacillei, pondo-a em discussão. Levanta-se o dr. Barbosa Lima que faz o seguinte additamento à proposta do dr. Heitor Costa: que fosse destituida a mesa como protectora de profissionaes. [...] Entao assisti a deposição. (A entrevista do nosso redactor desportivo com o dr. João Duarte Dias, sobre as occurencias havidas na "Liga". Importantes declarações.. Jornal Pequeno, p.02, 06 mar. 1920).

Dessa forma, com a ausência de representantes do America, Sport, Santa Cruz, dentre outros, a Liga Revolucionária, como foi chamada o movimento que depôs o vice-presidente da Liga, derrubou a comanda da Liga.

Para o cronista do Jornal Pequeno, a Liga atravessava uma fase deveras crítica. A entidade estava envolta *"por uma onda de anarchia, que [...] vae dia a dia se avolumando, ameaçando a sua existência e sua estabilidade"*.

O advento de certos elementos demasiadamente ardorosos e mesmo demagogistas, ao seio de nossa Liga, tem sido a causa deste estado de anarchia em que ella se debate afflicta e quase desesperançada. [...] O attentado violento e sem qualificação de que foi alvo a mesa, legalmente eleita para dirigir as sessões da Liga, é sem precedentes na historia desportiva do Paiz. [...] O maximalismo invadiu o desporto pernambucano ameaçando fazer ruir por terra o seu templo. [...] Livremos a L.P.D.T das garras aduncas deste polvo trágico. (O maximalismo no desporto. Jornal Pequeno, p.02, 08 mar. 1920)

O líder do "movimento subversivo" que derrubou a mesa diretora da Liga concedeu uma entrevista ao Diário de Pernambuco, onde explica esta destituição. Publicada no dia 8 de março, o dr. Barbosa Lima Sobrinho, representante do Náutico frente a Liga, explica que as bancadas do Varzeano, Torre e do seu clube, considerando

capital a questão do profissionalismo, não poderiam perder a oportunidade de agir “*na sessão da quarta passada*” visto que “*há muito tempo que, pela ausencia systematica de algumas representações, não tem sido possível reunir o conselho.*”

A iniciativa coube ao representante do Torre, sr. Herculano Castro, que apresentou um projecto justificando a retirada do sr. J. Bermudes do registro de jogadores da Liga, em vista de sêr esse senhor profissional, conforme se depreendia duma entrevista concedida no anno passado por um dos directores do “America”, o sr. Oswaldo F. Leite. (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p.03, 08 mar.1920)

Barbosa Lima emite sua opinião em relação ao fato de o presidente em exercício da Liga não ter aceitado o projeto proposto pelo representante do Torre, alegando que este não era igual ao seu que fora rejeitado anteriormente.

O projecto do sr. Herculano baseava-se numa prova escripta, numa confissão de um dos interessados e chegava a cassar o registro do sr. Bermudes. O meu projecto fundamentava-se na evidencia do profissionalismo e attingia 7 importados. Havia apenas semelhanças, inda mais quando o Conselho recusara o meu projecto por achar fraca a prova evidencia. Desde que a prova se consolidasse e apparecesse como uma confissão, era natural que o Conselho tomasse conhecimento do projecto para discutil-o e votal-o. O sr, Duarte Dias não quiz. (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p.03, 08 mar.1920)

Acusando a presidência de Duarte Dias de ser ditatorial e este uma marionete de Machado Dias²², pois o “*sr. Duarte, na Liga, é governado por um syllogismo, a saber: “Machadinho é infalível; Machadinho tem essa opinião, logo, para que, eu seja também infalível, devo acompanhar a Machadinho”*”, Barbosa Lima expõe que foi então proposta a destituição da mesa que seria conivente com o profissionalismo na Liga.

Toda vez que se levantava uma campanha contra o profissionalismo, os drs. Duarte-Machado faziam as mais calorosas demonstrações palavrosas de solidariedade á campanha. Quando vinha o capitulo dos actos, a cousa mudava de figura. [...] era de concluir que o sr. Machado Dias, dentro da Liga, apesar de todas as suas declarações, apesar de todos os seus protestos, era a forte barreira defensiva do profissionalismo. Dizer Machado Dias é dizer Duarte Dias. Apresentei ao projecto de destituição um additamento “por sêr a mesa protectora de profissionaes”. O additamento foi também aprovado. (Foot-ball. Diário de Pernambuco, p.03, 08 mar.1920).

²² Ao que parece eram irmãos.

A intenção da Junta Revolucionária parecia sair da esfera da discussão profissionalismo *versus* amadorismo. Era o que apontava o cronista do Jornal Pequeno quando comentou a entrevista do *leader* Barbosa Lima Sobrinho ao Diário de Pernambuco.

A palavra do *leader* do movimento, hontem publicada, em entrevista, no *Diario de Pernambuco*, esclarece-nos bastantemente qual [sic] os intuitos dos paladinos da moralisação da Liga. Elle, o *leader*, dando largas a sua ironia, denuncia, trahindo-se aqui e acolá, que a campanha óra em fóco, não vise combater praticas ou idéaes e sim personalidades e clubs. Triste verdade! (A <<junta revolucionaria>> e as funestas conseqüências de suas arremettidas. Jornal Pequeno, p.02, 09 mar.1920)

O mês de março já se encontrava em andamento e a tabela dos jogos ainda não havia sido decidida.

Uma carta assinada por *Um pernambucano* é publicada pelo Jornal Pequeno no dia nove do corrente. Ainda sobre as deliberações acontecidas na reunião do dia três, este articulista defende abertamente que “*a inveja, o despeito, a ambição, foram os factores predominantes*” que atuaram na referida reunião na tentativa de atingir o America, o “*glorioso alvi-verde, o denodado bi-campeão pernambucano*”.

Sim [o America] teve realmente em seu *team* principal varios jogadores de fora, pórem, perguntamos: os citados jogadores, foram ou não legal e regularmente transferidos para este Estado, com plena acquiescencia de nossa entidade máxima, que não só concedeu o *passe*, como registrou os mesmo jogadores ha mais de dous anos? Elles, pertenciam ou não, á sociedade confederadas? Os jogos em que elles tomaram parte no anno transacto, foram ou não julgados legaes e aprovados por quem de direito? Como agora, no início do campeonato, se procura desprestigiar e aniquiliar o valoroso alvi-verde, depois do mesmo clube conquistar o título de campeão do norte, e não ter assim de momento, outros jogadores para substituir os falados *importados*? [...] Procurem derrotar o America no campo de lucta e não praticando falsidades e emboscadas. Sejamos leaes e justos. (A <<junta revolucionaria>> e as funestas conseqüências de suas arremettidas. Jornal Pequeno, p.02, 09 mar.1920)

Em resposta a *Junta Revolucionária* foi criada a *Junta Pacifista*, que não tomava “*a seu cargo o ingrato mister de defender o profissionalismo, logo que seja este comprovado por documentos irrefutáveis*. Criticavam o método como queriam proceder a Junta Revolucionária “*sem respeitar direitos líquidos, desviada do caminho da justiça e com feição verdadeiramente maximalista*.” (O momento desportivo. A sessão de hoje da L.P.D.T. promette ser agitada. Jornal Pequeno, p. 02, 10 mar.1920,)

Em meio à polêmica, mais uma carta é publicada. Assinada por Mutuca, o texto acusa que os clubes que estavam à frente da destituição da mesa diretora da Liga, possuíram e ainda tinham em seus plantéis, naquele momento, profissionais.

É que estes mesmos senhores conselheiros não se lembram dos dias passados em que seus clubs incluíam como jogadores indivíduos importados e propriamente profissionaes. [...] filiados á Liga em cujos quadros figuram verdadeiros elementos profissionaes propriamente ditos. (O momento desportivo. A sessão de hoje da L.P.D.T. promete ser agitada. Jornal Pequeno, p.02, 10 mar.1920)

No dia 10, o conselho da Liga iria novamente se reunir, em sessão que prometia ser agitada, pois a eleição dos cargos vagos na noite do dia 3 deveria acontecer. A reunião extraordinária foi “*assazmente movimentada, cheia de interesse, porém em plena paz*”. Duarte Dias e João Cavalcanti, que foram “*victimas de um attentado revoltante e desleal*”, foram sufragados pela maioria dos conselheiros presentes. Ainda, Sergio Aquino, que havia renunciado as funções de vice tesoureiro, também foi reeleito pela ampla maioria. (A reunião do conselho da L.P.D.T apesar de agitada correu em paz. Uma injustiça reparada. Jornal Pequeno, p.02, 11 mar.1920)

Sem tréguas, os partidários do pretense amadorismo seguiam combatendo ao profissionalismo, “*o processo assazmente condemnavel de se conquistar glorias ao preço de oiro. [...] Contra este mal que, logo nas suas primeiras manifestações, danos a perceber, não só dos seus funestos efeitos, como também do desenvolvimento que de certo tomaria, invadindo, tragicamente, a nossa organização desportiva*”. (Combatamos o profissionalismo com energia, porém sem attentarmos contra o direito alheio. O nosso alvitre. Jornal Pequeno, p.02, 12 mar.1920)

A “*prophylaxia desportiva*”, começada com um projeto do Santa Cruz, no ano de 1916 não teve andamento. Agora, quatro anos depois, novos adversários do profissionalismo surgiram. Na visão daqueles que já combatiam o profissionalismo anos antes, os “*néo-combatentes*” eram “*simples adhesistas*”. Para impedir que o “*amadorismo seja sacrificado*”, o texto sugere que seja feita uma “*revisão de todos os registros dos jogadores dos clubs filiados, reformando-se convenientemente, a parte dos estatutos da Liga que exige os requisitos para a admissão no seu seio.*” (Pela Liga. Jornal Pequeno, p.02, 13 mar.1920)

O atual presidente da Liga, João Reynaldo da Costa Lima, vinha sendo substituído pelo seu vice-presidente João Duarte Dias. Estando fora do Estado, o presidente não comunicou oficialmente a Liga, atitude essa que foi bastante criticada. Exigia-se agora uma atitude do vice-presidente, o mais alto poder em vigor, frente a essa situação de “acefalia” da Liga Pernambucana de Desportos Terrestres.

Conforme exigida, a L.P.D.T publicou uma nota convocando o presidente a apresentar-se na próxima reunião.

De ordem do sr. presidente em exercício e de acordo com o resolvido pelo conselho, é convidado o sr. dr. João Reynaldo da Costa Lima a comparecer á primeira sessão de directoria ou conselho, que se reunir depois da publicação deste edital, sob pena de considerar vago o cargo de presidente, de acordo com o artigo 103 dos Estatutos. Recife, 13 de março de 1920. Manoel Ausberto Lopes. 2º Secretario. (Pela Liga. Jornal Pequeno, p.02, 16 mar.1920)

A Confederação Brasileira de Desportos, na tentativa de cessar a mudança de Ligas por parte dos jogadores, decide ampliar o prazo do “estágio”. Agora era necessário que o jogador passasse um ano em determinada liga para que pretendesse sua filiação a outra. *“O estagio assim tão prolongado evita que os clubs armem as arapucas e consigam fortalecer os seus conjuntos com elementos de outras Ligas, ou sejam de outros Estados, de dia para noite, em franco prejuízo dos seus competidores”*, dizia a matéria. (Jornal Pequeno, 17/3/1920, p.02). Junto aos dois meses de residência que o jogador deveria ter em terras pernambucanas, (o prazo para exigido pela L.P.DT), esse novo período de tempo de catorze meses era agora outro óbice a “importação” de jogadores de outros Estados do Brasil.

Foi portanto sobre todos os títulos louvavel a resolução tomada pelo mais alto poder do desporto Nacional. O estagio adoptado pela *Confederação* é um magnífico específico para esta febre de importação que, como um epidemia tragica, vem affectando a organização desportiva do Paiz. O nosso applauso não regatearemos aos autores de tão salutar medida. (O estagio. Jornal Pequeno, p.02, 17 mar.1920).

No dia 23 é publicada na íntegra a nota da Confederação Brasileira de Desportos acerca da lei de transferência votada neste alto poder do desporte nacional. Publicado originalmente no jornal carioca *Paiz*, o texto trazia logo em seu primeiro artigo o que a muito se esperava em Pernambuco, que houvesse uma decisão “de cima” a respeito da transferência de jogadores.

Nenhum amador poderá transferir-se de uma para outra entidade sem que haja ocorrido um anno da ultima prova official, em que tenha tomado parte e esteja devidamente autorizado pela directoria da Confederação, a cujo presidente apresentará requerimento instruído com um certificado no qual figurem todos os esclarecimentos que lhe dizem respeito. (O estagio. Jornal Pequeno, 23/3/1920, p.02)

A L.P.D.T agora se preocupava com a discussão em torno da possível prática de profissionalismo em seu seio. Ainda no dia 23, tentou-se a realização de uma reunião para que houvesse a discussão do tema. A pedido do Torre Sport Club, que pretendia provar através de documentos que seus jogadores não eram profissionais, nesta assembleia apenas nove conselheiros estavam presentes. Sem o quórum suficiente, houve o seu cancelamento. A decisão ficou então para o mês posterior.

No mês de abril houve nova tentativa de discussão do assunto no Conselho Geral da Liga. Dessa assembleia, esperava-se por um ponto final na polêmica. Discutir e aprovar o projeto contra o profissionalismo, apresentado pelo representante do Náutico, Barbosa Lima, era o grande foco dos conselheiros para cessar de vez a situação de expectativa e de dúvida.

O conselho da *Liga* andaria muito bem aprovando hoje o projecto do dr. Barbosa Lima Sobrinho com as emendas sugeridas no parecer apresentado pelos drs. Sergio Aquino, Carlos Rios e Cicero Mello. O projecto como está elaborado contem disposições que marcham de encontro não só ás leis da *Liga*, como também às leis geraes, debaixo de cuja proteção vivemos. (As reuniões de hoje. Jornal Pequeno, p.02, 08 abr.1920)

A tão esperada reunião foi bastante tumultuada. Quando se discutia o projeto contra o profissionalismo, “*a troca de apartes violentos teve como consequencia um lamentável incidente entre representantes do Nautico e do Santa Cruz determinando a suspensão dos trabalhos*”. Após o incidente, foi reaberta a sessão, mas não havia mais número suficiente de conselheiros para seu prosseguimento. “O conselho nada deliberou acerca do projecto contra o profissionalismo”. (Pela Liga. Jornal Pequeno, p.02, 09 abr.1920)

Após a confusão ocorrida durante o debate do plano contra o profissionalismo, o orador da Liga, Carlos Rios, apresenta sua renúncia do cargo. Em longa missiva, Carlos Rios expõe sua insatisfação com a situação da Liga, “*entregue á mais lamentável das*

anarchias mercê dos ímpetos de juventude demasiadamente ardorosas” e apresenta o seu intento de abandonar o cenário esportivo.

O incidente ocorrido hontem na sessão de Conselho da Liga, evidenciou-me porém que não vale mais a pena dispender energias em beneficio do desporto, desde quando elle deixou de sêr um dos factores da fraternidade e da aproximação da mocidade, para constituir-se elemento de discordia e de dissolução. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 12 abr.1920)

Começada ás sete e meia e encerrada quando já se passava da meia noite, finalmente realizou-se no dia 13 de abril a reunião onde se debateu o projeto de Barbosa Lima Sobrinho apresentado desde janeiro. Dessa vez sem nenhum incidente, a contenda anti-profissionalista levantada pelo Santa Cruz em 1916 e este ano requeitada por novos contendores foi deliberada. Os artigos, parágrafos e alíneas foram lidos separadamente. Debatidos, com algumas modificações feitas pela comissão, os cinco primeiros artigos foram aprovados.

A polêmica ficou em torno do artigo 6º que estava assim redigido: *“Essa lei applicar-se-á a todos os jogadores inscriptos para o campeonato da L.P.D.T, a começar do anno de 1920, inclusive.”* Alguns conselheiros defendiam que as novas regras deviam retroagir, o que não foi bem visto pelo parecer da comissão e pela maioria do Conselho.

Contra essa arbitrariedade se insurgiu o parecer, merecendo as suas considerações o applauso da maioria do conselho que por 13 votos contra 9, rejeitou o citado artigo. Conforme a logica indica, esta lei, hontem aprovada começara a vigorar da data da sua aprovação em diante. Tomaram parte da discussão do projecto do dr. Barbosa Lima Sobrinho, os drs. Carlos Rios, defendendo o parecer da comissão; Maviel do Prado, sustentando o absurdo da retroactividade das leis; Oscar Brandão, provando o direito adquirido dos jogadores já registrados; Barbosa Lima, defendendo seu projecto; Oswaldo Lima, condemnando o profissionalismo e encarando a questão pelo seu aspecto moral e o sr. José Ferreira. (A movimentada reunião de hontem do Conselho Geral. O artigo 6º do projecto anti-profissionalista, por ser attentatorio, foi rejeitado. Jornal Pequeno, p.02, 14 abr.1920)

Ficou ainda decidido nesta assembléia que os jogadores acusados de praticarem o profissionalismo tivessem seus registros suspensos por três dias para que apresentem ao conselho documentos que comprovem que são amadores. Esta decisão tinha como intuito principal dar uma satisfação não somente à Liga, como principalmente ao público em geral, para que se fizesse desaparecer as suspeitas frente aos seus jogadores.

A apresentação de provas que livrassem da acusação de profissionalismo de jogadores nos clubes que compõem a Liga demorou mais do que o prazo inicial. Talvez isso se deva ao fato de que após tomar medidas defendendo os direitos adquiridos por esses jogadores, rejeitando um projeto que desejava retroagir, não era de se esperar que o conselho da Liga adotasse providências frente aos mesmos jogadores que já estavam disputando o campeonato de 1920.

A reunião para tomar conhecimento dos documentos que comprovavam que os jogadores vindos de outras ligas, acusados de profissionais, viviam pelo seu próprio esforço, que tinham meios de renda, que são empregados, foi realizada somente no dia vinte e três de abril.

“*Em Pernambuco não ha profissionaes*” estampava a matéria do Jornal Pequeno do dia 24 de abril. Como ficou claro, tomando conhecimento dos documentos apresentados pelos jogadores acusados de profissionais, o conselho geral da Liga Pernambucana de Desportos Terrestres proclamou que em seu seio todos os jogadores eram amadores. Os pormenores desta reunião foram noticiados no dia 26 e deixaram clara a divisão que a discussão provocou.

A reunião do conselho geral da L.P.D.T. realizada sexta-feira transacta foi sem duvida uma das mais importantes das que se têm verificado. [...] Ha seguramente tres mezes que irrompera com uma violencia extraordinaria uma nova campanha contra o profissionalismo norteadada por ínvios, não respeitando, não sua marcha, os protestos do direito e as verberações da justiça. [...] Natural e necessariamente em opposição a esta phalange de intelligencias brilhantes porém machiavelicas, se organizou o bloco da resistência inspirado na razão e tendo por unico objetivo defender spartacamente o direito que preciclitava. Estes eram os pacifistas. Ficaram, portanto, de um lado a junta *Revolucionaria* e do outro *A Pacifista*. (O epilogo de uma campanha. Em Pernambuco não há profissionaes. Jornal Pequeno, p.02, 24 abr.1920)

As batalhas tiveram lugar no plenário e nas colunas dos jornais durante os últimos meses. O desfecho das discussões foi a decisão de que os jogadores imputados como profissionais teriam de se defender perante a Liga, tendo que confirmar sua qualidade de amador, ou seja, tiveram que provar que vivem por conta própria, que tinham renda própria.

Às 7,45 teve começo a sessão. Vinte e quatro representantes se achavam presentes, isto é, ninguém faltou.[...] O sr. presidente começa a fazer a leitura dos documentos apresentados pelos jogadores cada um per si. Vem em primeiro lugar as provas pertencentes ao sr. José Sanches Bermudes, do

America. Estes constam de um atestado de importante firma dos srs. Seixas & Irmãos, dizendo o mesmo auxiliar de um dos seus estabelecimentos e mais um título de eleitor. Em discussão, pede a palavra o dr. Barbosa Lima Sobrinho, que procura convencer o conselho do pouco valimento daquelas provas, extranhando que nesta grande crise possa viver um rapaz que passa deaentemente apenas com os vencimentos de 150\$000. (Finalmente o direito triumphou. Perante o conselho geral da L.P.DT. os jogadores accusados de serem profissionaes, defendem-se cabalmente. Jornal Pequeno, p.02, 26 abr.1920)

Contra os votos dos representantes do Náutico, Torre e Varzeano, é declarado amador o *player* Bermudes.

Segue-se a leitura dos documentos dos srs. Benedicto Fernandes, Mario Franco, Nestor Cruz, Affonso Alarcon, Manoel Carvalho (Roxura), Antonio Perez, Fellipe Perez, João Baptista (Nhôsinho), Alexi Nugens e Luiz Salermo, que são igualmente aceitos pela maioria. (Finalmente o direito triumphou. Perante o conselho geral da L.P.DT. os jogadores accusados de serem profissionaes, defendem-se cabalmente. Jornal Pequeno, p.02, 26 abr.1920)

Estava terminada a campanha anti-profissionalista. Na Liga Pernambucana de Desportos Terrestres não havia profissionais. Apesar de se negar a existência de práticas não-amadoras na Liga, a realidade parecia corresponder a outra.

Provavelmente incomodados com as sucessivas vitórias do Sport e do America, conselheiros do Náutico, Torre e Varzeano, votaram contra a aprovação dos documentos apresentados pelos acusados de profissionalismo. Estes não ficaram satisfeitos com o resultado das investigações.

O dr. Oswaldo Lima, da Junta Revolucionária, diz ter chegado a conclusão de que sem se commetter um attentado, uma violencia, o que reprovaria, não se pode combater o profissionalismo. Sabe que elle existe, mas não pode se insurgir contra provas perfeitamente legaes e insophismaveis. (Finalmente o direito triumphou. Perante o conselho geral da L.P.DT. os jogadores accusados de serem profissionaes, defendem-se cabalmente. Jornal Pequeno, p.02, 26 abr.1920)

Anos depois, no prefácio de “*A década de 20 em Pernambuco*”, em *Testemunhos dos aspectos socioeconômicos e políticos*, Barbosa Lima Sobrinho relata sua experiência no que tange ao combate ao profissionalismo no futebol pernambucano, antes de se mudar para o Rio de Janeiro de 1921. Observemos sua atitude e o perfil dos membros que compunham da Liga neste momento.

No Recife, pude ainda fazer campanha contra o futebol não amador, pois que não encontrava meios para adoção de um futebol profissional e me parecia inconveniente a manutenção dos dois, lado a lado. Sei que consegui arrastar à sede da Federação de Futebol professores de direito e advogados de nomeada. (BARROS, 1985, p.29)

O sucesso esportivo do Sport Club do Recife e do America deve-se, não podemos esquecer, ao apoio financeiro de ricos coronéis.

Dentre o período estudado, o Sport e o America foram as equipes mais vitoriosas. Dotados de “*elementos de fama estranhos ao meio esportivo pernambucano*”, estes ganharam juntos cinco títulos da Liga pernambucana dos seis disputados, com a exceção do ano de 1915, onde o Flamengo foi campeão e ainda não havia a “doença” da importação.

Como o próprio cronista esportivo da época analisou, “*estes dois clubs, ricos e poderosos [...] não medem esforços e sacrifícios monetários, para manterem a hegemonia da importação*” (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 10 mar. 1919).

A competição passava da esfera esportiva e alcançava a econômica. O sucesso nos campeonatos, com o bom desempenho das equipes atraía cada vez mais público.

O futebol, mais do que diversão, com o passar do tempo, tornara importante fonte de renda para alguns através do profissionalismo oculto, que mantinha sob a aparência dos princípios amadores equipes construídas por jogadores remunerados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História do futebol no Brasil é marcada pela dinâmica social, econômica e política do país e seus “*momentos de inflexão e estruturação do [...] não podem ser entendidos sem menção à história do país*” (PRONI, 1998, p.179). Dividida, resumidamente, em quatro partes, ela está ligada inerentemente às circunstâncias da sociedade a qual pertence²³.

O primeiro inicia-se com o desembarque de estudantes brasileiros que foram ao exterior estudar e voltaram com as regras e o material necessário para o futebol. Neste, a elite da Primeira República tentou monopolizar a prática futebolística e fez dele marca de distinção e refinamento. Nas duas primeiras décadas, o ideal amadorístico foi predominante.

O subsequente seria principiado com o fim do amadorismo e a chegada do profissionalismo no decênio de 1930. Sob a tutela do populismo, a adoção do regime profissional tornou o futebol um esporte de massas.

No terceiro momento, durante a ditadura militar, tornou-se “*símbolo da força e da criatividade do povo brasileiro no período da industrialização pesada e do milagre econômico, integrado nacionalmente e militarizado*” (PRONI, 1998, p.179).

Durante os anos 1980, influenciado pelas mudanças jurídico-institucionais da nova Carta Magna e abalado pela crise econômica, o futebol continua condicionado pelas conjunturas da economia e da política nacionais. Então, na década de 90, avança na direção da gestão empresarial “*impulsionado pelos ventos neoliberais*” (PRONI, 1998, p.179).

Ocupamos-nos, nesta dissertação, de parte do primeiro período no futebol pernambucano, dominado pelo caráter elitista e a competição amadora.

Tema pouco estudado, o futebol em Pernambuco ainda tem muitas questões a serem levantadas. Levantamos algumas delas e, diante das dificuldades, selecionamos elementos pertinentes no intuito de esclarecê-las.

²³ Não podemos esquecer que o cenário futebolístico internacional influencia fortemente o brasileiro. Mas, com a finalidade de não nos tornarmos cansativos, essas circunstâncias históricas (políticas, econômicas e sociais) não foram aqui expostas. Para saber mais, consultar: PRONI, Marcelo Weishaupt. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: 1998.

O debate em torno da bifurcação amadorismo/profissionalismo foi o tema central deste trabalho. Diante dele, pôde ser observado que o ideal amadorista estava estreitamente ligado a noções de “moderno” e “civilizado”. O combate à “importação” de jogadores foi a forma escolhida por aqueles que defendiam o *ethos* amador de atacar a expansão da prática de *foot-ball* entre outras classes sociais.

A chegada desses *importados* era taxada como sintoma de profissionalismo, pois esses jogadores estariam de alguma forma recebendo vantagem financeira por praticar o futebol. Num período que o futebol era tratado como meio educacional e sinônimo de saúde, palavras como “doença”, “parasitas”, “condenável”, “maldita” e “cancro pernicioso”, fizeram parte da batalha a esse possível profissionalismo em andamento.

No período estudado observamos que ocorreu uma “hegemonia da importação”, pois com exceção do primeiro ano, todos os outros campeonatos foram vencidos pelos times acusados de não respeitar os ideais amadoristas.

Tabela 2: os campeões do período.

1915	Sport Club Flamengo
1916	Sport Club do Recife
1917	Sport Club do Recife
1918	América Foot-ball Club
1919	América Foot-ball Club
1920	Sport Club do Recife

Os campeões (1915-1920) - Criação do autor

Esses dois clubes eram sustentados pelos bolsos de ricos coronéis, e fica explícito que a competição alcançava além da esportiva, a esfera econômica.

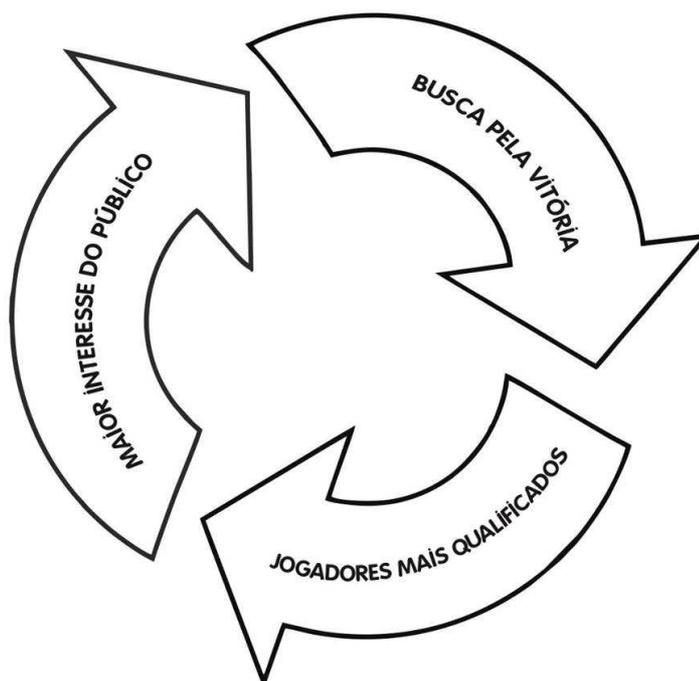
A mercantilização dos jogadores de futebol parece ser mais antiga do que se imaginava, pois os jogadores não eram vistos (pelo menos por alguns) apenas como praticantes de um entretenimento da ociosidade. Atingidos pelo capital, os jogadores começam a virar mercadoria. Eram reforços para se conquistar o título de um campeonato. Em outras palavras, quem tinha mais dinheiro, respectivamente, tinha um

melhor time e, conseqüentemente, venciam o campeonato. Ainda, não esqueçamos que o sucesso dos clubes era também o sucesso dos que os administravam²⁴.

Essa tão propalada atividade de lazer profilática expandiu-se. Com a comercialização de ingressos, tornou-se consumo de espetáculos. A intensa cobertura do evento esportivo do dia 21 de julho de 1918, por meio do Jornal Pequeno, nos transparece isso.

Na busca por títulos, os clubes iam à procura de reforços para seu time e estes, advindos de grandes centros futebolísticos do Brasil e até mesmo do exterior, atraíam o público que pagava ingresso para participar dessas tardes desportivas e adotavam um clube de coração.

Imagem 9 – Síntese que levou gradativamente ao profissionalismo dos jogadores de futebol em Pernambuco



Criação do autor. Arte final: Jaime Carrapatoso.

Assim ficava cada vez mais difícil conservar os nobres valores do amadorismo e segurar o avanço do profissionalismo.

²⁴ Remete-nos ao capital simbólico de Pierre Bourdieu (1989).

Na América do Sul, Argentina e Uruguai foram os primeiros países a adotar o profissionalismo, em 1931, como meio de impedir o êxodo de atletas para a Europa (especialmente para Itália e Espanha). Conseqüentemente, as demais forças futebolísticas sul-americanas também precisariam acompanhar os novos tempos, dada a ameaça de perderem seus principais jogadores e de ficarem para trás em relação a seus concorrentes. No Brasil, o profissionalismo foi instituído em 1933 (PRONI, 1998, p.145).

Vimos que após intensa campanha, com a realização de um inquérito tendo em vista investigar os possíveis casos de profissionalismo, chegou-se a conclusão de que não havia jogadores profissionais em Pernambuco.

Seria muita ingenuidade acreditar que um jogador deixaria o seu país, como foi o caso de Pedro Mazullo, para praticar o futebol somente como lazer, ou para o “desenvolvimento da raça”, como anunciava a eugenia. Alguns eram atraídos por cargos de poder dentro dos clubes (como foi divulgado em 07 de março de 1918), ou diretamente por oferta de dinheiro, como foi relatado em (15 de março do mesmo ano).

Concluimos que o período estudado é parte do que foi marcado por um semiprofissionalismo²⁵, amadorismo de fachada²⁶, ou ainda, profissionalismo marrom²⁷. Entre o amadorismo e a adoção do profissionalismo oficialmente (em Pernambuco no ano de 1937).

Por fim, não se esperou encerrar a discussão do tema, pois ainda há muita “*bola para rolar*” e nossa expectativa é ter contribuído para a ampliação do debate da história deste esporte em Pernambuco.

²⁵ CAPRARO, André Mendes. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico.

²⁶ PRONI, Marcelo Weishaupt. Esporte-espetáculo e futebol-empresa.

²⁷ ROSENFELD, Anatol. Negro, Macumba e Futebol.

REFERÊNCIAS

ALVES, Givanildo. Federação Pernambucana de Futebol: 1915-1999: 85 anos de bola rolando. Recife: Bagaço, 2000.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. Futebol de fábrica em São Paulo. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ARQUIVO NACIONAL, Os presidentes e a República: Deodoro da Fonseca a Dilma Rousseff / Arquivo Nacional. – 5ª ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: O Arquivo, 2012.

BARROS, Souza. A década de 20 em Pernambuco. Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?", in: *Questões de Sociologia*. Marco Zero, 1983.

_____. O poder simbólico. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1989.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. Revista USP, (Dossiê Futebol), n.22, jun/jul/ago 1994.

CAPRARO, André Mendes. Footbal, uma prática elitista e civilizadora – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação- Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

_____. Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. Tese - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

CAPRARO, André Mendes; JÚNIOR, Celso Moletta; JÚNIOR, Miguel A. de Freitas; SANTOS, Natasha. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação

episódica, fenômeno sistêmico. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v.17, n.2, p.534-555, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da república. *Revista USP*, São Paulo, n.59, p. 96-115, setembro/novembro, 2003.

COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920. Tese. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

DA MATTA, Roberto. *A Bola que Corre Mais que os Homens* - Roberto Damatta.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. v.1 e v.2. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

_____. *Antropologia do óbvio*. *Revista USP*, (Dossiê Futebol), n.22, jun/jul/ago 1994.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*..1 Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994. Volume 1(a).

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994. Volume 2(b)

ELIAS, Norbert e SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*, Lisboa, Difel, 1992.

FERREIRA, José Maria. *História dos campeonatos. Memória do futebol pernambucano (1915 a 2007)*. Recife: CEPE, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo, Cia. das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Corações na ponta da chuteira – capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. Revista Novos Estudos CEBRAP N.º 43, novembro 1995, pp. 26-44.

HÉLIO, Mário. Pereira da Costa Cronista e figurante – um historiador-deputado nos tempos da República Velha. Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco. Recife, 2001.

HOBBSAWM, Eric. Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOSBAWN, Eric e RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LIMA, Eduardo José. Silva. Futebol e Modernidade no Recife dos primórdios do século XX. In: XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: NUMEM, 2010.

LIMA, Solange Ferraz de & CARVALHO, Vânia Carneiro de. “Fotografias: usos sociais e historiográficos” in PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

LUFT, Celso Pedro. Minidicionário Luft, 16ª Edição. Editora Ática, 1999

MARANHÃO, Tiago Jorge de Albuquerque de. “Para o melhoramento da raça”. Eugenia e segregação no futebol do Recife. Monografia de bacharelado em História apresentada na Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

_____. Inferiores e degenerados: “raça” e futebol no Recife do início do século XX. Disponível em <http://www.facol.com/gestus/artigos/artigo5-completo.htm>. Acesso em 14/8/2013, às 01h22.

MARQUES, Carlos Bittencourt Leite. “Brinquedo, Luta, Arruaça”: o cotidiano da capoeira no Recife de 1880 a 1911. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História Social da Cultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2012.

MOLETTA JR, Celso et. al. Norbert Elias, uma nova abordagem para o estudo da história do futebol brasileiro. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/comunicacao_oral/art5.pdf. Acesso em 14/8/2013.

MORAES, Hugo da Silva. Jogadas insólitas: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

NASCIMENTO, Luiz do. História da Imprensa de Pernambuco. Vol. 02. Diários do Recife, 1829 - 1900. Imprensa Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, 1966. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf Acesso em 05/8/2013.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERRUCCI, Gadiel. Um projeto oligárquico-liberal de Universidade (notas para uma história da UFPE). *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, vol. 2 (nº 2): p. 505-520, jul, dez, 1986.

PIMENTA, Rosângela Duarte. Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão/ Rosângela Duarte Pimenta. Recife. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: 1998.

REZENDE, Antonio Paulo. O Recife. Histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

ROSENFELD, Anatol. Negro, Macumba e Futebol. São Paulo / Campinas: Perspectiva / Edusp / Unicamp Ed. 1993.

SALLES, José Geraldo do Carmo. Entre a paixão e o interesse: o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Henrique Sena dos. Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1901 – 1912. Esporte e Sociedade. Rio de Janeiro, n.16, 2010/2011.

SANTOS, Manoel Heleno Rodrigues dos. Memória rubro-negra (1905-1955). Sport Club do Recife “Cinquenta anos de glória”. Primeiro volume, 1985.

SARMENTO, Carlos Eduardo. A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmiento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmiento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil III. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. A linguagem racista no futebol brasileiro. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 394-406.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista; ROSEMBERG, Fúlvia. "Brasil: lugares de negros e brancos na mídia". In: DIJK, Teun A. van (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 73-118.

SILVA, Joana Lessa Fontes. Entre amadorismo e profissionalismo - o exemplo do processo de esportivização brasileiro a partir do futebol. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009, Recife. ANAIS XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009.

_____. Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009

TOLEDO, Luiz Henrique de. Lógicas no Futebol. Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

VICTOR EMRICH. Trabalho, Greves e Futebol: Luta, Identidade e Sociabilidade na Formação da Classe. Trabalhadora Friburguense (1911-1933). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

YAMANDU, Walter; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920 – 1930) *Recorde: Revista de História do Esporte* vol. 5, n.2, junho-dezembro de 2012, p. 1-13.